

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS (CCHB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGGeo-So)

EDSON LOPES DOMINGOS

A GEOGRAFIA DOS LUGARES E DAS PAISAGENS NA PERSPECTIVA DAS
EXPERIÊNCIAS E SENTIMENTOS NO PERCURSO DA OBRA “NO CAMINHO DE
SWANN” DE MARCEL PROUST

SOROCABA-SP

2024

EDSON LOPES DOMINGOS

A GEOGRAFIA DOS LUGARES E DAS PAISAGENS NA PERSPECTIVA DAS
EXPERIÊNCIAS E SENTIMENTOS NO PERCURSO DO ROMANCE “NO CAMINHO DE
SWANN” DE MARCEL PROUST

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo-So) da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmicas Ambientais e Socioespaciais. Linha de pesquisa: Produção do Espaço, Educação e Cultura.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Neusa de Fátima Mariano

SOROCABA-SP

2024

Domingos, Edson Lopes

A Geografia dos lugares e das paisagens na perspectiva das experiências e sentimentos no percurso do romance "No caminho de Swann" de Marcel Proust / Edson Lopes Domingos -- 2024.
114f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Neusa de Fatima Mariano
Banca Examinadora: Antonio Henrique Bernardes,
Otavio José Lemos Costa
Bibliografia

1. GEOGRAFIA;. 2. ROMANCE;. 3. MARCEL PROUST.. I. Domingos, Edson Lopes. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Edson Lopes Domingos, realizada em 07/03/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Neusa de Fatima Mariano (UFSCar)

Prof. Dr. Antonio Henrique Bernardes (UFF)

Prof. Dr. Otavio José Lemos Costa (UECE)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Para São Luiz do Paraitinga.

AGRADECIMENTO

Aos Lugares e as Paisagens por serem meu aporte e apoio ao contribuir com meus sonhos e reflexões durante o ciclo formativo na pós-graduação. As leituras recomendadas pelos professores tomavam posições assertivas, as quais amadureceram meu olhar às vezes longínquo, às vezes próximo daquilo a ser descoberto.

A professora Dra. Neusa de Fatima Mariano pelo carinho e pela paciência de maneira engajada em seus ensinamentos, a qual completava sua fina orientação. Com pitadas de leveza e senso crítico chegamos à concretização desta pesquisa.

Aos professores Dr. Antonio Henrique Bernardes e o Dr. Otávio José Lemos da Costa pelo aceite em participar na banca de Qualificação e de Defesa pelos apontamentos e contribuições para que prosseguíssemos na pesquisa.

Aos professores do PPGEO campos Sorocaba, Dr. Dennis, Dr. Emerson, Dr. Ismail. Dra. Rita (in memoriam), Dr. Antonio e Dr. Carlos Henrique, pelos quais tive a oportunidade em participar de suas aulas e ensinamentos, cada um trazia em si suas peculiaridades. E a todos que contribuíram para um conjunto de tributos no modo de fazer Ciências.

A UFSCar-Sorocaba por garantir uma estrutura para viabilizar nossos trabalhos, a biblioteca, os laboratórios de estudos, tanto os recursos humanos quanto técnico, vale lembrar do Paulo Lopes sempre cordial e atencioso.

Aos trabalhos de Campo com a professora Neusa e a Denise, cada caminhar e cada parada descobríamos momentos fantásticos, tudo refletia sobre a produção e reprodução do espaço.

Aos estudantes ingressantes do programa cada um trazia sua trajetória e compartilhava em encontros sempre valiosos.

“Eis porque a maior parte de nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labaredas, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva o passado, a melhor, aquela que, quando nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado”

RESUMO

DOMINGOS, Edson L. A Geografia dos lugares e das paisagens na perspectiva das experiências e sentimentos no percurso do romance “No caminho de Swann” de Marcel Proust. 2024. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

A pesquisa encontra-se no seio dos debates e dos diálogos entre a Geografia e Literatura restituídas pelo lugar e pela paisagem através da escrita romanesca, as quais tornam-se basilar em nossas reflexões. No romance “*No caminho de Swann*” de Marcel Proust, apresentamos os nomes Charles de Swann e Odette. Os lugares, a exemplo de Balbec na praia e Combray uma cidadezinha, lugares da infância do narrador. Nosso referencial teórico baseia-se na Geografia Cultural que se ocupam dos diferentes aspectos da cultura na análise dos fenômenos socioespaciais. Tomamos um diálogo aprofundado através das marcas deixadas por geógrafos como Dardel-(2015), referente ao espaço vivido e de Brousseau (1996), ao recuperar a leitura dos lugares e das paisagens mobilizadas pelas reflexões frente a escritura de autores literários. Na pesquisa foi coletado um conjunto de experiências e sentimentos vividos pelos personagens de maneira qualitativa, delimitamos nossos estudos só no primeiro volume visando a trajetória de como os personagens percebiam a paisagem e o lugar, a fim de serem contributivos para entendermos como a sociedade cria formas de organizar o espaço geográfico. Assim, a obra literária torna-se um objeto de análise dentro do escopo material, além de constituir contribuições inerentes aos aspectos internos e externos na compreensão destes conceitos fundamentais em Geografia contributiva para o conhecimento Geográfico. Subjaz, está presente neste recorte trazer uma para análise qualitativa devido ao teor científico requerido pelo leitor, ao trazer o deleite e uma maneira de fazer ciência.

Palavras-chave: Geografia; Romance; Marcel Proust.

ABSTRACT

DOMINGOS, Edson L. The Geography of places and landscapes from the perspective of experiences and feelings in the way of the novel “There sides of Swann” by Marcel Proust. 2024. Dissertation (Master’s Postgraduate Program in Geography) – Federal Universty of São Carlos, Sorocaba,2024.

The search is found in between at the debates and dialogues with Geography and Literature refunded by place and landscape through novel writing, which become fundamental in our reflections. In the novel “There sides of Swann” by Marcel Proust, we presente the names Charles de Swann and Odette. The places, such as Balbec on the beach and Combray, a small town, are place from the narrator’s childhood. Our theoretical structural is based on Cultural Geography, which delas with diferente aspects of culture in the analisis of socio-spatial phenomena. We take in an depth dialogue trough the marks left by geographers such as Dardel (2015) reffering to lived espace, and Brousseau (1996), When rescue the reading of places and landscapes mobilized by reflections on the writing of literary autors. In the research, a set of experiences and feelings lived by the characters were collected in a qualitative way, we limited our studies Only in the first volume in the face at the trajectory how the characters perceived the landscape and the place, in order to be contributory to understanding how Society creates forms of organizing geographic space. Thus, the literary text becomes an object of analisis with the material scope, in addition to constituting inherent to internal and external aspects in the understanding of these fundamental concepts in Geography that contribute to Geographic Knowledge. Underlying this, it’s presente in the section to bring one for qualitative analysis due to the scientific contente required by the reader, by bringing delight and a way of doing Science.

Keywords: Geography; Romance; Marcel Proust.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1-POR UMA METODOLOGIA CALCADA NA FENOMENOLOGIA E SUAS EXPERIÊNCIAS	18
2- A GEOGRAFIA SIMBÓLICA NOS LUGARES E NAS PAISAGENS.....	29
2.1- A interface entre Geografia e Literatura agenciado pela fenomenologia.....	32
2.2- Traços simbólicos (signos e sinais) no trajeto da obra estudada.....	35
2.3-O lugar e a Paisagem reveladas no espaço proustiano.....	37
3- A RETOMADA DA PAISAGEM E DO LUGAR NA OBRA DE MARCEL PROUST.....	45
3.1- O lugar e a paisagem entrelaçados na obra literária.....	49
3.2- Lugar e Paisagem: tratados na leitura “No caminho de Swann”	51
3.3- O conjunto de lugares e de paisagens agenciados pelas experiências.....	60
4- ESTUDOS SOBRE A CULTURA NO ROMANCE E A PERSPECTIVA DO ESPAÇO PROUSTIANO	69
4.1- O diálogo entre o romance e a cultura e sua repercussão nos lugares.....	72
4.2- As memórias habitadas nos lugares e nas paisagens.....	76
4.3- A reprodução do espaço itinerários e perspectivas pelo gesto do romance.....	79
5- A PRODUÇÃO DO ESPAÇO REPRESENTADO: NOMES E LUGARES.....	81
5.1-Produção e Representação dos Nomes.....	83
5.2- Produção e Reprodução dos lugares.....	86
5.3- Uma narrativa espacializada nos Lugares e Paisagens.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	112

INTRODUÇÃO

A pesquisa encontra-se no seio dos debates e dos diálogos entre a Geografia e Literatura restituídas pelo lugar e pela paisagem através da escrita romanesca, as quais tornam-se basilar em nossas reflexões, ao aderir às constantes mudanças ocorridas em nosso cotidiano. Sendo assim, a Geografia insere-se neste episódio contemporâneo emergido pelas transformações, ao requerer novas interrogações frente às concepções dos conhecimentos gerados pela humanidade.

A obra escolhida para nosso trabalho refere-se a um clássico literário francês “*Em busca do tempo perdido*”¹ de Marcel Proust, que é dividido em sete volumes. Delimitamos, para nossa pesquisa, apenas no primeiro volume chamado “O caminho de Swann”, com seus personagens centrais, apresentamos os nomes Charles de Swann e Odette sua amante e futura esposa. E também, os lugares em que encontramos os personagens em Balbec nas lembranças do narrador na praia e Combray lugares de sua infância durante suas visitas em férias. Toda a estória que cobre de 40 anos vivenciados por seus personagens no enredo do texto pelo escritor Marcel Proust, e cada um deles são marcados pelos fortes sentimentos de individualidade, mas sempre observados pela pluralidade externa que as constituem reveladas sempre em suas aparições.

A vida do autor cobre a data de 1870 até 1922 com sua morte, filho de um médico e professor de Higiene na Faculdade de Paris, e sua mãe foi filha de um agente de câmbio de origem judia, por ela que Proust adquire uma grande afeição, ao encontrar conforto e consolo frente aos seus medos. Marcel Proust teve uma infância difícil por ser uma criança muito doentinha e precisa ser protegida. Iniciamos com uma breve biografia devido a estes indícios aparecem no romance, uma forma de autobiografia e sua relação com os lugares e as paisagens àquela que vamos nos ocupar.

¹ A presente pesquisa relaciona Literatura em Geografia, a partir da obra “Em busca do tempo perdido” Volume 1 de Marcel Proust. A proposta que foi se desenhando, a partir da pesquisa de iniciação científica no curso de Letras na Universidade Federal de São Paulo. Na ocasião a pesquisa foi intitulada “A presença de Marcel Proust nos manuais escolares franceses, referente aos estudos sobre a presença de um autor literário nos manuais de ensino francês. Ao tratar sobre os lugares e as paisagens veiculados pelos personagens. Suas percepções sobre o espaço vivido tornam-se pertinentes para contribuir com conhecimento geográfico na aproximação entre Geografia e Literatura.

A obra de Marcel Proust apresenta uma relação entre a sociedade e a forma de sua escritura, aqui recuperadas por meio de nossas leituras geográficas, ao entrelaçar os símbolos emocionais e sentimentais, os afazeres agenciados pelos personagens buscados nas memórias do escritor. Ao trazer uma reflexão estética e crítica sobre a realidade. De modo, a mostrar a moribunda sociedade aristocrática em decadência e a crise da burguesia. Ressalta-se a importância da visibilidade das pessoas mais simples como a cozinheira, o carroceiro, os criados para os serviços gerais da casa.

A busca dos detalhes caracterizados por símbolos e signos na apresentação dos lugares e das paisagens impressionam e ativam os olhares veiculados na obra que serviram para legitimar a leitura do espaço geográfico na obra estudada. A partir de lembranças armazenadas na memória do escritor são trazidas para nossas reflexões. Essas serviram de base para que pudéssemos compreender o próprio estilo do escritor e sua representação do espaço geográfico.

Assim, a escolha do livro “Em busca do tempo perdido” de Marcel Proust, não significa buscar algo no passado, mas sim trazer elementos para se compreender o futuro com as lentes obtidas em nossa realidade ao refletir sobre perspectiva das transformações presentes em nossas vidas e como pensá-las para expandir nossas expectativas a outras significações e sentidos, agora em transformação considerá-los sujeitos e não simples objetos para considerar os sujeitos de determinada realidade. A partir da tomada de posição de ambos podemos refletir sobre nós mesmos. Isso requer que tenhamos uma atenção especial à percepção para que possamos operá-las na realidade.

Diante da obra completa do escritor constituído por sete volumes e quase 3000 mil páginas a escolhemos por ter um caráter diverso e múltiplo. Ela apresenta claramente os lugares por onde passam e vivem os personagens. Assim, abriremos uma maneira de penetrar neste terreno amplo e horizontal à espera de novas interrogações. Direciona-se a uma leitura do espaço geográfico por meio da fixação da linguagem por si em sua escritura, ao permitir relacionar as ações e experiências ficcionais ao conhecimento da Geografia.

As primeiras partes do volume 1 da obra referem-se a ‘*Combray*’, e ‘*Um amor de Swann*’. A primeira confirma a lembrança da infância, lugar em que em suas crises precisavam ser amenizadas, e o segundo o retrato da figura de Swann relata sobre o amor e os sentimentos emocionais cristalizados no personagem.

O lugar abriga um conjunto de relações sociais e culturais, ao aderir suas expressões numa variação de acordo com a interação natureza e sociedade dentro de realidades simples e complexas favorecidas pelo agenciamento cultural, estabelece diante de suas constantes transformações novos significados a serem buscados na prática humanizada da construção do lugar, eleva-se a configuração do status do lugar como um conceito ser definido pelos traços físicos e culturais organizado pelo grupo social determinado.

Assim, segundo Monteiro o lugar dá um sentido de concretude ao texto literário:

A construção do “lugar” ou do conjunto de lugares que um romance contém levaria à consideração de que o “espaço” é, ao mesmo tempo, “meio” do sentido e também do seu “objeto”. A concretude do lugar, em tanto que qualificado concretamente por um espaço exterior, geográfico, seria uma necessidade corpórea, que se realiza num *continuum* local mais ou menos definido e que a percepção do leitor tende a identificar uma realidade concreta, geográfica. Cada tradição cultural fornece uma visão particular de mundo que o reveste de uma estrutura espaço-temporal. (MONTEIRO, 2002, p.14)

Ao abordar o texto literário podemos perceber como o autor citado reconhece os conceitos geográficos nas obras literárias. Isso nos remete a entender que o lugar observado nos romances serve para ser estudado e pesquisado, tanto pela sua diversidade quanto por sua densidade apresentada nos textos de literatura. Sendo assim, há o cuidado ao se reconhecer as fronteiras e suas possíveis interconexões formando o enredo e a construção do espaço atrelado às relações sociais vividas por seus personagens, no qual o lugar vivido ganha vida, e sua necessidade de ser narrada.

Nesse sentido, a verificação dos signos (símbolos), ao atingir o sistema simbólico, não está na captura das recordações ou uma exploração da memória. Mas, sim buscar aquilo que está oculto na escritura, a fim de resgatar o sentido e o significado muitas vezes perdidos que reivindicam suas veiculações nos lugares e nas paisagens. Assim, o espaço proustiano à primeira vista parece de forma fragmentada e inacabada, cuja necessidade está em buscar uma maneira de materializá-la. Recorre-se por meio das lentes interpretativas da Ciência Geográfica.

Ao serem associadas a percepção e imaginação de cada detalhe, uma parte de verdade e outra de incompletude, deixa-se para o leitor continuar suas buscas proporcionado pelo inventário de cada personagem veiculado no romance.

Os personagens são elaborados pelo autor no agenciamento dimensionado na perspectiva tempo-espaço, e a cada momento e lugar há uma nova revelação concomitante com a troca de identidade e mudança de destino destes avatares. Esses seres ficcionais são dotados de sentimento e de paixão, os quais ganham vozes com o narrador.

Uma contribuição fundamental foi a obra de Monteiro (2002), por ser um trabalho denso que é repleto de paisagens e lugares. Monteiro (2002) apresenta uma análise de grande porte justificado pela relação entre o mapa e o drama ao dar nome a seu próprio livro: “O mapa e a trama”. A construção do seu texto nos revela uma concentrada interconexão entre a Geografia e a Literatura.

Na pesquisa foi coletados um conjunto de experiências vividas pelas personagens de maneira qualitativa, por isso delimitamos nossos estudos só no primeiro volume visando a trajetória de como o personagem percebia a paisagem e o lugar, como a paisagem e o lugar geram dados contributivos para entendermos como a sociedade cria formas de organizar o espaço geográfico agenciados pelos personagens.

Os lugares no romance ganham a sensibilidade do autor, a representação do espaço é ao mesmo tempo real e imaginária, muitas vezes os personagens são associados aos lugares. Por exemplo, “Albertine está ligada ao mar, a senhora de Stermaria a brumosa Bretanha, e tanto é assim que possuir uma ou outra é possuir o espírito e a alma dos lugares:” (Erman, 2015, p.90). Destaca-se a importância de apresentar as singularidades internas das personagens e dos lugares, e cada individualidade é percebida ao compor parte do imaginário e das sensações e dos julgamentos do autor e do leitor.

O importante se encontra na relação na relação que o espaço adere às condições dos personagens e dos lugares, tornar-se um espaço concreto unindo-os, aqui repousa a visão do autor, sua imaginação, percepção e ação. Seguindo a mesma orientação podemos compreender o espaço como uma topografia gestada por limites e habitado por uma comunidade de personagens com suas devidas identidades agenciadas pelos lugares e paisagens, assim escritas.

Sendo assim, assim os lugares correspondem à situação de cada personagem aplicada a seu desenvolvimento no enredo da obra, por isso o lugar é uma experiência, ao apresentar-se como um espaço vivido e sentido, subjaz modelado em suas relações intrínsecas.

Portanto, o lugar se define pelas relações entre os seres que o habitam e as coisas que o constituem: um território pertence ao coletivo e ao sociológico, trata-se de uma linguagem e uma cultura acentuado no lugar, o qual conjectura o relacional e o individual, os diversos

lugares mostram os personagens existem de forma coesa misturando a imaginação à Geografia pelo gesto dos símbolos advindos na presença de nossas perspectivas de análises.

Ao configurar a apreensão de uma narrativa espacial atrelado ao espaço vivido no romance pelo gesto dos personagens dentro dos diversos lugares constitui-se em paisagens mobilizadas pelos eventos ocorridos no romance, a fim de realizar uma conclusão para se meditar sobre a realidade.

A materialidade do romance evoca a presença e passagem por uma cidade, uma rua, um quarto particular, um museu etc. Por exemplo, “é a cidade da convivência da sociedade (os salões, o Bois de Boulogne etc.) é da sexualidade (seus bordéis, a ilha de Bois, mas também o Ritz)” (ERMAN, 2015, p.92). Os quartos trazem suas características como um refúgio, um ninho, espaço íntimo, os quais são permeados por experiências ao configurar-se em narrativas, aqui podemos chamar de narrativas espaciais.

O objetivo geral da pesquisa é compreender a interrelação entre a Geografia e a Literatura em um diálogo aprofundado através das marcas deixadas por geógrafos como Dardel (2015), Brousseau (1996), o último recupera a leitura dos lugares e das paisagens mobilizadas pelas reflexões frente a escritura de autores. De certa maneira, faz-se compreender dentro de um romance do século XIX, as transformações ocorridas na construção socioespacial parisiense diante das reformas urbanas gerenciadas por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891). Nomeado prefeito de Paris por Louis Napoleão III, tendo o título de “Barão”, foi o grande remodelador contando com a colaboração de arquitetos e engenheiros renomados da Paris da época. (BENÉVOLO, 1998, p.92). Neste momento, a presença de Proust é relevante porque ele retratada as transformações dos lugares e das paisagens agenciadas em sua literatura, ao anexar suas memórias e lembranças ao configurar o espaço vivido por meio das mobilizações de seus personagens afetadas por estas reformas faraônicas, cujas mudanças alteram drasticamente o modo de vida das pessoas.

Esses objetivos irão estabelecer análises a serem acrescentadas ao conhecimento geográfico, assim relacionar as novas conexões de conceitos dos lugares e paisagens da pesquisa é entender como o autor configura as paisagens agenciadas por personagens e lugares constituindo a paisagem na forma de leituras, cujas abordagens remetem a busca de um encontro com a consciência Humana e Social plasticizado pelo olhar atento aos movimentos trazidos no percurso de uma obra literária.- Entender como o autor apresenta as paisagens e os lugares por meio dos personagens de ficção, e perceber como estes lugares

proporcionam experiências vividas no próprio texto: escrito e lido, e como os lugares e paisagens são consideradas para efetivar uma leitura geográfica de um romance e sua contribuição para a compreensão do evento lugar e paisagem. Além de estabelecer uma narrativa espacial originada da vinculação entre a geografia e a literatura, de modo a criar contribuir para uma consciência reflexiva da produção no espaço.

A recuperação dos estudos dos lugares e das paisagens foram localizadas em nosso trabalho, por meio da leitura dos clássicos deixados por geógrafos e literários. Rememora-se ao texto “Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. (CALVINO-2007, p.11).

Neste caso, o trabalho cobre e apresenta suas peculiaridades sobre a presença humana na Terra. Seus apontamentos dirigem-se para uma contribuição significativa para formação e reflexão de nossa sociedade, cujos indícios estão presentes e prestes a serem revisitados e estudados.

É justamente, na reflexão sobre os lugares e as paisagens tratados e representados por Marcel Proust conduzidos por seus desdobramentos e mensurados por diferentes textos compreendidos nas perspectivas dos geógrafos e estudiosos presentes em nosso trabalho.

Aqui tratamos de suas questões ao utilizar os lugares e as paisagens como materialização de uma realidade a serem desvendadas e entendidas, ao abri-las em seu interior relações as quais ganham sentidos e significado e trazer os elementos decifrados para o seu entendimento, decorre-se a caracterização do tempo-espaço ao agir sobre a Terra materializando-a diante dos pensamentos e a utilização dos recursos naturais agenciadas no desenvolvimento do texto dadas à humanidade.

O que buscamos não é propriamente dito na ficção, mas sim um olhar mais prospectivo sobre as análises geográficas inseridas em romances de maneira a agenciar nossas análises de como se dá a produção do espaço, assim recuperados na escrita traçada pela imaginação e pela realidade ao contornar as peculiaridades dos lugares e das paisagens vistas na escrita do romance.

A fim de garantir uma leitura geográfica da obra de Marcel Proust, constitui-se uma grande fonte de materiais, observadas e intermediadas pelos símbolos veiculados no romance, as quais podemos capturar experiências humanas e sua relação com os lugares e as paisagens. Assim, tendo em mãos os elementos humanos ficcionais e fixados na escrita

temos a possibilidade de demorar mais em seus movimentos relacionados aos lugares e a paisagem configurativos da obra desta forma a construir um mosaico analítico.

Assim, a obra literária torna-se um objeto de análise dentro do escopo material, além de constituir contribuições inerentes aos aspectos internos e externos na compreensão destes conceitos fundamentais em Geografia contributiva para o conhecimento Geográfico. Subjaz, está presente o seu recorte e torna-se necessário para fins de análise qualitativa devido ao teor científico requerido pelo leitor, ao trazer o deleite e uma maneira de fazer ciência.

Os capítulos que se seguem buscam dar uma visão geral do caminho trilhado pela pesquisa, ao serem conferidos no formato em série em que estão à disposição abaixo. De maneira a constituir pelo seu trajeto o desenvolvimento percorrido. Assim, no primeiro capítulo aderimos a uma metodologia bibliográfica para compreendermos os fenômenos das experiências humanas. No capítulo seguinte, trata-se da configuração da geografia simbólica organizada por elementos mediados por símbolos veiculados em um romance e sua relação com os lugares e as paisagens. No terceiro capítulo é tratado sobre os traços de lugar e de paisagem na obra romanesca. Assim, seguimos para o elo entre cultura, memória entrelaçadas na constituição dos lugares e paisagens, a fim de relacioná-los em uma perspectiva calcada na produção do espaço. E no último capítulo a construção da narrativa espacial ao fazer uma leitura geográfica do romance.

1-POR UMA METODOLOGIA CALCADA NA FENOMENOLOGIA E SUAS EXPERIÊNCIAS

Na busca pelo rigor científico, a metodologia da pesquisa deu-se a partir de análises bibliográficas de forma a visibilizar o diálogo entre a Geografia e a Literatura na perspectiva de suas interfaces. Desta forma, procurou-se garantir um rigoroso percurso centralizado nos conceitos de lugar e de paisagem.

Os livros e artigos pesquisados trouxeram cada à sua maneira colocar em evidência sobre os eventos ocorridos devido às transformações feitas pelas reformas de Paris, ao ser substituída sua paisagem bucólica (do tempo medieval) para aderir a modernização (urbana, as grandes construções). Isso requer mostrar a nova modelagem ao apresentar o espaço vivido das personagens e as relações com as paisagens e lugares mobilizados pelos sentimentos e sentidos.

Nesse caso, buscamos na literatura os aspectos culturais e sociais permeados pelas práticas em uso, agenciadas pelas experiências vividas, ao observá-las presenciamos as diferentes formas de sobrevivências nesta nova realidade atrelada a relação intrínseca entre os personagens, paisagens e lugares apreendendo nesta relação a infinita colaboração homem e natureza, até hoje.

Fronteira entre a subjetividade e a objetividade. A primeira estudada na literatura nos daria este aporte para pensarmos sobre a produção socioespacial. E a segunda, que busca a essência dos fenômenos encontrados nos lugares e nas paisagens, ao constituir a configuração do entorno do espaço vivido. Dentro desta produção espacial podemos ter diferentes elementos para se compreender os aspectos culturais em detalhes na produção do espaço mobilizado por agentes desnaturalizando aquilo que é humano.

Uma das abordagens bibliográficas foi a busca das referências nacionais trilhadas por alguns autores, nos levaram a adquirir alguns livros importantes e periódicos estrangeiros, no caso francês, considerando que há muitas produções já bem qualificadas, as quais puderam agregar interpretações muito próximas para resolver nossas questões.

Nesse sentido, a fenomenologia trouxe muitas contribuições para nosso trabalho para entendermos melhor as fontes no tocante mais revelador devido sua relação entre os

personagens, as paisagens e os lugares. Tais relações mostram as peculiaridades das características das paisagens e como os nomes desses lugares eram motivos de uma melhor atenção, o qual foi requisitado pelo nosso trabalho.

Assim, capturamos e unimos alguns aspectos da simbologia para serem decifradas quando bem descritas colocá-los não apenas como objetos nos ajudam a constituir uma hermenêutica do lugar que nos leva a sair dos círculos fechados, o que nos lembra Gadamer (2008) em seu livro *‘Verdade e Método’*, os traços fundamentais de uma teoria da hermenêutica, auxiliadas por diferentes vozes e sua devida alteridade, aqui direcionadas às questões que são a essência produtiva espacial. Assim:

Uma consciência guiada por uma consciência metodológica procurará não simplesmente realizar suas antecipações, mas torná-las conscientes para poder controlá-las e ganhar assim uma compreensão correta a partir das próprias coisas. É isso que Heidegger quer dizer quando exige que se “assegure” o tema científico na elaboração prévia e concepção prévia, a partir das mesmas. (GADAMER 2008, p. 359)

Ao traduzir o lugar como evento e paisagem como forma para se compreender a relação social na transformação histórica, a qual é desdobrada na compreensão do encontro entre a fundamentação e a metodologia frente a coisa como tal, por isso, as vozes dão novos sentidos a realidade, e não deixar nada do que resta de dúvida.

Deste modo, recorreremos a um romance devido sua preocupação em fazer uma leitura, além de exigir sua compreensão no próprio ato desta compreensão. Portanto, a fenomenologia de Gadamer chama-nos a atenção para que “Chegou o momento de tornar positivas aquelas considerações negativas. Nesse sentido, o preconceito nos oferece um primeiro ponto de partida” (GADAMER, 2008, p. 361). Porque exercem um gesto de compreender que as coisas em si precisam ser reparadas, porque muitas vezes recebem uma inversão de valores que prejudicam sua compreensão na realidade. Por exemplo:

Dessas inversões de valores do romantismo se origina a atitude da ciência do século XX. Essa não mede mais o passado com os padrões do presente, tidos por absolutos; outorga aos tempos passados um valor próprio e em certos aspectos é capaz, inclusive, de reconhecer sua superioridade. (GADAMER, 2008, p. 366)

A literatura chega até nós como uma prática social a ser lida e relida porque atravessam o tempo-espaço, ao deixar vestígios de como viviam, como foi dito no início sobre a importância de os clássicos de Italo Calvino (2007), ela representa os povos, suas atitudes, seus conflitos.

A abordagem fenomenológica pode direcionar a geografia aos eventos das experiências e práticas vividas no cotidiano. A fim de situá-las de forma a circunscrever a representação do mundo por meio dos conceitos tratados pela geografia como espaço, lugar, paisagem etc.

Numa visão geral, *o Dictionnaire Marcel Proust (2014)* foi um projeto para consagrar e justificar a importância de um dos grandes romancistas do século XX, ao trazer contribuições, mais específicas sobre a realidade do autor e, também um conjunto de informações coladas e verbetes, os quais utilizaremos em nosso texto para compor uma interpretação das interpretações mais difíceis. Sendo assim, *o Dicionário Marcel Proust* pode potencializar nossas reflexões. Desta forma, um exemplo para apresentar os lugares na obra:

Le titre de la premier partie de DCCS*est un lieu dans la géographie de RTP*, et un moment dans l'enfance* du Narrateur*. Aussi, Combray désigne selon le contexte, l'époque de l'enfance du narrateur, ou les lieux de cette enfance, ou encore, ce début du roman qui contient les promesses de la suite. La coïncidence de l'espace et du temps* l'une des formes qu'assume la mémoire* proustienne, façonné la géographie imaginaire de "Combray." (DICTIONNAIRE MARCEL, 2014. p. 219).²

Os fragmentos descritos são encontrados com informações importantes dos lugares e pessoas, às quais serviu de modelo para o escritor, abrange um conjunto disponível para operacionalizar as leituras e as análises, assim constituindo um diálogo entre a Geografia e a Literatura, além de orientar aqueles que observam os lugares no romance.

A partir deste dicionário remontamos a uma época elencando suas transformações e mudanças no pensamento humano anterior à eclosão dos estudos genéticos e intertextuais, onde foi possível achar várias contribuições. A partir destes estudos podemos recuperar a

2 "O título da primeira parte DCCS- (Du côté de chez Swann: O caminho de Swann), é um lugar na geografia de RTP- (À la recherche du temps perdu: Em busca do tempo perdido), e um momento na infância* do narrador*. Assim, "Combray" designa segundo o contexto, da época de infância do narrador, outro o lugar daquela infância, outro ainda, o início do romance que contém os lançamentos dessas repercussões. A coincidência do espaço e do tempo*, uma das formas assumidas pela memória* proustianas, sem ritualizar a geografia imaginária de "Combray". Tradução livre

diversificação das relações sociais agenciadas na situação dos personagens, dos lugares e da temática do romance que ficaram ocultos em pesquisas anteriores.

Assim, nos permite construir através da forma e técnicas tratadas por Georges Poulet (1992), cuja distribuição está permeada no romance, através de suas linhas de níveis e seus exercícios de repetição, isto é, a convergência de montar uma maneira de criar um conjunto de categorias como os lugares presentes no texto.

Com isso, as relações sociais entrelaçadas à cultura, ao emergir um diálogo direto com a Geografia, gerando uma organização que nos levará a um percurso de análise baseado nas relações sociais e calcado nos entremeios socioculturais. Ao utilizar a construção do corpus: as descrições dos lugares e suas experiências, ao trazer as implicações e problematizações veiculadas na sociedade moderna, além de perceber como os fragmentos da escritura proustiana aparecem pautadas na Geografia Cultural.

Buscou-se sistematizar os acontecimentos ao observarmos nosso entorno, especificamente relacionado às características do lugar e da paisagem ao buscar nas ações inseridas no romance proustiano como os personagens, o enredo, os cenários agenciados por sensações e sentimentos que abrem novas interpretações para entender a reprodução socioespacial e cultural.

A relação entre Geografia e Fenomenologia permite entrever uma produção situada do conhecimento geográfico, uma ontologia espacial que enalteça sublinhe uma Geografia dos espaços vividos, uma “Geografia situacional”, de modo que, enquanto método ou filosofia, a Fenomenologia permite a um só tempo a crítica e a renovação da Geografia enquanto conhecimento prático e científico. (SERPA, 2021, p.9)

Essa relação permitirá reconstruir as lacunas escamoteadas nos conceitos de lugar e de paisagem diante das transformações ocorridas na modernidade, ao identificar os conflitos e contradições presentes na realidade geográfica, ao exigir novas interrogações para superação das lacunas deixadas no meio do caminho. Assim, busca-se trazer as possibilidades nas quais as experiências do espaço vivido podem trazer novas indagações.

Estabelece-se uma clarificação no processo de produção do espaço na interface cultural, cuja recorrência adere a retificar os significados simbólicos oriundos da cultura ao cumprir um mapeamento dos elementos culturais, os quais se encontram dispersos, mas de maneira cristalizada e fixada no formato de romance.

Assim, restitui-se as experiências nas ações dos personagens por encontrarmos fixados em lugares, “A existência do outro como o ‘outro eu’ dá nos acessos a um mundo que não é mais unicamente o da experiência particular, mas do mundo intersubjetivo que existe para todos nós” (SERPA, 2021, p.13).

Nesse sentido, o romance cumpre através de seu material os elementos constitutivos da relação homem/mundo, a partir de uma série de experiências as quais percebemos e somos percebidos como realmente participantes de um mundo em transformação.

De acordo com a argumentação:

Discípulo de Husserl, Merleau-Ponty, em sua *Fenomenologia da Percepção*, distingue do espaço geométrico o espaço antropológico como espaço existencial, lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado e em relação intrínseca com o meio (Merleau-Ponty,2006).É assim que a natureza pode encontrar “seu” caminho para o centro de nossas vidas pessoais, tornando-se ligada de modo inextricável às nossas existências, mas também “recebendo” nossos padrões de comportamento e conduta, que se instalam no mundo natural como um “mundo cultural” (SERPA, 2021, p. 13)

Sob a égide da argumentação destaca-se a importância de compreender a humanidade em sua totalidade permeada por relações aplicadas no e com o meio físico, sendo a última as condições necessárias para tais transformações, as quais são modeladas pelos recursos naturais e oferecidas para a construção do espaço vivido.

Sempre transformado pelo mundo humano no intermeio de suas realizações criativas e produtivas refletidas naquilo que vemos e vivemos, cuja reprodução no meio poderá influenciar nossas vidas revelando cada vez mais nossa intimidade com a terra e suscita novas descobertas advindas de nossas experiências, revisitadas pelas marcas humanas deixadas em nosso cotidiano.

Ainda segundo Holzer, as tentativas de Lowenthal para renovar os métodos utilizados pelos geógrafos culturais levaram-no a propor três temas que ele considerava fundamentais para os estudos geográficos: a natureza do ambiente; o que pensamos e sentimos sobre ele; e como nos comportamos e alteramos o ambiente. (SERPA, 2021, p. 14)

A renovação consiste em trazer diversas contribuições humanistas para fundamentar e dar mais propriedade ao conhecimento geográfico: ‘*a natureza do ambiente*’. Conhecer este

tema é presenciar as condições oferecidas ao homem, nas quais fixam e da sobrevivência de vida. Além de preservar e prevenir situações para assegurar a integração de um grupo restituído pelas relações sociais por experiências.

Essas experiências constataam o segundo tema ‘*o pensamos e sentimos sobre ele*’. Aqui recuperamos o que há na aproximação entre a humanidade, o lugar e a paisagem. Tal contribuição se dá necessariamente para revelar o pertencimento assegurado pelo sentimento e pelas emoções, às vezes não capturado pelo rigor científico. Encontra-se refúgio na fenomenologia por tratar a percepção da realidade, como uma produção constitutiva da humanidade, e na interpelação do homem no meio que buscaremos explicar a origem da produção e reprodução do espaço, e sua capacidade em transformá-lo.

Relph defendeu a ideia de que os significados originais do mundo vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; para o autor, o mundo vivido não seria absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos. (SERPA, 2021, p. 15)

Cabe ressaltar que a concepção de Relph (1979) considera que o mundo natural determina aquilo que podemos chamar de material. Isso requer mostrar que a natureza oferece à humanidade toda a materialidade para que o homem a transforme.

Portanto, a humanidade produz e confere seus significados. Mas, diante de tantas produções, ficou sem ser reconhecido por não estar filiado a algum rigor científico. Por isso, a necessidade em trazer novas descobertas e sistematizá-las para que possa estar à disposição de contribuições e de diálogos.

Relph foi buscar inspiração também na de um geógrafo francês de liceu, Eric Dardel, que publicou, em 1952, um livro intitulado “*L’Homme et la terre: nature de la réalité géographique*”. (Dardel, 1990). Para Dardel, o espaço fenomenológico seria uma resultante de uma conjunção de direções e distâncias, que formariam, em um nível mais complexo de integração, as categorias espaciais do mundo vivido, como lugar e paisagem. (SERPA, 2021, p.15)

Torna-se oportuno ressaltar a combinação dos trabalhos de Eric Dardel, aos dos fenomenologistas como Heidegger, Minkonki e Bachelard. Eles chegam até aqui por trazer trabalhos sobre descrições de experiências geográficas feitas em poemas, pois carregam

alguma afinidade com nossa pesquisa sobre o romance, ao contribuir para o repertório de materiais geográficos.

Outra contribuição importante é a de Denis Cosgrove, ao tratar “a cultura como central dos objetivos da geografia Humanista, que busca compreender o mundo vivido dos grupos humanos.” (SERPA, 2021, p.18). Nesse sentido, os laços culturais são permeados por simbologias as quais são reconhecidas e apropriadas pela humanidade. Dentro de seu círculo de atividades inseridas em práticas vividas, práticas em uso, presentes em grupos sociais e seus lugares, cabe ressaltar que as condições materiais de cada lugar dão as características da produção socioespacial e cultural.

Essa contribuição é tratada por diferentes autores que acenam a importância da abordagem hermenêutica enviesada nas experiências permeadas no espaço vivido. Além de contribuir para nossas reflexões, “são autores como Denis Cosgrove, Peter Jackson, Don Mitchell, James Duncan, entre outros, que compreendem ‘modo de produção’ como ‘modo de vida’, com especial interesse pelos meios de produção simbólica.” (SERPA, 2021, p. 19).

As pesquisas do geógrafo James Duncan (2004), versam sobre algumas técnicas de leitura, a partir de conceitos imprescindíveis para um texto literário, a partir de reflexões e usos veiculados na compreensão interna do texto, o qual trataremos aqui sobre o romance, a fim de estreitar a relação entre a geografia e a literatura.

De maneira a manter um diálogo frente a uma clarificação pertinente aquilo em que buscamos em nosso trabalho, entender o papel do lugar e da paisagem em textos literários e sua relação com o pensamento geográfico, James Duncan (2004) é citado por Serpa como uma contribuição interessante para uma legítima aproximação e compreensão da realidade geográfica em transformação.

sobre as paisagens como sistemas de criação de signos e suas análises “textuais” da paisagem a partir de técnicas de leitura e interpretação – como um conjunto de metáforas, sinédoques, metonímias etc., - que remetem a mensagens e conteúdo para além do visível e do imediatamente apreensível pelo observador. (SERPA, 2021, p.19)

De certa maneira, ao lidarmos com a forma de texto literário é significativo abrir-se para o mundo material, que encontraremos no romance devido sua carga cultural imprimida e constituída pelas condições naturais - aquelas que ganham forma - ao passarem pelas mãos da

humanidade. Isto requer apresentar a necessidade de olharmos a forma de inserção do homem em seu meio ao decifrar os códigos simbólicos, os quais configuram a construção do lugar e da paisagem, onde podemos resgatar as diferentes experiências acumuladas pelas ações da humanidade na produção e reprodução do espaço.

Tomamos a concordância de Angelo Serpa (2021) atribuídos a Milton Santos (1994; 1996). Portanto, Serpa concorda com Milton Santos ao dizer que a paisagem:

[...]é feita de rugosidades, de cristalizações do passado que se misturam às formas contemporâneas no presente, ela é também um fato que é a um só tempo histórico e geográfico, pois (ela) a paisagem é evidentemente uma produção humana, se caracterizando como um conjunto de elementos/objetos interligados, sempre exprimindo e condicionando crenças e ideias e cristalizando períodos históricos em seus processos de (trans)formação. (SERPA, 2021, p. 22).

Na verdade, o que temos é uma materialidade a disposição de nossos olhares, devido a aproximação na interface da reflexão na abordagem fenomenológica da geografia ao emergir novos significados, os quais ganham um sentido de expansão ao aderir aos elementos constitutivos da modelagem do lugar e da paisagem. Ao decifrar os recursos materiais veiculados em nossa análise temos um modo de compreender o tempo histórico a partir do presente, isso requer voltar na história com os olhares do presente.

Sendo assim, considera-se o espaço como uma produção humana concatenada nas transformações agenciadas pelas ações das crenças e ideias, de maneira a configurar o simbólico e suas interpretações frente ao uso e práticas, os quais sugerem novos entendimentos para o conhecimento geográfico.

A abordagem fenomenológica conduzirá a uma,

[...] a redução fenomenológica nos revela também que a paisagem não é simplesmente uma relação entre o sujeito e um objeto, ou melhor, um conjunto de objetos como é mais apropriado para a definição de “paisagem”, mas, sobretudo, uma relação que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como universais. (SERPA, 2021, p. 25)

Essa questão nos insere na perspectiva em colocar em pauta o interior dos conceitos de paisagem e lugar aplicados pela fenomenologia por meio das experiências vividas encontradas justamente entre o sujeito e o objeto ao serem analisados por aquilo que os unifica.

A necessidade da troca de posições entre *sujeito/objeto e objeto/sujeito* obtida pelo método fenomenológico, aquele que valoriza a observação a partir de uma relação de trocas, ao dimensionar novos afazeres e efeitos da realidade.

Nessa perspectiva, o objeto se torna sujeito, pela virada de significações e sentidos permeada no cotidiano, porque tanto o sujeito quanto o objeto carregam em si situações reveladoras arquivadas pelo tempo e presente no espaço configurando-se a relevância de temáticas a serem compartilhadas com o conhecimento geográfico. Uma troca de olhar torna-se evidente em nosso trabalho.

Nesse contexto abre-se a tomada de análise já iniciada por Merleau-Ponty em seu trabalho sobre a “*Fenomenologia da Percepção*”, ao buscar a presença do fenômeno como uma percepção originária. Entende-se um por vir aquele que está à espera de um acontecimento ou evento, e é percebido quando ocorridos já conhecidos no cotidiano dos fenômenos naturais: chuvas, terremotos, raios e trovões.

O que é tratado a partir das sensações, relações sociais, sentimentos, emoções plasticizadas no juízo e memória. O percebido constitui-se elementos formativos para o conhecimento. “unidade de coisas na percepção, não é construída por associações, mas condição da associação, ela precede os confrontos que a verificam e a determinam, ela precede a si mesma” (Merleau- Ponty, 2006: 40 apud SERPA, 2021, p. 25.)

Sendo assim, ao capturar as experiências dos personagens de romance poderemos elaborar um mapeamento das emoções e sentimentos, a fim de compreender como se dá a relação no íterim fronteiro entre experiências e na paisagem e no lugar. Assim ressaltamos a presença humana tanto nas experiências quanto na produção dos lugares e das paisagens como forma construtiva da ação humana frente aos recursos viabilizados em sua realidade.

Nesse caso, recupera-se a importância da abordagem fenomenológica em nossos estudos ao adentrar no interior dos conceitos geográficos para tornar aquilo que pode revelar “o invisível espacial presente no ‘visível’ de cada paisagem, de cada aparição, enquanto ‘essência’, construindo uma tipologia baseada em sistemas materiais e sistemas de valores” (SANTOS, 1994;1995;1996a apud SERPA, 2021, p. 27.)

Portanto, ao relacionar a Geografia e a Literatura teremos uma melhor clarificação para recuperar em espaços fixos da escritura momentos da aparição desta relação por ser constituída por uma rica simbologia, fundamental para o nosso entendimento sobre a produção e reprodução do espaço.

Sob essa ótica, a paisagem vai se revelar não só como *intermundo*, interseção de experiências e sensações, mas também como imaginação/imaginário, como “horizonte do ser”, na perspectiva apontada por Merleau -Ponty, uma possibilidade de interseção entre Geografia e arte (SERPA, 2021, p. 33)

Ao trazer a possibilidade em abrir-se a novos horizontes em nossa pesquisa destaca-se um movimento de fortalecimento das ações, especificamente humana, que nos leva a reconhecer uma melhor compreensão do simbólico agenciados por suas realizações plasmadas na cultura, que circula e adentra nos meandros da consciência.

Surgem novas indagações sobre a configuração dos lugares e das paisagens nos afazeres cotidianos de forma a estimular as ações criativas aquelas que transformam a realidade configurando pelas interpretações e seu estado das formas constituídas pelos recursos presentes no mundo, fenomenologicamente em seu devir na interface social e cultural no âmbito socioespacial vivido pela humanidade.

Foram realizadas diferentes fontes bibliográficas para certificarmos sobre o estado elementar do lugar de nossa pesquisa, feitas em livros, periódicos e artigos, é importante citar a utilização de dois dicionários franceses, sendo que um deles trata da obra em pauta e outro sobre o autor dessa obra. Assim foi possível averiguar as lacunas, de forma complementar nossas análises, por isso, recorreremos a estes dicionários para compreender melhor o escritor e comparar com os lugares presentes na obra, quanto a sua invenção ou sua realidade.

A utilização dos dicionários torna-se pertinente e relevante para que possamos compreender as ações operadas na narrativa para esclarecer a configuração do espaço vivido constituído pelos personagens, nas paisagens e no lugar.

Pressupõe-se que as narrativas pelas suas plasticidades advindas deste conjunto possibilitem condições para entender o espaço literário analisado, ao evidenciar quais as possibilidades mobilizadas pelo romance poderiam ter um gesto na fábrica de paisagens e lugares plastificadas pelas experiências entre o Homem e o Mundo.

O recorte se dá pela emergência das transformações sociais implicadas na construção do espaço geográfico, que exige o diálogo entre os conhecimentos, assinalado desde as primeiras civilizações pelas marcas deixadas a muito tempo. O homem e sua relação com a terra buscam na convivência no uso das condições materiais oferecidas pela natureza, cuja mentalidade humana operada pelos fenômenos fabricam sua morada na Terra.

Tomamos como aportes referenciais os elementos culturais e sociais agregados em nossa análise frente aos conceitos de paisagem e de lugar, no romance literário, numa dinâmica socioespacial operada pelas relações sociais, na perspectiva dos dados qualitativos e pormenores relacionados aos processos que a metodologia colabora com a formatação do espaço e exige uma atenção apropriada para que haja uma melhor compreensão sobre a produção espacial frente ao diálogo entre a Geografia e a Literatura.

2- A GEOGRAFIA SIMBÓLICA NOS LUGARES E NAS PAISAGENS

Parte-se de uma organização cartográfica mediado pelos sinais e símbolos dos lugares e das paisagens no interior da obra literária, ao restituir os elementos simbólicos mobilizados pelas emoções e sentimentos, de modo operar as categorias geográficas como: lugar e paisagens por meio das análises de suas relações sociais e culturais. Abre-se a emergência de novos olhares da geografia frente a uma obra literária.

Assim encontramos nos aspectos geográficos uma maneira de compreender o espaço, além de trazer as evidências agenciadas por experiências vividas pelos personagens proustianos e sua intrínseca a proximidade com os lugares e as paisagens, cuja aparição é mediada por narrativas imaginadas entrelaçadas com a realidade, ao serem aplicadas no interior dos textos literários, tais narrativas apontam cada vez sobre a importância em compreender a condição dos personagens dentro de cada lugar específico.

Nesse sentido, os avatares personificados contêm suas características individuais, os quais revelam as particularidades dos lugares e paisagens, o conjunto dos eventos particulares dão as devidas formas fenomenológicas experienciadas tanto no romance quanto o leitor proporcionado pelo contato dos sentidos e significações, além de constituir uma cartografia de experiências dentro da perspectiva de uma geografia obtida na obra de Marcel Proust, especificamente, '*No Caminho de Swann*' (Vol.1).

Um dos primeiros contatos com a pesquisa se deu com o fato de descobrir a grande afinidade com que Marcel Proust modelava seus personagens de acordo com a geografia do lugar representada em sua escritura, através de experiências vividas proporcionadas por seus personagens. Configura-se o "espaço proustiano" trazido por Georges Poulet (1992), onde encontramos os sentimentos e desejos de forma a refletir sobre a relação entre Geografia e Literatura.

A partir da compreensão interna e externa do pensamento humano, cujos fenômenos naturais e sociais são carregados na formação dos personagens presentes no movimento e no caráter operatório diante da captura pelas experiências realizadas pelo homem e a natureza presentes no mundo, que permeiam toda sociedade. Sendo assim, precisamos qualificar tais experiências buscadas dentro de um romance.

Uma perspectiva de análise acerca das experiências vividas, pode ser vista por intermédio das aberturas das relações sociais na malha das questões socioculturais refletindo

algumas lacunas escamoteadas pelo discurso conservacionista sedimentados no interior do lugar motivados por reações internas e externas as personagens.

Uma abordagem suscitada nos meandros da Consciência Humana para fortalecer uma grande virada na forma de olhar a realidade pelo seu viés cultural, humanizando áreas de patrimônio material e imaterial operado pelos sentimentos, adicionando o fator humano como essencial na sua preservação.

Portanto, as manifestações culturais que são criadoras de espacialidades podem nos dar pistas refletidas sobre os gestos das personagens em análise, no tocante à produção de territorialidades simbólicas configuradas pelos signos dos sentimentos como amor, paixão, raiva etc., em que a permanência dessas práticas culturais é favorecida por determinada estrutura sociocultural.

Ao mesmo tempo em que outras esferas de organização espacial impactam na produção espacial mediante a criação de discursos e normas que nomeiam o lugar respectivamente ao fazer uma leitura dos símbolos presentes ao implicar uma separação territorial. E ao mesmo tempo contribui para ordenar sua representação concomitante às tentativas de apropriação do espaço.

Assim, ao trazer o referencial teórico temos a oportunidade de retomar nosso objeto de análise: a obra de Marcel Proust, escritor francês do século XIX. Com o seu conjunto temático dos sentimentos e das emoções, principais elementos constitutivos do temperamento e humor da humanidade. Esse referencial dará base sobre a construção do espaço geográfico com a leitura de um romance e seus devidos diálogos pautados na fenomenologia.

Nesse sentido, concentramos em alguns fragmentos desta obra para apresentar como as categorias de paisagem e lugar constituem o ambiente ficcional e sua trajetória no percurso das personagens agenciados pela produção literária seguindo o enredo permeado por lugares como refúgio dos personagens coletando as experiências presentes veiculados e atrelados aos gestos socioculturais.

A discussão será orientada por alguns pesquisadores, cuja temática trata-se da Geografia e Literatura por meio das questões que vão nortear nosso texto, as quais são: Como o autor Marcel Proust descreve e narra os lugares e as relações socioculturais de seus personagens? Tais temas são agenciados por personagens ficcionais nas relações sociais que se configuram nas organizações socioespaciais sob a ótica da obra Atlas do romance europeu 1800-1900 de Franco Moretti (2003), apresenta uma nota sobre os mapas literários:

[...] Duas coisas basicamente. Em primeiro lugar, realçam o *ortgebunder*³, a natureza espacial das formas literárias, cada uma delas com sua geometria, suas fronteiras, seus tabus espaciais e rotas favoritas. Em seguida, os mapas trazem à luz a lógica interna da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza. (MORETTI, 2003, p. 15)

O mapeamento destas paisagens capturadas nos símbolos veiculados nas obras literárias proustianas, o qual permite reconhecer os lugares e seus traçados frente às condições circunscritas pelo movimento preambulado por experiências vividas, no qual o destaque se faz na natureza configurada pela escritura do autor literário e pelo que foi apresentado aos personagens possibilita a abertura das várias questões para futuras análises colocadas hoje para nossa sociedade através dos fatores socioculturais.

A narrativa do autor em foco constitui uma fronteira entre o eu em si e o fora de si, capturada no enredo do romance como fator integrador de percepções da realidade socioespacial. É preciso levar em conta as transformações das paisagens, o que requer a busca de um devir pensado na dinâmica tempo-espaço como emancipação do agir.

Considerando que o romance já é um objeto de vários estudos no Brasil e no exterior observados em muitos artigos e há muitos estudos relacionados a geografia e a literatura, e agora nossa dissertação tem o interesse em contribuir com o campo da geografia que se dedica aos espaços vividos capturando experiências e atos atrelados à configuração do lugar e da paisagem pautados em Brosseau (2007) e Dardel (2015).

Tomamos as contribuições do livro “*O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*” de Eric Dardel (2015), trazer reflexões por meio de testemunhos de épocas habitadas nas memórias e sua imbricada relação entre o Homem e a Natureza, sendo um gesto de despertar para a consciência geográfica agenciada pelo homem ao buscar a natureza da realidade geográfica.

Dardel escreve:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2015, p. 31)

³ A expressão é de Reiner Hausserr, “Kunstsgeographie – Aufgaben, Grenzen, Möglichkeiten”, *Rheinische Vierteljahrsblätter*, XXXIV, 1970, p. 58. [NT: ortgebunden: literalmente, preso, ligado ou vinculado ao lugar. (MORETTI, 2003, p. 15).

Ao operarmos com a obra de Dardel (2015). Em seus conceitos de Paisagem e lugar, assistida por uma realidade circundante no cotidiano, ativar o espírito humano em relação aos sentimentos dominantes da sensibilidade, ao dar um sentido válido para que possamos compreender nossas construções mentais e organizar nossos pensamentos, uma aproximação adequada e aplicada aos elementos que encontraremos no romance. A partir daí, constituir novas análises na geografia frente a relações socioespaciais dos personagens dentro do romance.

Brouseau, (2007), apresenta uma possibilidade de leitura de romances, cujas fontes geográficas tornam-se *sine qua non* para o status de uma leitura sobre obras literárias e de relações socioculturais, ao tratar a geografia e a literatura, como um elemento constitutivo das experiências vividas dentro de um mundo cada vez mais global.

2.1-A interface entre Geografia e Literatura agenciado pela fenomenologia

A pesquisa busca tratar uma combinação de diferentes conhecimentos, há muito tempo já iniciada, damos continuação ao nosso texto por meio de uma configuração pensada nas transformações de nosso entorno. Às vezes, essas transformações são criadas ou inventadas, a exemplo da paisagem, em que os escritores buscam utilizar os conceitos de paisagem e lugar em seus romances e ficções.

Frémont (1990), afirmando que a geografia regional também dependia, em parte, da arte, convidava os geógrafos a refletirem sobre as obras literárias para eliminar a divisão dos saberes sobre o espaço. A literatura, assim, está “associada desde o início aos trabalhos sobre o espaço vivido, campo que tem dado lugar a inúmeras investigações”. As pesquisas sobre o espaço vivido encontraram na literatura um meio de fazer face aos aspectos “monótonos e fastidiosos” da geografia escolar (BROUSEAU, 2007 p.21).

A contribuição de Brouseau (2007) ao trazer a leitura de Frémont nos convida a recuperar os seus estudos referentes à geografia por mostrar as viagens literárias configuradas por paisagens a serem pensadas pelo campo e produções em Geografia e Literatura e as possibilidades de diálogos facilitando a operação do uso literário sob os aspectos geográfico,

que tanto nos interessa e confirma a possibilidade de diálogo entre as diferentes formas de conhecimento, aqui pensado.

O trabalho de Brousseau (1996) assinala a emergência desse debate no livro “*Des romans-géographes*”, o qual estamos partindo de suas discussões ao retomar o trajeto e perspectivas deste encontro de maneira a contribuir e compartilhar com o campo dos estudos da geografia humanista. Sendo assim, a literatura dos romances geográficos dito por Brousseau, 1996, nos apresenta grandes possibilidades materiais ao sugerir a leitura de poesias e romances ficcionais nas análises do lugar.

Como podemos ver Vidal de La Blache sobre a geografia da *L’Odyssée* em 1904 e ainda bem breve, os dois primeiros capítulos de *Cosmos* de Humboldt consagram a literatura e arte nos dois primeiros capítulos. Inicia-se uma promoção da literatura como um novo objeto de análise à Geografia, no formato de testemunhas escritas sobre o olhar sobre o espaço.

Isso ocorre porque muitas vezes precisamos buscar sentidos e significados nos lugares em que não estamos habituados, e precisamos destes conhecimentos para que tais lacunas possam ser preenchidas. Como os caminhos trilhados por nós, sempre há uma bifurcação e caminhos alternativos delineados por nossa cartografia imaginada dentro de uma realidade cultural.

Outro autor fundamental é Franco Moretti (2009) em seu livro ‘*Cultura do Romance*’. Suas contribuições e trabalhos nos trouxeram novos questionamentos: ao referir-se às paisagens que são passadas pela imaginação dos personagens, cuja oportunidade nos remete a compreender a essência da formação das paisagens e suas relações socioculturais a serem resgatadas do si para o outro, a fronteira aproximada com a objetividade da realidade.

Aqui trouxemos o exemplo do ciúme de maneira a entendê-lo como um sentimento e a criar uma possibilidade de cartografá-lo sua relação mediata e imediata com a paisagem e o lugar, a fim de lhes proporcionar um conjunto interpretativo válido para as futuras análises: como o sentimento se torna um gesto que nasce na pessoa e passa refletir em suas condições exteriores. Aqui as análises e compreensões dos signos das paisagens ganham formas de relações e vivências permeadas e veiculadas na sociedade.

Isso pode dar pistas de como as paisagens se tornam cada vez mais diversificadas. Assim, os sentimentos aparecem hoje muito reduzidos nas análises geográficas, por isso a

importância de retomar tais questões para trazer à luz novas abordagens que precisam ser pesquisadas.

As contribuições de GADAMER (2008) e PONTY (1971), os quais possibilitam o desdobramento de nossas análises. Com a captura da fenomenologia da percepção e a análise em espiral “*gadameriano*” de análise, conectados a novas descobertas elucidou melhor nossas interrogações, nós encontramos nas relações associadas aos lugares e às paisagens por onde vivem e passam os personagens. Seus conflitos e experiências vividas atreladas às flutuações das personalidades, os quais movimentam as coisas que as rodeiam, assim configuram o espaço constituído dentro de uma obra literária.

Na geografia, o conceito de lugar é ora associado a uma análise marxista, pensando-se os lugares como as distintas versões dos processos de reprodução de capital ao redor do mundo, ora uma análise fenomenológica e humanista, entendendo o lugar como lócus da vida cotidiana, permeada por diferentes visões de mundo e diferenciadas ideias de cultura. (SERPA, 2021, p.81)

Através da experiência cotidiana das personagens, especificamente alocadas na abertura da modernidade no século XX, no qual aparece o romance é possível, analisar as narrativas e suas configurações a partir da localização e a operação do lugar como constitutivo da realidade.

Já com relação a paisagem Serpa, (2021) contribui a dizer que:

[...] uma relação entre um sujeito e um objeto, ou melhor, um conjunto de objetos como é mais apropriado para a definição de “paisagem”, mas sobretudo, uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como “universais”. Isso por um lado, não exclui a validade do procedimento de partir do absoluto dado da situação, já que o enfoque fenomenológico significa justamente partir das coisas próprias, abrindo-se a possibilidade de trabalhar o conceito de cotidiano bem como temáticas como o “simbólico” e o “valor” nas disciplinas territoriais. (SERPA, 2021 p. 25)

Nesse sentido, o conceito fenomenológico de mundo de vida por meio de temas geográficos de lugar, experiência do lugar e sentido do lugar (SEAMON, 2021), corrobora para que justifiquemos nosso fragmento ao relacionarmos a vida humana com a vida da natureza em seus aspectos e movimentos dialogando através de intervenções viabilizados pela Geografia e Literatura.

O que buscamos é ir além da descrição do fenômeno e chegar a uma profundidade passível de análise e discussão, admitindo a chegada de uma consciência da paisagem e do lugar por meio de seus sentidos apresentados ao olhar.

Uma fenomenologia dirigida ao afetivo e emocional no caso mais próximo do ser em sua complexidade existencial pelo gesto da percepção, na qual busca nas interações as relações socioespaciais, dando sentido em conjunto no percurso entre sujeito e objeto, não de maneira particular. Mas sim, realizada em um contexto que elimine as lacunas observadas, ao tratar o sujeito e o objeto como ilhas separadas, sem a devida contextualização e novos elementos observados apresentados por novos efeitos e fatores contributivos de um novo diálogo.

Contou-se com o cuidado de sobrepor alguns conceitos referenciados nos textos selecionados ao objeto analisado (paisagem e lugar) na obra literária de Marcel Proust. Mas sim, buscar um diálogo que constitua uma teoria e prática colocando frentes e alternativas de novos conceitos aderidos a práticas de saberes advindas das constantes percepções presentes nas transformações do Mundo. Nesse sentido, as emoções e os sentimentos são veiculados na forma de pensar a realidade ao se configurar nas paisagens dando uma representação aos lugares vividos pelos seus atores.

2.2 - Traços simbólicos (signos e sinais) no trajeto da obra estudada

Ao trazer os traços simbólicos temos em primeira mão as representações já conhecidas ou calcadas no tempo espaço, o que poderá proporcionar algumas imbricações ou imagens sobre imagem causando desvios e formando novos significados, de certo ao poetizar sobre o visto operado por meio da paisagem vivida.

Isso permite adentrarmos na obra em busca de fragmentos constitutivos da paisagem imprimidos no romance. Neste caso, observamos em '*O amor de Swann*', o círculo do amor representado pelos personagens, que buscam explicar e desenvolver o mundo desconhecido. Os signos emitidos por ele, nos fazem compreender o sentido da obra, além de cartografar os sentimentos decifrando-os a si mesmos.

Desta maneira, tomaremos as contribuições de Gilles Deleuze (1987), referentes aos estudos dos signos para compreender as questões que atravessam toda a obra do autor: os signos da mundanidade, signos do amor e os signos do tempo, suas relações sociais grafadas pelos

personagens. Ao estudar o livro de Deleuze, *Proust e os signos* (1987) é apresentado a nós os tipos de signos citados acima, e trazer seus conceitos sobre eles, pode permitir o acesso à obra em forma de fragmentos imprimidos no romance.

Sendo assim:

O ser amado aparece como um signo, uma “alma”: exprime um mundo possível, desconhecido de nós. O amado implica, envolve, aprisiona um mundo, que é preciso decifrar, isto é, interpretar. Trata-se mesmo de uma pluralidade de mundo; o pluralismo do amor não diz respeito apenas à multiplicidade dos seres amados, mas também à multiplicidade das almas dos mundos contidos em cada um deles. (DELEUZE, 1987 p.7).

Os signos do amor diferem dos signos mundanos, porque ao interpretar esses signos amorosos teremos a possibilidade de ampliar nossas análises, quando estes aparecerem por serem mais profundos e sempre descritos entrelaçados com as paisagens e lugares.

Esse ciclo é o das impressões ou qualidades sensíveis, esses signos são diferentes dos anteriores, porque é necessário tirar os signos aprisionados dos objetos. Ao decifrar tais signos podemos interpretá-los, ao evidenciar a localização espacial e o trabalho produtivo do escritor

Na verdade, *a recherche du temps perdu* é uma busca da verdade. Se ela se chama busca do tempo perdido é apenas porque a verdade tem uma relação essencial com o tempo. Tanto no amor como na natureza ou na arte, não se trata de prazer, mas de verdade, ou melhor, só usufruímos os prazeres e as alegrias que correspondem à descoberta da verdade. (DELEUZE, 1987 p.15)

Nesse sentido, a busca da verdade está no encontro com o objeto. Isso nos faz pensar quando somos afetados por este encontro, forçando a busca na decifração e no entendimento do signo. Sendo assim, a revelação da verdade está naquilo que descobrimos no signo, e é o resultado essencial do aprendizado.

A aprendizagem está na descoberta dos signos habitados nos lugares dentro do romance, isto é, o que nos força a pensar, pois cada linha do olhar nos remete a outras significações, aparelhado a um conjunto de sentidos novos revelados no interior destes lugares.

Algumas problematizações serão excelentes exemplos de aprendizado humano, cuja abertura está em compreender os atos e sentimentos operados para entender e perceber suas descobertas e possibilidade de aprendizagens que passa por momentos de fracasso, trazendo a necessidade de uma interpretação subjetiva, levando-nos a reconstruções de conjuntos de associações, e uma maior atenção no que o signo está emitindo.

Assim, tanto a imaginação como a realidade devem ser abordadas levando em conta outras possibilidades deixadas de lado por nossa necessidade. É assim que deve compreender o espaço vivido de acordo com suas condições materiais, uma maneira de seguirmos o caminho contido por lugares, cuja necessidade requer novas indagações com a contribuição de nosso trabalho para dialogar com o texto “Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos” de Suzuki (2017).

Neste caso, encontramos um lugar para trazer nossas indagações, incentivados por estarem atrelados pelos trabalhos já feitos pelas equipes de Geografia, cuja leitura nos trouxe uma diversidade de aportes importantes para o nosso trabalho.

Sendo assim, pretende-se contribuir para uma abordagem mais ampla e crítica nos estudos da geografia compartilhados pelos aspectos ficcionais da literatura, uma maneira de mostrar como o lugar está intrinsecamente voltado para os sentimentos humanos. Essa é uma forma de compreender melhor a recepção deste lugar ao ganhar um movimento de significados retribuído por este, ressaltando suas peculiaridades essenciais advindas e descobertas no lugar. Na verdade, fazer o lugar dizer o que ele nos quer oferecer saltando aos olhos a realidade em constante transformação.

2.3. A Paisagem e o Lugar reveladas no espaço proustiano

A paisagem deve ser analisada aqui com o conceito cunhado por Michel Collot (2013) que utiliza uma definição corrente do dicionário francês-latim de Robert Estienne (1549): “extensão de uma região que o olho pode abarcar em seu conjunto”. Isso quer dizer que a paisagem não existe só para ser pensada, para ser descritiva, mas traz todas as possibilidades implicadas nas relações sociais refletidas nas transformações ocorridas no tempo-espaço.

Assim, podemos compreender sobre o conceito de paisagem como a manifestação operada pelas ações do homem de maneira a pensar frente a sua realidade de forma a implicar as condições socioespaciais dimensionadas pelas relações sociais. Ao ganhar notoriedade, a paisagem é aqui utilizada pelo homem a partir das condições materiais e imateriais para construir o espaço.

Nesse sentido:

Falar da paisagem a propósito de um escritor pressupõe, em primeiro lugar, que a criação literária tenha alguma coisa a ver com o visível, e, mais comumente, com a experiência sensível. Tanto quanto as representações culturais, a percepção constrói a paisagem; investindo o sensível de um sentido próprio a um sujeito, é, desde já, uma forma de expressão e de criação. (COLLOT, 2013 p.56)

A citação nos remete a pensar sobre a relação entre o que vemos e aquilo que é olhado. Ao ser inserido pelo olhar o que vemos pode nos causar algumas certezas e incertezas diretas e indiretas, ao fazer com que possamos operar sobre o visto, através da adequada filtragem ao passar por nossos pensamentos. Parte-se do pressuposto que ao trilhar pelos pensamentos do autor podemos proporcionar alguns desdobramentos.

Para mostrar uma descrição da relação entre Homem e Natureza evocamos uma visão peculiar do narrador do romance frente a paisagem, através de uma experiência inusitada, nos deparamos com o despertar, isto é, onde estamos e o que será vivido quando o despertar quer nos dizer algo, Poulet (1992), nos apresenta que o despertar refere-se a um espaço a ser pensado dando o nome de espaço Proustiano. “O ser que desperta, e que retoma a consciência de sua existência ao despertar, retoma a consciência de um lapso de vida singular... Quem é ele? Não sabe mais, e não sabe o porquê perdeu o meio de ligar o lugar e o momento em que vive” (Poulet, 1992, p. 14).

Isso requer que busquemos na consciência o que está fixado na memória e no pensamento de forma a ser uma plasticidade colaborativa na leitura do romance. É neste caso que o cenário das paisagens elaboradas pelo movimento do pensamento, torna-se sustentáculo para a configuração do enredo do que foi escrito, ao dar concretude a lugar e a paisagem.

Assim:

O meu maior desejo era ver uma tempestade no mar, não tanto como um belo espetáculo, mas como uma revelação de um instante da verdadeira vida da natureza; ou antes para mim só eram belos espetáculos que eu sabia não terem sido artificialmente arranjados para me agradar, mas que eram necessários e imutáveis – a beleza das paisagens ou das grandes obras de arte. (PROUST, 2006. p. 458).

Como podemos ver, aqui temos um recurso literário para se pensar a natureza, isso nos convida a uma legítima aproximação entre os diferentes tipos de conhecimento, através do domínio de outros campos de estudos. Quer dizer, há a possibilidade de fomentar novas perspectivas oriundas destas relações, cujo objetivo é enriquecer o debate na fronteira Homem/Natureza.

O exemplo mostra uma experiência vivida, cuja revelação está em buscar um sinal dado pela natureza. Chama-se a atenção para uma peculiaridade nova, entender que a natureza quer nos dizer algo, seu próprio movimento e transformação, nos quais a necessidade encontra-se ligada naquilo que o homem tem também de natureza, ao ativar seus sentimentos e seus gestos agenciados pela compreensão proporcionada pela paisagem e pelo lugar.

Assim, a experiência do lugar pressupõe algo de subjetividade, e o campo frutífero para se pensar a relação entre a geografia e a literatura, porque a busca de elementos e detalhes tão peculiares faz com que não deixemos tantas coisas de lado, por exemplo:

Torna-se, portanto, imperativo pensar a subjetividade em termos de espaço, uma vez que pensamos nós mesmos como tendo uma identidade com os lugares, as paisagens, os lugares, os territórios. Essa íntima relação que temos com o espaço, nos permite entender a subjetividade como algo que é pensado por sentimentos, emoções e significados. (COSTA, 2020. p.123).

Neste ponto, saltam aos olhos o texto de Otávio Costa (2021), que nos chama a atenção para que seja certificado que o nosso olhar deve ser mediado pela imaginação presente em nossa memória, e que isso faça parte das interpretações sobre o processo constitutivo do espaço, através de um olhar, cujo encontro perpassa pela fronteira entre o eu e o objeto a ser interpretado por ambos.

Isto é, uma identidade presente na natureza vivida tanto do subjetivo quanto da constituição do espaço pela paisagem e pelo lugar. Na natureza do espaço interior podemos reconhecer indícios daquilo que este olhar deve ser mediado, uma relação à justaposição de fatores idênticos a serem dialogados a presença da subjetividade devido a alteração do caminho da observação apenas descritiva para o lado exterior, tal guinada para o interior, às vezes valorizando só um dos lados da observação.

Por outro lado, o que o lugar nos dá a conhecer? Isso quer dizer que as impressões dos lugares de onde vivemos agregam aquilo que pensamos aplicados às construções da cultura simbólica, ao mesmo tempo sobre o que pensamos a respeito dos lugares configurados pelo romance.

Nesse sentido, a paisagem e o lugar apresentam uma resistência vivida pelo personagem frente ao que está colocado pela classe social, no qual encontramos *Swann*. A preferência por lugares mundanos nos remete a outros prazeres da vida dentro de uma realidade complexa. Tais impressões serão colocadas no decorrer do romance por onde passa o personagem.

Para Michel Collot (2006), as experiências sensíveis dos personagens podiam ser relacionadas às montagens dos cenários de uma obra literária ao aproximar os sentimentos

escritos e atitudes dos personagens de ficção dentro de um texto de literatura, e como tais sentimentos estavam inter-relacionados com os lugares contribuindo com sentidos e significados de uma obra de romance veiculados no texto literário.

Isso requer dizer, que tais sensações subjetivas estão atreladas às observações de paisagens e de lugares, analisadas pela construção relacionada pelo visível e o invisível, ressaltando-se uma fenomenologia colocada pela memória e a imaginação de modo em que aparece na obra estudada.

Neste caso, a experiência sentida e vivida fixada pelo personagem nos orienta a refletir na configuração tanto das relações sociais quanto na produção do espaço retiradas de memórias do escritor através não apenas de sua visão de mundo, mas também de experiências vividas. Assim,

Essa mistura com o mundo que recomeça, para mim, a cada manhã, desde que abro os olhos, esse fluxo de vida perceptiva ele e eu [...] não pára de bater da manhã à noite, e faz com que meus pensamentos, os mais secretos, mudem para mim o aspecto do rosto e das paisagens, assim como, inversamente, os rostos e as paisagens me trazem ora socorro e ora ameaça de uma maneira de ser humano que tais rostos e paisagens infundem a minha vida. (PONTY, 1964, Apud COLLOT, 2006. p. 26.)

Por outro lado, a contribuição de Gilles Deleuze (1987), nos dá algumas pistas sobre o que a pessoa busca e se a busca está em algum lugar, na memória, dos lugares que despertam uma lembrança anterior. Assim, é preciso sentir o efeito violento de um signo, e que o pensamento seja forçado a procurar o sentido do signo.

“Em Proust, o pensamento geralmente aparece sob várias formas: memórias, desejo, imaginação, inteligência, faculdade das essências...” (DELEUZE, 1987, p.23). Nesse sentido, a aproximação das pessoas e dos lugares se torna evidente e ganha nova configuração delineando o espaço vivido, ao constatar que o lugar traz grandes referências ao que está sendo escrito.

Por exemplo, em um dado momento do romance o herói vai tomar um chá de Tília e um bolinho chamado “Madeleine” na casa da tia, e ao beber o chá e colocar na boca o bolinho desdobram-se lembranças nas imaginações trazidas pela memória. Isso quer dizer a casa da tia, o chá da tarde, e as lembranças aparecem e configuram o lugar vivido.

O que apresentaremos agora é um trecho pensado pelo personagem Swann, de maneira a mostrar em que ponto podemos traçar as relações entre o homem e a natureza pautadas na paisagem e no lugar. Logo perceberemos que se trata de um quadro utilizado aqui.

Em seguida, propomos a interlocução entre a geografia, a literatura e a arte para darmos conta de nossa proposta inicial a ser configurada em nosso trabalho. Portanto, temos a oportunidade de mostrar uma escrita literária em um formato de quadro.

Assim, o narrador apresenta a impressão do personagem Swann, em um determinado lugar como o olhar busca novos sentidos diante das paisagens e dos lugares:

Deixando à esquerda, no térreo do nível superior ao da calçada, o quarto de dormir, cujos fundos davam para uma ruazinha paralela, uma escada reta subia para o salão e para o pequeno salão, entre paredes pintadas de cor sombria e de onde pendiam panos orientais, fios de rosários turcos e uma grande lanterna japonesa suspensa a um grande cordel de seda, mas que, para não privar os visitantes do conforto da civilização, era iluminada a gás. Eram as duas peças precedidas de um estreito vestibulo, cuja parede, quadriculada com uma grade de jardim, mas pintada a ouro, que se apresentava marginada em todo seu compartimento por uma caixa retangular onde floria, como uma estufa, uma fila de grandes crisântemos ainda raro naquela época, mas ainda muito longe dos que os horticultores conseguiriam obter mais tarde. (PROUST, 2006. p 275)⁴

É oportuno mostrar o conhecimento do personagem sobre as obras de arte pela descrição, por trazer algumas revelações sobre a experiência humana. Chamamos a atenção para tanto na literatura quanto na arte, os elementos simbólicos estão à disposição dos olhares atentos, porque a revelação requer um pouco de esforço da imaginação daquele que se propõe a observar os fenômenos em movimento.

A busca da compreensão está intimamente ligada naquilo buscado pelo ser humano para satisfazer seus desejos e sentimentos, aqui tratado por nós. Nesse sentido, a obra de arte nos captura por meio das identidades reconhecidas por afeições.

Nesse sentido, a criação literária parte da realidade lembrada por um lugar real, que agora serve para construir o lugar fictício tratado pelo autor de maneira a produzir como um pintor um quadro artístico. Assim, quando trouxemos a citação, tivemos a chance de demonstrar o que os detalhes podem nos oferecer para que possamos compreender o motivo reivindicado pela paisagem e pelo lugar.

4 A paisagem citada refere-se a um lugar situado nos novos bairros residenciais loteados por Hussmann (prefeito da época) a residência de Odette (companheira de Swann) se opõe ao cais de Orleans, que, situado na Ilha Saint-Louis (ficcionalizada na construção de Combray, criação proustiana) não era ainda um lugar elegante, utilizamos a nota da página, 274. Nota externa do tradutor de (PROUST, 2006)

E é este encontro de identidades mostrado em cada lugar tem sua própria configuração, de forma a proporcionar um aprofundamento nas reflexões em pauta

A investigação aqui apresentada nos remete a compreender como a representação do lugar veiculada pelos personagens sobre o espaço vivido é importante para entender as relações sociais, os significados, os sentidos. Os frequentadores deste lugar assumem uma filiação e aceitam todos os quesitos orientados pelos anfitriões.

Neste caso, “a paisagem se unifica em torno de uma totalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a terra, ou se preferirmos, sua geograficidade original” (DARDEL, 2011, p. 31). Dardel traz a importância da relação do homem com a terra, isso implica fazer um desdobramento do racional em detrimento das ações humanas que vão desde as relações naturais até as relações sociais.

Ao operar dentro de um espaço, cujo lugar e a paisagem são agenciadas por atitudes e procedimentos configurativos da realidade. Sendo assim, é um lugar e várias paisagens, onde habitam os elementos culturais e sociais a serem requisitados nos apontam uma diversidade de significados dentro de um conjunto de atos e práticas inseridos na produção do espaço.

Desta forma, a presença humana na terra mostra sua consciência frente às circunstâncias oferecidas, e a tomada de decisões a partir desta consciência pode nos lançar para a realidade em que vivemos, além de identificar as relações de poder que implicam a mobilização das ações humanas em seu cotidiano.

Nesse sentido, a Geografia e a Literatura contribuem para um diálogo permanente, porque levanta questões tratadas pelas duas formas de conhecimentos, e acrescenta indagações no jogo do discurso por meio de excuro: uma forma de analisar e o interior do discurso, possibilitados por este diálogo que ganha novos ares ao terem a oportunidade de serem debatidos e compreendidos.

Assim, buscamos aquilo que anima e repercute o lugar e a paisagem, o elo entre o homem e a terra, sua forma de criar condições possíveis para entender o feito e o que está por vir a ser feito. Desta forma, chama a atenção para o fato de considerar a geografia não apenas sua natureza em si, mas a relação do homem com a natureza, em sua forma e materialidade pensada por um gesto teórico, prático e simbólico.

Nesse sentido, os aportes referenciados pelas reflexões advindas da *‘fenomenologia’*, a de não naturalizar os sujeitos, os objetos e as coisas, mas sim buscar o que há de mais

humano neles, através dos adventos socioculturais e sociais que estão aparelhadas e implicadas nas relações entre o personagem.

O lugar e a paisagem, o que nos permite observar como seus atos relacionais são capturados no enredo do romance, o qual se faz presente em suas aparições. A devida orientação seguida pelas experiências ficcionais apresenta suas formas e materiais que movem suas ações e seus movimentos.

Assim, devemos salientar, que a consciência dos personagens está presente na forma agenciada pelo escritor na tomada de decisão em seu romance, na configuração da condição material obtido por meio do conceito do espaço vivido agenciadas pelas marcas simbólicas no gesto de seus valores frente a realidade social.

No entanto, a reação dos personagens ficcionais possibilita o encontro dos sentimentos e das emoções, que muitas vezes passam despercebidas aos observadores menos atentos, assim, a imersão destas lacunas deixadas pelas particularidades ganha novos relevos para nossas reflexões.

Num segundo momento, recorreremos ao percurso do método fenomenológico: como elaborar questões referentes ao lugar e à paisagem, quanto aos personagens, operados dentro de um jogo de relações e reflexões, a fim de constituir inventários sobre o processo da construção dos conceitos geográficos propostos.

De forma a entender como lugar e paisagem olham os personagens e vice-versa. Logo é realizada a análise deste jogo em movimento diante das complexidades exigidas pela Ciência Geográfica.

Por último, a totalidade do espaço, ao ressaltar a importância da sua configuração diante da plasticidade das transformações nas formações e imbricadas na subjetividade e na objetividade em ações concatenadas diante da interligação entre o homem e a terra. Isso revela situações passíveis de análises empregadas em nosso trabalho de pesquisa, através de seus elementos materializados na forma de um romance, contornando nossas indagações.

Sob a perspectiva aberta por Merleau-Ponty, nós não possuímos um “mundo físico”, não estamos apenas em meio aos elementos – a água, a terra, o ar -, mas vivemos em mundo humano, que se cria e reproduz em torno de nós, se revelando a nós como cidades, ruas, estradas, plantações e igrejas, através dos objetos os mais variados, como uma colher, um sino ou um cachimbo. Apesar da ambiguidade, este mundo cultural e humano marca sua presença de modo indelével em nosso cotidiano. (SERPA, 2021, p.13).

Nesse caso, buscamos na literatura os aspectos culturais e sociais permeados pelas práticas em uso, agenciadas pelas experiências vividas, que ao observá-las presenciemos a relação intrínseca entre os personagens, paisagens e lugares apreendendo nesta relação a infinita colaboração homem e natureza, até hoje.

Na pesquisa foi coletado um conjunto de experiências vividas pelas personagens de maneira qualitativa, visando a trajetória de como o personagem percebia a paisagem e o lugar, como a paisagem e o lugar observam os personagens.

Uma das fontes mais reveladoras são os personagens, paisagem e lugar, isto é, aquilo que eles tinham a dizer por considerá-los sujeitos e não simples objetos para considerar os sujeitos de determinada realidade. A partir da tomada de posição de ambos podemos refletir sobre nós mesmos.

Segundo Serpa (2021), é Merleau Ponty que ao versar sobre a fenomenologia da percepção, traz o que se pode dizer de uma percepção originária. Esta antecede a sensação, a associação frente a paisagem, naquilo que se observa.

Isso delinea um campo fenomênico para a análise da paisagem e do lugar percebido, isso é uma forma de capturar experiências e gestos atribuídos, pautado na mobilidade entre homem e mundo. Configura-se em narrativas, valores e visões, cuja reflexão nos afeta enquanto tomada de consciência.

O problema está em compreender essas relações singulares que se tecem entre as partes da paisagem ou dêle a mim como sujeito incarnado e pelos quais um objeto percebido pode concentrar nêle mesmo tôda uma cena ou torna-se a imago de todo um segmento de vida. O sentir é essa comunicação vital. É a ele que o objeto percebido e o sujeito devem sua espessura. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 68).

Nesse sentido, a construção do nome colocado nos personagens é influenciada pelos lugares e pelas paisagens. Sendo assim, cada personagem contém suas relações singulares e ganham destaques como também é feito nos lugares. Assim, a riqueza característica de ambos forja o que podemos chamar de espaço literário. Quando podemos propor uma leitura geográfica do romance, ao utilizar as memórias e lembranças como uma ação emergida das experiências diante do mundo. Desta maneira, buscar no lugar e na paisagem aquilo que vemos, através das revelações emergidas ao configurar o espaço geográfico.

3. A RETOMADA DA PAISAGEM E DO LUGAR NA OBRA DE MARCEL PROUST

O seguinte capítulo tem por objetivo inserir a discussão teórica dos conceitos acerca dos conhecimentos de paisagem e de lugar para a ciência geográfica, uma vez que são agenciados por um romance francês (pode-se também ser compreendido como um romance geográfico). A materialidade do romance implica formas e ações que se dão por meio da configuração dos lugares e das paisagens constituídas na obra literária.

Conforme os personagens do romance são colocados no enredo do texto em diversos lugares e paisagens, saltam aos olhos a relação das particularidades ao trazer uma conexão surpreendente entre a narrativa e o espaço. Em primeiro plano, os personagens ganham novas desenvolvuras, de acordo com o lugar de sua aparição, uma nova revelação suscitada pelo lugar vivido, a fim de mostrar seus sentimentos e emoções, veiculadas nos avatares personificados na ficção.

Desta maneira, busca-se nas ações personificadas recuperar o uso das formas simbólicas e dos signos operados nas ações estabelecidas no romance o que dá um movimento na escrita. Percebe-se na leitura do romance o manejo da caracterização dado a cada personagem, em cada qual possui sua particularidade e valores definidos em sua imagem para ganhar o status original na construção dos personagens e dos lugares.

Isto quer dizer, que o escritor tem o cuidado de apresentar os lugares no romance com suas diversidades, personificando-os através de suas características próprias onde vivem os personagens. O lugar e as personagens são interrelacionados entre si para compreender a relação entre o homem e a terra.

Essas inter-relações são elementos passíveis de análise, os quais apresentaremos no decorrer do texto. Suscita-se a compreensão que há evidências no uso simbólico operado no gesto das emoções, às vezes individualizadas, e também nos elementos constitutivos do lugar e da paisagem, mas permeados no coletivo refletidas na produção do espaço.

Para tanto utilizaremos a abordagem de Dardel (2015) e Brosseau (1996). O primeiro expressa as implicações do espaço vivido, cuja consistência está no ser-estar-no-mundo, em sua íntima relação entre o homem e a terra, enquanto base da existência e permanência do homem no lugar configurado pelo lugar e pela paisagem, trazendo compreensão

fenomenológica da experiência geográfica numas multiplicidades de experiências capturadas no romance através de seus personagens.

O segundo mostra experiências e eventos narrativos dentro das obras literárias, e sua utilização como fontes de informações referentes aos lugares e às paisagens, ao sugerir análise sobre os textos literários, além de apresentar algumas interpretações, a fim de buscar a originalidade e a personalidade dos lugares. “Esse interesse pela utilização da literatura no ensino se manifesta em diversos artigos (Gunn, 1974; Lamme, 1977; Silverman, 1977; Miller, 1989).” (BROSSEAU, 2007, p.20).

O romance proustiano ganha materialidade e traz aspectos do espaço vivido ao compor um conjunto de diferentes lugares e paisagens e ao tecer relações gerais por meio de definições modeladas pela imaginação e a realidade geográfica. As características constitutivas nos avatares personificados emergem dos sentimentos e das emoções imbricadas à configuração do lugar e da paisagem, plasmando o espaço vivido e mobilizando fenômenos no gesto das experiências geográficas.

Desta forma, o romance se torna um objeto de estudos para geografia impactando nas relações sociais e culturais, a partir do conteúdo ao continente atrelado a desenvoltura como uma máquina de fabricar e produzir símbolos e sentidos permeados no modo de vida das pessoas ao serem refletidas na forma de representação da produção do espaço.

A obra de Eric Dardel chega ao Brasil dentro do enunciado dos estudos humanistas por meio de seu conceito fundamental capturado no entorno da realidade vivida, cuja expressão adere à essência geográfica do ser e estar mundo. Sendo assim, ela apresenta o gesto do lugar e da paisagem, que ganham um campo fértil para se compreender o fenômeno nas experiências geográficas, dando um novo sentido na abordagem das análises.

Essa contribuição sugere questões importantes para a história da geografia por uma perspectiva fenomenológica, uma contribuição bem original, hoje, ancorados no enriquecimento e na produção dos estudos epistemológicos do conhecimento geográfico, há poucos estudos com uma densidade modesta, principalmente na França e no Brasil, por isso, resgatar os traços deste caminho poderá desencadear outras oportunidades de análises.

O debate sobre a realidade vivida nos remete a uma produção do espaço geralmente presenciada pela emergência de uma ciência mais plural no intuito de recuperar as lacunas deixadas e recuperadas pelas novas orientações metodológicas àquelas que dialogam com os diferentes saberes para capturar as microssituações que passam a ganhar novos sentidos,

ainda a pequenos passos direcionam-se timidamente pela abordagem fenomenológica, ao requerer as experiências como inventários frente ao lugar e paisagem.

Nesse sentido, o lugar e paisagem agregam formas de acordo com sua presença ao revelar suas formulações diante das diferentes multifaces, mediado por orientações aliadas na interface cultural, sempre retomada a cada circunstância criada na medida em que se constituem manifestações e práticas vinculadas no seio das comunidades, aqui observadas em obras literárias ficcionais operadas pela análise e leitura dos signos, ao configurar-se valores expressos por sentimentos e emoções.

A abordagem operada pela tempo-espaço encontra-se nas experiências um campo fértil, no sentido de restituir as relações gerais veiculadas na produção do espaço distribuídas de maneira secreta e tímida a espera de uma tomada de decisão de forma a compreender o contorno da plasticidade movida no lugar e na paisagem agenciada por personagens numa relação íntima entre pessoas, lugares e paisagens veiculadas por um motor simbólico originados nos textos literários.

Dessa forma, procuramos compreender o espaço vivido mesmo na ficção possibilitando conhecer o desconhecido para atingir o inacessível devido às novas maneiras de interpretações viabilizadas por recursos e pesquisas atualizadas e requeridas pelo contexto apresentado, no qual emergem novas interrogações.

Diante do pensamento e dos recursos capturados pelas relações de personagens ficcionais permeados na literatura veiculam aquilo que é constituído pelos valores sentimentais direcionados ao lugar e paisagem sugerindo novas descobertas requisitadas por uma melhor compreensão da produção espacial. Essa relação se dá assim “Amor ao solo natal ou busca de novos elementos, uma relação concreta que liga o homem a Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e destino.” (DARDEL, 2015, p.2).

Nesse sentido, o espaço contém uma materialidade específica constituída por territórios e lugares plasticizados pelas paisagens, no qual fixa o olhar a espera de uma experiência carregada de atributos diante da realidade em plena transformação, cuja reflexão advém para aquele que vive o próprio espaço, e a partir deste encontro a necessidade de compreensão proporcionada pelo espaço vivido.

Desta forma, o espaço adere aos recursos materiais, e as utilizam para organizar sua vida em sociedade e satisfazer suas necessidades humanas no e pelo mundo, no qual a

sociedade em seus gestos inseridos na fronteira da imaginação e a realidade de seu entorno é capaz de organizar e interpretar as transformações ocorridas em nosso tempo-espaço. Sendo assim, os elementos circulantes especificamente naturais, os quais afetam e influenciam as relações sociais e culturais, as quais agregam em suas condições de vida como o clima, do relevo, do meio vegetal trocados nas relações sociais são formas da própria configuração do espaço produzido.

Enfim, nós sofremos o “distanciamento” de certas pessoas; nós as sentimos “próximas” ou “distantes”, ou mesmo “inacessíveis”. Todas essas expressões parecem responder bem a uma especialização que saltou do espaço para o corpo, a isso que Minkowski chama de “espaço primitivo” para onde se dirigem nossos pensamentos, nossos desejos, nossa vontade. (DARDEL, 2015, p.13)

Assim, organizamos um conjunto de ciclos de personagens e de lugares, por um lado os sentimentos e de outro as particularidades plasmadas nas paisagens para serem interrelacionados, cujo encontro se dá no interior do romance proustiano.

Adentra-se nas questões de representação constitutiva e produtora da espacialidade, nos termos qualitativos de reflexões e interpretações na fronteira entre o real e o imaginário fundamentais para entender as relações humanas.

Nesse sentido, os textos literários trazem em sua originalidade muitos aspectos direcionados às questões pertinentes à geografia, cuja retomada deste diálogo confirma e torna-se um objeto fértil para nossas análises e interesses aos geógrafos pela literatura, principalmente como o escritor descreve os lugares e paisagens. Isso quer dizer que há um campo em expansão, já assinalado por vários pesquisadores, que chegaram ao nosso conhecimento, por intermédio de nossas referências bibliográficas.

O trabalho dos franceses foi muito menos numeroso e sobretudo recente. Encontramos mais trabalhos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Mas originalmente partimos da obra de Dardel (2015), em “*O Homem e a Terra*”, sendo uma das primeiras manifestações a favor da Literatura por meio dos poetas, os quais exprimem talvez melhor os sentimentos da geograficidade (seu entorno), lugares e paisagens.

Ao convidar os geógrafos a meditar sobre as obras literárias na interface das relações sociais e culturais, abre-se o diálogo dos saberes geográficos operados por uma organização romanesca associada ao espaço vivido na emergência da configuração presente nas ações dos personagens e suas intrínsecas relações com o espaço geográfico. Desta forma, a leitura

de obras literárias suscita, a “présentation les divers travaux selon les orientations théoriques, les thèmes, les époque ou les auteurs.” (BROUSSEAU, 1996, p.28).⁵

Um complexo material, ao considerar os embates entre as representações do espaço vivido e os espaços de representação Valem-se das contribuições oriundas de outros pesquisadores para serem agregados ao nosso debate, cujas interações estão vinculadas às novas maneiras de organização do tempo e do espaço. A visão de mundo ancorada no espaço vivido pode acarretar diferentes apropriações de um mesmo espaço mediado pelo simbolismo em práticas espaciais por um gesto frente a produção do espaço.

Para conceber as implicações entre o mundo vivido e o espaço concebido configurado pela trama literária. Isso requer pensar no processo plasmado no domínio e na apropriação do espaço, cujos traços apontam um delineador de respostas à categoria de análise, o lugar e a paisagem, que pode evidenciar em seu ínterim as contradições do espaço, quanto a sua produção.

3.1. O lugar e a paisagem entrelaçados na obra literária

O lugar e paisagem na obra literária se inserem como um objeto na construção social do espaço geográfico, constituído por personagens e lugares, cuja análise perpassa pela abordagem cultural veiculados “*No Caminho de Swann*”. Associada e dialogada tanto no espaço vivido dos sujeitos quanto nas condições materiais obtidas na espacialidade, da qual podemos capturar as experiências e suas relações com lugar e paisagens, e constituir um conjunto de dados registrados pelo método fenomenológico.

A concepção de lugar discutida por Livia de Oliveira (2014) apresenta dois fatores de representação: o representado e o que representa, assim sempre coincide com a época em que vivemos. A partir daí estão as interrelações entre si mesmo e o meio, no qual pertencemos e vivemos atrelados a uma dimensão simbólica cultural, aqui capturadas nos enredos literários permeada na dimensão material e imaterial, presentes nos eventos ocorridos em nosso cotidiano.

⁵ Apresentam os diversos trabalhos segundo as orientações teóricas, os temas, as épocas, e outros autores. Tradução livre.

Portanto, ao retratar as relações sociais configuradas pela simbologia cultural tecidas no lugar e nas paisagens teremos a constituição do poder. Assim, os conceitos analisados se comportam de forma revelada frente à resistência ao poder nas esferas hegemônicas enquanto poder político e econômico na reorganização espacial. Abre-se à visibilidade requerida por resistências à espera da abertura de lugares, onde as suas vozes possam ser ouvidas, às vezes esquecidas dentro do espaço vivido.

Isso ocorre devido à abrangência exigida pelas relações sociais carregadas de simbolismos e significados que agenciam um campo de luta, ao pedir sua aderência na produção do espaço por meio de novas interpretações da realidade.

Vincent Berdoulay e Nicholas Entrinkin em um dos capítulos do livro "*Qual o lugar espaço do Lugar?*", (2014). Impõe-se a problemática na fragmentação entre o sujeito e o lugar desviando a atenção de fenômenos em que se manifestam frente às experiências entre o sujeito e sua relação com o espaço. O advento das novas interrogações frente ao nicho espacial forja uma revolução dos costumes e das ideias, atrelados à consciência de si na interação do contexto de suas ações ativadas pelo lugar, podendo haver um enfoque especificamente político, econômico ou cultural.

O conceito de paisagem é colocado em nosso trabalho e não poderia chegar sem a isenção de controvérsia como qualquer conceito. Parte-se das discussões da geografia física por ser dedicado ao campo da "Ecologia da Paisagem", entrelaçados pelo sistema romanesco, destaca-se as relações e montagens da paisagem, a qual se apresenta, e ainda aparece na biologia, com um melhor tratamento nas artes, cujo debate ganha outras dimensões ao ser colocada nas questões socioespaciais, principalmente recai sobre uma forma e aparência.

"O conteúdo 'por trás' da paisagem pode estar em consonância ou em contradição com essa forma e com o que ela, por hábito ou ideologia nos sugere..." (SOUZA, 2020, p.46). Isso requer compreender que a paisagem é uma forma de representação e suas implicações nos estudos geográficos se abrem a um veio riquíssimo de reflexões pertinentes à reprodução espacial.

Desta forma, trazemos a contribuição de Michel Collot, 2013, "A experiência da paisagem como lugar do espaçamento do sujeito e da emergência de um pensamento no espaço põe em causa a distinção cartesiana entre a coisa pensante e a coisa percebida." (COLLOT, 2013, p.31). Neste caso, as experiências dos personagens ganham sentidos ao se

relacionarem aos lugares ao serem percebidos e mobilizados por seus sentimentos. Isso requer tratar a íntima relação entre os personagens e os lugares por serem compreendidos por sua relação.

Ao utilizar o conceito de paisagem cunhada por Michel Collot (2013, busca-se na possibilidade recíproca e reversível do pensar e do olhar uma fronteira capturada pela experiência restituída em obras literárias agenciadas pelos personagens frente a paisagem e seu desdobramento frente a ela mesmo resultando em aportes para as nossas análises.

3.2. Lugar e Paisagem: tratados na leitura “No caminho de Swann”

Os conceitos Lugar e Paisagem formam-se um conjunto a ser tratado em nosso trabalho devido a emergência das mudanças ocorridas na modernidade, ao trazer a visibilidade sobre as experiências no espaço vivido e seus reflexos na produção do espaço. Sendo assim, os conceitos vêm ganhando novas indagações e novos estudos frente ao conhecimento geográfico, além de possibilitar uma forma de preencher lacunas, as quais separam os saberes na atualidade.

Nesse sentido, nosso estudo demarca o âmbito da proposta de Dardel, (2015) apresentada por Pires (2020), numa perspectiva filosófica existencialista. Aqui teremos a experiência sentimental como gesto reflexivo humano e seu entorno. Assim, na concepção de Dardel:

A relação homem-terra apontada aqui não diz respeito imediato àquilo que se entende por produção, localização e distribuição dos objetos, transformação material da natureza através do trabalho, mas sim o aspecto afetivo e subjetivo que atravessa a existência humana em sua condição terrestre. (PIRES, 2020, p.184)

Para Pires (2020), Dardel (2015) apresenta um deslocamento de paradigma ao adentrar na própria história da geografia, ele gera um movimento interno em direção à ontologia do ser antes do que foi produzido, podemos chamar de existência, já tratado por Heidegger no livro *Ser e o Tempo*. (PIRES, 2020).

Pires (2020) traz também “A fenomenologia da percepção” de Merleau-Ponty. A partir das experiências dos personagens analisaremos as relações personificadas imbricadas nos movimentos dos lugares e das paisagens mobilizadas pelos conjuntos de ações protagonizadas pelos personagens por meio de sua percepção no momento da narrativa.

De acordo com o geógrafo francês, “há uma realocação Humana em sua relação com a terra, retirando-a do binarismo sujeito-objeto e a institui, na interdependência, em uma relação concreta.” (PIRES, 2020, p.184). Sendo assim, a relação concreta indicada em ‘*O Homem e a Terra*’ de Dardel (2015). Implica reconhecer nas novas fontes veiculadas pelas afetividades encontradas nos romances por serem escritas fixas e passíveis de análise, a qual trabalha especificamente os movimentos internos dos personagens.

Há uma importante contribuição para o conhecimento geográfico, advinda do trabalho de Werther Holzer, o qual defendeu uma dissertação de mestrado em 1992, ao trazer a obra de Eric Dardel acentuado na figura do autor para o Brasil, e depois discorrer sobre a possibilidade de analisar e apropriar-se das ideias do autor no percurso do seu doutorado. Assim, Holzer estabelece um estudo fenomenológico do Lugar e paisagem, a uma configuração dos elementos constitutivos dos fenômenos presentes na realidade, organiza-se uma estrutura sistematizada em três partes: a geografia e o método fenomenológico, paisagem e lugar na geografia cultural e paisagem e lugar no Brasil do século XVI, respectivamente. (PIRES, 2020, p. 191).

Esses duplos elementos sociais ganha um conceito formal agregado a um conjunto significativo para conhecer as categorias de análise referente ao lugar e à paisagem ao serem tratados de maneira relacional, configura-se nas condições de serem compreendidas na sua união, a fim de evitar a fragmentação dos dados, mas sim buscar uma metodologia que as unifique para que possamos pensar de maneira estruturada e articulada o conjunto de propostas que constitui a contingência de ampliar os sentidos e olhares dentro de uma perspectiva de mudanças e transformações sociais.

Assim, localizamos as ciências eidéticas ou a geografia como ciência das essências. A última seria a ideia que propõe Dardel ‘a vivência’.

Neste mesmo texto há uma passagem que traz a geograficidade para pensar a paisagem ao se referir sobre o entorno vivido. Aqui encontram-se as experiências tratadas como espaço vivido e seus elementos fundantes tratados como essência. Busca-se questionar uma maneira de desnaturalizar os lugares e as paisagens, mas sim, politizar as suas ações porque a realidade possui contradições, dirige-se ao que é mais subjetivo na ação da humanidade.

Ao trazer a contribuição de Martins (2017), nos orienta a buscar na sensibilidade uma maneira de compreender a vinculação direta produção do espaço de diferentes

maneiras, ao mesmo tempo formas de refleti-las. Isso requer apresentar uma possibilidade de compreender a relação intrínseca entre o Homem e Mundo, aquilo em que se apresenta na realidade pautado na cultura e o uso material para a formação do lugar e da paisagem referenciada no decorrer do tempo através de sua transformação. Ao tratar a relação subjetiva como uma essencialidade na composição do olhar as formas da reprodução humana apresentada nos lugares e na paisagem. Ao reatar a possibilidade da construção social frente aquilo que vemos e entendemos na constituição de nossa realidade.

Nossa proposta aqui é dar a esta designação [geograficidade] uma fundamentação que ultrapasse a fenomenologia, isso porque a consideramos ausente de uma essencialidade fundamental, dando a subjetividade humana uma legitimidade independente de seu relacionamento com as formas de reprodução material de uma sociedade. Nossa indisposição com a fenomenologia advém de uma certa ingenuidade ontológica para dizer o mínimo. A ingenuidade está relacionada especialmente com a forma de encarar o problema do ser do homem. (MARTINS, 2017, p. 326-327 apud PIRES, 2020, p. 203).

Acredita-se que o ser e o tempo estão em uma contemplação filosófica, nos quais o movimento de texto nesta área busca a essência do ser em profundidade sem a influência dos dados materiais. Por isso não seria uma ingenuidade, mas o que nos interessa é que as coisas ingênuas também podem ter os méritos críticos, o que podemos chamar de distanciamento correto da realidade para melhor compreender o que buscamos.

Nesse sentido, o caminho de Eric Dardel, (2015), nos mostra outras possibilidades pertinentes ao nosso trabalho como o espaço geográfico é agenciado e qualificado por uma situação concreta que afeta o homem. Ao atingir o espaço vivido plasticizado pelo cotidiano, onde ele age e fabrica suas relações refletidas na produção do espaço, isso requer não só compreender a objetividade, mas também a relação subjetiva afetada por seus anseios e perspectivas frente à realidade.

A retomada do subjetivo permeada pelas experiências sofridas e realizadas no mundo, cristalizadas em nossos desejos e vontade como formas de estabelecer sua estabilidade na realidade faz a humanidade considerar as diversidades pensadas no interior das relações sociais. Assim, a geografia naturalmente fornece os elementos concretos, cujas condições práticas de atuação estão à nossa disposição.

O conhecimento geográfico contribui com a apresentação de seus domínios ao desvelar seus recursos, a fim de motivar a construção de símbolos de trocas, exatamente na

relação entre os homens e os lugares, ao pensar e realizar a produção do espaço, onde o homem se move e se situa, por meio de fixação lugar de suas experiências e vivências. É no contato com a crosta terrestre que se dá a abertura de certas mobilizações ratificadas numa fundação da realidade geográfica.

O registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar o mundo aquático. O riso das águas, o trinado ou canto do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo a alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo. (DARDEL,2015, p.20)

Nesse sentido, a Geografia no seu caráter constitutivo concede a necessidade em apresentar a íntima relação do homem com a natureza para a produção da realidade geográfica, cujo exemplo citado mostra a qualidade real agenciada pelos recursos naturais explicitamente, de maneira a oportunizar, adentrar e mover nossos sentimentos, porque as qualidades do ser humano estão na contingência agenciada pelo uso dos recursos naturais.

A realidade geográfica configurada pelo que há de mais humano fala por si mesma, porque o homem busca nas condições materiais e imateriais o seu lugar de morada. Assim, no sentido de compreender a ação humana na produção material retirada da natureza, os quais respondem os conhecimentos acumulados pela humanidade. São exemplos variados encontrados na poesia e na escrita poéticas, agregando nossa reflexão a uma geografia e literatura.

De certa maneira, o registro afetivo do mundo aquático encontrado na obra de Dardel (2015) é sem dúvidas uma leitura remetida ao homem, porque ele é quem dá o significado e sentido na perspectiva de interpretar a realidade geográfica, e cada sociedade tem suas próprias configurações compreendidas na totalidade de suas relações.

Logo após trazer algumas comparações e reflexões sobre o espaço marítimo, o geógrafo francês trouxe exemplos do espaço aéreo para fundamentar o que queria dizer sobre este conjunto de elementos. Assim, o seu entorno nos dá pistas e novas reflexões ao desdobrar-se em suas relações sociais e culturais.

A contribuição de Dardel (2015), referente a pesca marítima como atividade humana e sua relação com a natureza, ao aderir um conjunto de elementos naturais para a formação do espaço marítimo. Torna-se evidente a relação do Homem com o mar diante de sua descrição e domínio sobre a natureza. Esse conjunto é que constituem o lugar propriamente

dito. Além de trazer uma forma reflexiva em esclarecer as relações de trocas e de produção do espaço, e toma o espaço marítimo como uma construção da realidade na produção do Lugar e da paisagem.

Desta maneira, o contato com a natureza emerge experiências vividas pelo homem ao despertar memórias e lembranças diante das transformações ocorridas no lugar, as mudanças sofridas no decorrer do tempo.

Estabelecem aqui suas reflexões para analisar o romance. Na medida em que nos é apresentado Balbec⁶, o lugar onde poderia estar concentrado seus desejos (do autor/escritor), e lembrados na escrita do romance. É um lugar em que está diretamente relacionado com as afeições de sua adolescência. Isso requer mostrar como as lembranças afetam diretamente os lugares.

O espaço aéreo cobre toda a superfície terrestre de forma invisível, mas sempre presente por meio dos ventos, da luz que irradia nosso mundo trouxe uma diversidade de aparência para os lugares, modifica e influencia cada ponto da superfície, um olhar que emana em muitos geógrafos inseridos em modalidades que se apresentam em pesquisas de prevenção e regularidades, análise de climas etc.

Os trovões e as chuvas ritmados pelos seus marulhos, vindos do espaço aéreo para contemplar nossas ações e reações, as hostilidades dos ventos glaciais registrados para que o homem possa compreender e fazer sua leitura, “onde, as longas noites, o cata vento enlouquece” (BAUDELAIRE, 1821-1867). (Dardel, 2015, p.27).

Esse processo fez com que o homem aprendesse a conviver e a conhecer a realidade geográfica. Assim, o espaço concreto, o espaço dado que se desdobra em várias dimensões diante de nós, evoca a necessidade de sua interpretação e análise geográfica.

Por fim, o espaço construído pelo homem com seus exemplos fascinantes vistos pelas civilizações antigas observadas pelos vestígios de suas plantações. Suas práticas culturais

⁶ Balbec. Estação balneária normanda situada na Mancha-Cabourg na realidade, mas o lugar pode igualmente para Proust pode trazer outras lembranças e no romance aparece esta junção – Um lugar muito frequentado na Belle Époque, refere-se à moda dos banhos de mar. Balbec é o lugar da adolescência. Proust utiliza algumas metáforas como “os olhos da cor do mar”, ao referir a um personagem (Saint Loup), e a (Albertine) “com seus olhos insistentes e risonhos...fina como uma silhueta recortada sobre o fundo das ondas”. Os exemplos são trazidos por Michel Erman, (p.107, 2015). Sendo assim, mostramos como o escritor utiliza os recursos naturais para construir seus personagens e lugares evocados por lembranças e memórias.

estão entrelaçadas na configuração das paisagens, porque cada civilização tem seu próprio desenvolvimento, a reflexão se dá na maneira de organizar os seus recursos naturais e materiais.

Desta maneira, o texto literário também traz em suas paisagens figurativas ou ficcionais o modo como o autor apresenta a relação das paisagens associa-se a sociedade e a natureza, como a organização do solo, os quais representam vários modos de produção. Sendo assim, o texto “No caminho de Swann”, com os seus lugares e paisagens torna-se um gesto de atuação do homem em seu espaço vivido.

A vila ou aldeola ainda totalmente dominada pelo seu ambiente rural; no seu extremo oposto a grande cidade moderna onde o homem é moldado na sua conduta, nos seus hábitos, nos seus costumes, suas ideias e sentimentos, por esse horizonte artificial que o viu nascer, crescer, e escolher sua profissão. (DARDEL, 2015, p.27)

O debate continua ao demonstrar a inter-relação homem e mundo, aplica-se na interação Homem-Mundo, que arquitetou o espaço construído e modificado por suas ações. Se houver uma intervenção dominante no ambiente rural, observa-se o modo de produção, no exemplo da agricultura e a construção da diversidade no conjunto de possibilidades materiais naturais e culturais disponíveis para a organização do espaço implicados na paisagem.

Deve-se refletir sobre a relação tempo natural (ritmos da natureza) e tempo social (ritmos da sociedade). Ao mesmo tempo em que há uma disparidade entre seus diferentes ritmos a construção do espaço influencia a paisagem pelo gesto social e cultural de cada sociedade a ser aplicada em cada forma de civilização.

Nesse sentido, tanto a força humana quanto a ambiental mantêm-se em diálogo, sem descartar a voz ambiental, na verdade o que ocorre no ambiente rural é sua relação entre forma e matéria, sendo o sentido que o campo dá ao homem, o seu ritmo lento e seguro.

Neste caso, as condições materiais possibilitam ao homem a construir seu entorno, ao impor seus limites e circunstâncias, nos quais o homem organiza sua forma de vida diante dos recursos presentes, atrelados às culturas aplicadas ao desenvolvimento de cada civilização viabilizando a cultura com a construção de grandes impérios até lugares remotos mapeados hoje.

A fábrica mundo deu ao homem disposição para preparar um meio de sobrevivência, ao privilegiar as fontes e as riquezas naturais, ao serem tratadas como recursos para a humanidade, de acordo com cada tipo de organização social e sua forma de pensamento. Por isso a diversidade se apresenta na configuração do lugar e da paisagem.

Assim, surgem pequenas cidades centrais, as quais atraem pessoas e formam um comércio local, definido como um modelo catalisador de trocas - um exemplo, as feiras livres - atualmente é uma marca da resistência do homem frente a diversidade do mundo, de forma a agregar pessoas em torno da produção natural e objetos oriundos de grupos e comunidade, que encontram no centro de trocas ou mercado maneiras de dispor e divulgar a viabilidade de entrega e recebimento de algo.

Por meio de artefatos vindos de vários lugares, percorrem grandes distâncias. Isso requer pressupormos uma rede de relações sociais, culturais e econômicas, nas quais se formam e se expandem, atreladas à produção do espaço geográfico, as condições transformacionais são móveis e dinâmicas concatenadas pela maneira do uso do tempo de cada forma: campo ou cidade diante de seus recursos naturais oferecidos em sua existência marcada pela regularidade das relações sociais e das práticas culturais.

De acordo com Moreira (2012), delimita-se o lugar para observar mais de perto qual seria sua função no espaço geográfico. Ele diria que o espaço fomenta, uma forma de agregar as redes de relações sociais converge-se como um ponto de referência, no lugar encontramos as tramas e as organizações praticadas pelas relações sociais e culturais, cuja culminância horizontal e vertical se cruzam. Configurando-se no lugar.

Adentram-se nos meandros internos e externos situações passíveis de análises presentes no comportamento e nas ações veiculadas que dão sentido e significado no fazer do lugar. Sendo assim, a unidade dos lugares constitui a realidade geográfica. Portanto:

A contiguidade é o plano que integra as relações internas numa única unidade do espaço. É a horizontalidade. A nodosidade é o plano que integra as relações externas com as relações internas da contiguidade. É a verticalidade. Cada ponto local da superfície terrestre será o resultado desse encontro entre cruzados de horizontalidade e de verticalidade. E é isso o lugar. (MOREIRA, 2012, p.173)

O acontecimento do lugar é o ponto nevrálgico de nossas perspectivas, devido à aderência que buscamos no romance literário, apesar de ser uma ficção teremos elementos fixados para descrever e refletir sobre o lugar agenciado pelos personagens, clarificado por

aproximações e mobilizado pelos sentimentos. Aqui é a nodosidade, já a horizontalidade está ligada à produção social e cultural pelo gesto e ato da sociedade, cuja materialidade está na maneira de produzir os alimentos e artefatos utilizados e pertencentes ao lugar.

Une internamente as pessoas devido suas condições e circunstâncias. Por outro lado, a verticalidade seria a combinação de horizontalidade com as redes de informação, os transportes integrando e facilitando a comunicação entre os lugares. “Condição que leva Milton Santos a dizer que é o lugar que existe, não o mundo, de vez que as coisas e as relações do mundo se organizam no lugar, mundializando o lugar, e não o mundo”. (MOREIRA, 2012, p.174).

Ao chamar a atenção para o lugar tendo em vista suas relações interligadas tornam-se fundamentais na compreensão do acontecimento projetadas por meio de símbolos e trocas que configuram os aspectos presentes de forma sistemática e reconhecida por aqueles que trazem para o espaço vivido.

A cada momento na história são compartilhados pelo lugar, mesmo o lugar tem muito a dizer, por isso retomamos este conceito, primordial para que possamos compreender melhor nossas relações, as quais influenciam os sentimentos e as emoções.

Os sentimentos e as emoções encontram-se permeados no lugar. Encontramos que o verbete “lugar” é um substantivo masculino, de origem no antigo latim ‘*lôgar, locus*’ e local como adjetivo, sua definição se mescla com espaço ocupado. Angaria-se tempo e espaço agregados e intimamente ligados configurando aquilo que podemos chamar de lugar e seus movimentos.

Sendo assim, “a concepção atual de lugar é tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo dá o *lugar*, o movimento e matéria.” (OLIVEIRA, 2014, p.5). A noção desta colocação apresenta uma breve noção de lugar, o qual podemos operar sobre as transformações ocorridas no lugar, e sugere outras interpretações, a fim de elucidá-lo.

Ao tentarmos ampliar a noção de lugar a respeito do tema encontramos vários enfoques, sempre à procura de esclarecer suas dimensões significativas para colocá-lo a contribuir com nosso trabalho. O que encontramos foi a diferença de lugares, o que servirá como base para olhar o uso dos objetos e suas práticas em cada lugar.

Ao configurar-se em diferentes formas de organizar e compreender suas relações no âmbito do espaço-lugar e a realidade, sinaliza-se uma forma de representação. Isso é

compreender que há uma divisão entre dois fatores: o representado e o que representa (significado e significante). Refere-se a coisa e o nome dado a ela.

Portanto, as diferenças de lugares contêm resultados diferentes e agregam situações, as quais necessitam uma boa parada para refletirmos sobre suas configurações, além de visibilizar aquilo que resiste e pede sua emergência ao ser atualizada e compartimentada em um trabalho de nosso porte.

Assim, a diferença entre os lugares, serve, antes de tudo, de base a uma diferenciação dos objetos físicos, ao contornar a fabricação de algo dado, no caso do lugar. Com isso, sinalizamos “a relevância do conceito e da noção de lugar em todas nossas preocupações filosóficas e epistemológicas concatenadas à importância e complexidade do fato de representar o lugar.” (OLIVEIRA, 2014, p. 6).

“*O lugar é a segurança e o espaço liberdade*” destaca-se a importância em buscar na obra proustiana os lugares, cujo personagens (avatares) veiculam agenciados por uma escritura elucidando os lugares encontrados e revelados pelas experiências, as quais interligam o homem ao lugar de maneira íntima a sua inserção no mundo.

Nesse sentido,

Conhecer o lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um lugar natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo e íntimo. Os lugares íntimos como nossos lares, são aconchegantes no inverno, nos dias chuvosos, nos momentos de doenças ou de festividades, de descanso, de atendimento às nossas festividades. Contudo, a criança, desde pequena, encontra o seu lugar íntimo e primeiro nos pais, pois a casa está repleta de objetos habituais vistos com a realidade do lar. (OLIVEIRA, 2014, p.12)

Desta maneira, trouxemos a importância da análise da obra, referente ao primeiro livro do romance “*No caminho de Swann*” por aderir de certa forma a questões dos lugares imprimidas nos gestos dos personagens, cuja literatura facilita acentuado pela materialidade colocada na obra, os quais permitem nossas reflexões e análise, atribuídos às interpretações geográficas de obras literárias.

O percurso dos personagens vai revelando a configuração dos lugares, seus aspectos e noções dos diferentes lugares, aqui a possibilidade de capturar as experiências de sentimentos e emoções como motor matricial para o conhecimento da realidade geográfica.

3.3- O conjunto de lugares e de paisagens agenciados pelas experiências

Ao entrar na dimensão do lugar teremos à nossa frente uma variedade de significações, na realidade uma maneira de atribuir sentidos na forma constituída pelo lugar, ao serem pensadas em termos geográficos agenciados por seus conceitos ao reabilitar as experiências, nos determinados lugares como o espaço vivido, de maneira a compreender o habitar, o falar diante dos ritmos e transformações propiciados pelos lugares.

O lugar consciente do tempo social histórico, agora com os recursos atualizados voltados para o processo atinentes a configuração dos lugares em seus aspectos interior e exterior com sua abertura para contribuir ao conhecimento geográfico.

Uma possível razão em situar a emergência constituída nos lugares em termos das transformações ocorridas no mundo ganha outras dimensões, as quais geram novos interesses em seus estudos. A questão em desenvolvimento não é nova, desde Platão, o filósofo grego considerou o lugar como “alimento do ser”.

Nas pesquisas geográficas é o lugar onde estão todos reunidos, pois “a geografia foi concebida desde suas origens com o estudo de lugares e regiões, e embora nunca tenha ficado claro o que isso significava, era mais subentendida do que evidentemente uma ciência geográfica”. (RELPH, 2014, p.19).

Destaca-se o lugar como um fenômeno da experiência, esperava-se que ele fosse explicado pelo rigor de uma abordagem fenomenológica, mas ganha conotações em outras áreas do conhecimento, ao direcionar os interesses em outros campos de pesquisa, como vemos hoje na questão sobre a preservação dos patrimônios.

Um deles é a questão sobre a preservação dos patrimônios, o qual se tem falado muito hoje devido ao esquecimento, pois o seu significado está perdido para a humanidade. O resgate desta preservação está ligado ao interesse do geógrafo em busca da compreensão do lugar, ressalta-se a sobrevivência da humanidade.

A distinção entre lugar e lugares é fundamental. Geografia como estudo dos lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo do lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. (RELPH, 2014, p.23)

O que nos salta aos olhos é que o lugar reúne e agrega experiências e significados mediatos e imediatos. No primeiro caso, é uma maneira de mediar as relações imbricadas entre o homem e o mundo, e no último, o por vir diante das transformações.

Parte-se do pressuposto das raízes e do enraizamento, o qual conecta o homem ao seu lugar associado ao pertencimento por meio das condições específicas advindas do lugar, a partir daí, teremos sua relação com o mundo. A teoria do rizoma tratado por Deleuze e Guattari, parece sugerir ter raízes simultaneamente em vários locais diferentes, mantendo todos conectados. (RELPH, 2014, p. 25).

Sendo assim, a ideia nos dá a oportunidade de trazer outros sentidos e compreendê-los ao trazer à tona a transitoriedade buscada nas experiências mais profundas dos sentimentos e emoções, porque está submersa nas raízes mais fortes e profundas de cada homem e isso seu entendimento sobre a realidade materializado na geografia.

Ao ser materializada a realidade podemos compreender a construção do conceito de lugar como uma:

Fabricação de lugar: em nosso mundo pós-moderno e neoliberal, surgem casos em que a identidade de lugar e a diferença dão lucro. Assim, a identidade do lugar tem sido manipulada e até mesmo inventada por empresas de desenvolvimento que visam o lucro e por políticos da cidade para atrair investimento e turismo. Identidade de lugar podem ser baseadas em uma vaga ligação histórica e fictícia. (RELPH, 2014, p. 27)

Por isso, nossas experiências estão mergulhadas no lugar, às vezes resistindo ou criando possibilidades dentro do espaço vivido, atreladas às construções locais manifestadas por questões óbvias, mas lentas direcionadas às individualidades, cuja necessidade se dá em compreender os nós imbricados na realidade geográfica. Sendo assim, “o lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona como o mundo e onde o mundo se relaciona conosco.” (RELPH, 2014, p.30)

Essas relações estão inseridas em uma imensidão, ou no reconhecimento, as quais configuram o espaço e o lugar. Isso requer recuperar a transição do homem de um lugar ao outro: a migração, ao trazer experiências vividas de outros lugares e aglutinando no lugar de chegada, torna-se um grande movimento ao trazer a universalidade de significações devido à troca advinda da trajetória da humanidade pelo mundo.

Desta maneira, ao constituir um campo de força agenciado pelas relações sociais projeta-se em diferentes lugares de acordo com suas particularidades como aportes para

desenvolver o espaço concreto, envolta das atividades práticas por identidades coletivas propiciadas pela cultura ao dar vazão para exterior por meio de um reajuste de suas condições.

Assim, eleva-se o conceito ao buscar conexões, que o configuram de modo a se apropriarem e relacionarem com as transformações observadas na realidade. Isso requer compreender a materialidade do lugar como catalisador cultural-simbólico, algo passível de ser interpretado e analisado.

No âmbito da geografia, o conceito de paisagem tem apresentado um escopo mais específico, ao se referir ao espaço diante do olhar percebido e observado presente sempre nas manifestações culturais artísticas, e agora dialogado nos conceitos Lugar e Paisagens, ao resgatar a experiência vivida na diversidade das formas de olhares. Isso quer dizer que a paisagem ganha um status não científico, mas ganha no estudo sobre artes e suas filosofias, especificamente à pintura da Renascença na Itália, em Flandres.

A contribuição presente nos estudos de Anne Cauquelin em seu livro *'A invenção da Paisagem'* (2007). É chegado até nós de modo a conferir suas implicações diante do desdobramento advindo sobre a questão da paisagem, e a partir desta leitura como poderia haver uma aproximação ao conhecimento geográfico, sendo que a paisagem é também um conceito da geografia, inclui-se às questões da imaginação e escrita nos textos literários.

Nesse sentido, a paisagem é uma forma, uma aparência, cuja dependência do olhar deve estar presente, ao evitar os olhares ingênuos requerido por um olhar mais analítico por trazer algumas invisibilidades presentes nas paisagens, quando agenciadas por ideologias dominantes ao portar contradições podendo agora ser desvelada.

Isso quer dizer que, o olhar pode não revelar, mas uma pesquisa baseada em entrevistas, ou melhor consultas a documentos diversos poderá revelar que apesar das aparências conter lacunas a serem trazidas para nossa pesquisa.

Neste ínterim, “a paisagem atua no sentido de naturalizar, estabilizar e tornar aparentemente universais relações sociais e econômicas que são contingentes” (WYLIE, 2007, p. 107 apud SOUZA, 2020, p. 47). Isso requer mostrar que a naturalização é uma forma de escamotear as ações sociais, ao criar paradigmas centralizados pelo poder e sua perpetuação a longo prazo.

Portanto, evita o aparecimento de novas considerações difusas nas relações sociais sem de fato serem analisadas, apenas de cunho ideológico e com mínimas reflexões, ao

servir apenas uma minoria privilegiada, ao cercear a inteligência a respeito daquilo que se quer ocultar.

O fato de ser uma forma e aparência adjunta a uma artificialização, é passível de desconfiar, ao apresentar sempre interpretá-lo, e decodificá-lo, à luz das transformações suscitadas pelas novas orientações das relações sociais.

Isso nos leva às questões de representações das paisagens feitas por meio das pinturas, das fotografias, além da interpretação dialética, mas uma abertura às novas amarrações no sentido de dar um passo mais longe para que seja compreendida de forma profunda aquilo que quer a paisagem em dada cultura.

Assim, podemos destacar a este respeito o interesse de Denis Cosgrove e Stephen Daniels (COSGROVE, 1984. 1983; DANIELS, 1993, 1998), James Duncan (DUNCAN, 1990; DUNCAN e DUNCAN, 2003, 2004) e Don Mitchel (MITCHEL, 1994, 2002 e 2003). (SOUZA, 2020, p. 49). Esses autores contribuíram de forma a oferecer um amplo debate sobre a representação da paisagem, os quais merecem sempre revisitação àqueles que se interessam pela temática aqui proposta.

Eleva-se a partir das descrições naturalizadas ou não chegar a análises mais complexas e obter outras respostas possíveis diante do olhar clínico e eficiente sobre o conceito de paisagem.

Nesse percurso, abre-se a virtualidade da paisagem como ideia ao problematizá-la frente à integração, as relações entre a natureza, sociedade e cultural por meio do tripé (natural, social e cultural), a partir do substantivo para o campo do espaço vivido.

A dialética da oposição e da união natureza e sociedade (ou cultura) é, ao lado de outras tantas, com a concernente aos vínculos entre o rural e o urbano, ou entre o autêntico (ou primitivo, ou natural, ou original/originário, ou autóctone, ou vernacular) e artificial, uma das que podem ser pensadas com o auxílio da reflexão, sobre as representações da paisagem em cada momento histórico, em cada contexto geográfico e nos marcos de cada imaginário específico. (SOUZA, 2020, p. 51)

As paisagens podem nos revelar e ao mesmo tempo encobrir experiências sobre o prisma das aparências, ao partir da dialética por pensar naquilo que está por vir, isto é, que ao deixar falar por si mesma aguça nossa inteligência por meios de meandros ainda não declarados ou apresentar a necessidade de ser compreendida.

Porque trata-se de outras funções a serem colocadas frente a frente, o que possibilita novas interrogações oriundas do percurso de uma pesquisa. É uma forma de valorizar o conceito a ser estudado, ao recuperar seus avanços e limites de análises.

Portanto, a paisagem é superficialmente visível, porque ela carrega em si não só sua aparência, mas um controle organizacional que escapa à nossa vista, ao exigir aos olhares atentos a busca de outros movimentos internos, os quais dependem de nossa sensibilidade àquela que a utilizamos ao ver uma obra de arte ao desdobrar-se em muitas reflexões essenciais aos nossos sentidos.

A materialidade dos lugares encontra-se na configuração das paisagens nas suas constantes conexões, de acordo com a natureza e a cultura configurada na sua forma e sua aparência, além de suscitar outras coisas também controversas.

Neste caso, a paisagem inventada pelas relações sociais promove as condições de inserir o homem na sua realidade, quer dizer, a paisagem estaria modelada para receber a humanidade por meio de suas representações viabilizada pelas formas das paisagens. Sendo assim, a paisagem seria feita pelo homem e para ele.

No segundo plano temos a paisagem permeada no ambiente. Buscamos trazer uma relação entre o pensamento e a paisagem têm suas implicações e modos de agenciamento, ao permitir adentrarmos um pouco mais a fundo desta questão: a de que a paisagem se encontra diante do seu próprio entorno mostrando sua plasticidade e suas significações ao serem colocadas no mundo. Isso ocorre porque,

A relação que a *experiência* da paisagem estabelece entre a extensão de uma região [de um país] e aquele que a observa é uma modalidade especialmente humana do vínculo que une todo ser vivo ao seu meio. Um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem, senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito. (COLLOT, 2013, p. 19)

Isso requer dizer que a paisagem se constitui carregada de significações, as quais apresentam as condições dadas ao serem apropriadas ou fabricadas por meio de seu uso na construção do mundo. Isso não acontece de fora para dentro, pois a objetividade está lá fora, mas depende do olhar subjetivo que conduz a criatividade imbricada em certas características das coisas.

Neste caso, as paisagens entrelaçam-se nas experiências ao constituir no espaço vivido um movimento próprio que as carregam em sua existência, nas singularidades de cada produção e ação no espaço geográfico. Portanto, tais características são vistas tanto com relação ao mundo animal quanto ao mundo humano. “Ambos testemunham a espacialidade constitutiva de todo sujeito e a subjetividade que os cerca.” (COLLOT, 2013, p.19)

Desta forma, os homens estão inseridos no seu meio ao deixar suas experiências marcadas no espaço vivido em cada paisagem imprimida na realidade geográfica. A necessidade de um olhar mais distante possibilita agregar um conjunto maior de situações capaz de oferecer uma abertura do mundo além de seus limites advindos das novas relações e novas visões numa perspectiva de transformações construídas pela humanidade.

Dessa maneira, tais construções correspondem à condição do aparecimento da paisagem, o seu domínio nos leva a conquistar diante de seu posicionamento direcionado ao olhar na direção vertical, de maneira a distanciar-se da monotonia para detectar as transformações e manejo constituídas pelas paisagens.

Nesse sentido, diferentemente dos seus antepassados ao conduzirem seu olhar para o chão, de maneira imediata, nos deixaram rastros para que pudessem acompanhar e operar frente a horizontalidade permeada no espaço geográfico.

Portanto, é no cruzamento dos traços deixados de maneira vertical e horizontal que nasce a orientação do espaço, em alto e baixo, frente e atrás, esquerdo e direito, e servem como ponto de referência para continuarmos nosso. O propósito é compreender a paisagem e suas complexidades, e recuperar nosso olhar mais atento.

Trata-se de como chegamos ao ambiente visual suas modalidades e conformações dentro de determinada realidade como:

O ambiente visual do homem não é outra adição de estímulos pontuais, mas um conjunto estruturado pelo ponto de vista do observador, que põe as coisas em relação umas com as outras, segundo um processo complexo de “ocultação reversível”. Isso ocorre porque nossa visão jamais nos dá a ver tudo ao mesmo tempo, ela não obtém um panorama, mas um agrupamento de perspectivas parciais, que se modificam e se completam à medida que nosso ponto de vista se desloca. (COLLOT, 2013, p. 21).

Como não podemos cobrir todo nosso olhar à paisagem, apesar de ter a forma estruturada, mas sempre uma paisagem em potência, nosso olhar não abrange a paisagem

em sua totalidade. O homem adere à paisagem com plena consciência, mas há sempre a ocultação de alguma coisa. É isso que tentaremos recuperar em nossa pesquisa direcionada a alguns contextos culturais. Sendo assim, ir além do quadro paisagístico e reverter aquilo que a paisagem tem a nos dizer.

Nesta perspectiva, “a paisagem pode aparecer como um lugar de emergência de uma forma de pensamento.” (COLLOT, 2013, p.21). Mas, se buscarmos as experiências advindas do olhar, entenderemos experiências como sensibilidade, a partir daí será a fonte de sentidos. Por isso a leitura de romance ao capturarmos as emoções e sentimentos dos personagens (avatares) e como eles se relacionam frente a paisagem ali imprimida.

Se a experiência será a fonte de sentido podemos recorrer à fenomenologia, ao evocar a leitura de Merleau-Ponty em seu livro *Fenomenologia da percepção*⁷. Por trazer a palavra paisagem em seus escritos e relacioná-la à fenomenologia, dando suporte para que possamos compreender melhor o conceito de paisagem aqui tratado.

A paisagem aparece como a própria imagem do mundo vivido... uma manifestação exemplar do que Husserl chama de espontaneidade operante, “aquela que faz a unidade natural e antipredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nas nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente que no conhecimento objetivo, e que fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata.”⁸ (MERLEAU- PONTY, 1945 apud. COLLOT,2013, p. 22.)

A reflexão sobre o termo “*antipredicativa*” cabe em nossas reflexões para mostrar a posição da paisagem frente a abertura diante de nossos olhos, sendo que as ações do sujeito estão para o predicado. Aqui as ações das paisagens estão para o nosso pensamento, isso mostra que o olhar está por vir a partir da paisagem.

Para percebermos o fenômeno dependemos da significação e do sentido escritos no sensível, inerente àquilo que podemos observar na paisagem, na fisionomia e na sua apresentação, principalmente quando descobrimos novos lugares, emergem reações advindas, os quais provocam nossos sentimentos.

7 Maurice Merleau-Ponty, *Phenomenologie de la perception*, Gallimard, 1945.

8 Maurice Merleau-Ponty, *Phenomenologie de la perception*, Gallimard, 1945. Trad. Ida Alves, no livro *Poética e filosofia da Paisagem*, Michel Collot, 2013.

Isso não é simples aos nossos dados sensoriais, mas dependemos de algumas associações para chegar a significações mais concretas, vinculado a uma construção de significante de si mesma, entender a paisagem em sua plasticidade e aquilo que ela já traz em si mesma.

A paisagem é um belo exemplo dessa constituição simultânea de um conjunto e de um sentido, na medida em que se apresenta como “uma visão de conjunto”, no seio da qual, segundo Fontenelle, “todos objetos antes dispersos se juntam num piscar de olhos. (COLLOT, 2013, p. 23)⁹

A importância de trazer a paisagem e nossa percepção será revelada pela fenomenologia como ponto crucial da experiência sensível, é que a paisagem contém seu visível e invisível como já discutiremos, mas a novidade se apresenta em uma nova premissa a de que uma coisa jamais será percebida senão em sua relação com os outros.

No entanto, frisar as significações e o contexto cultural movido pelas relações sociais ao aglutinar as experiências nos espaços vividos de modo a qualificar seus sentidos e apropriações, cujas intervenções humanas faz para confirmar e enriquecer a potência subjetiva diante do espaço.

Desta forma:

Augustin Berque chama de “médiance” o ‘fluxo de relações que ligam indissolavelmente os sujeitos aos objetos’ e “uma sociedade de espaço e de natureza”, ele nomeia de “trajection” a interação que ali representa e a troca ao mesmo tempo material e cultural que nela se estabelece entre o homem e seu meio. (COLLOT, 2013, p. 37).

Neste ponto, o pensamento sobre a paisagem opera numa diversidade de olhares pertinentes à realidade geográfica. Sua exigência requer a partilha que há entre os homens e as coisas, ao assegurar os sentidos e tornar visível o invisível por algum motivo as reações restituem a tomada de posição.

Desta forma, a percepção configura a subjetividade humana e o interior das paisagens estruturadas em formas de pensamentos e revelações. “A paisagem implica um sujeito que não reside mais em si mesmo, mas se abre para fora. Ela dá argumento para uma redefinição

9 “Uma paisagem da qual se terá visto todas as partes, uma após a outra, não foi, entretanto, visão; é preciso que o seja de um lugar bastante elevado, onde todos os objetos antes dispersos se juntem sob um piscar de olhos” (Fontenelle, Éloge de M.Varignon, citado por Littré no verbete “Paysage” de seu Dictionnaire de la langue française) (COLLOT, 2013)

da subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação.” (COLLOT, 2013, p. 30).

Sendo assim, somos o que rodeia, nosso entorno em busca de uma abertura cada vez abrangente para um mundo melhor, e voltar a análise da paisagem requer trazer aquilo que a humanidade busca desde seus primórdios a consciência humana de ser e estar no mundo. Isso é projetar-se.

4- ESTUDOS SOBRE A CULTURA NO ROMANCE DENTRO DA PERSPECTIVA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Os estudos sobre a Cultura e Espaço no romance e a perspectiva do espaço proustiano partem de algumas contribuições teóricas interdisciplinares nas áreas do conhecimento como a Geografia e a Literatura. Orientadas pela fenomenologia por intermédio das relações entre o enredo e as personagens descritas nos lugares e nas paisagens inscritas no romance. Tais estudos podem nos ajudar a contextualizar nossa problemática e situar no espaço e cultura alguns debates sobre o lugar e paisagem mundo sob as características socioculturais.

Recorre-se a diferentes pesquisadores que buscam compreender a produção e a reprodução do espaço geográfico, ao buscar nas relações sociais as novas configurações e outras perspectivas internas e externas constituídas pelos sentimentos e emoções por meio de um conjunto de lugares e de paisagens grafadas em romance.

Orientamos a uma leitura geográfica do mundo ficcional para compor nossa fundamentação teórica e obter propriedades de análises ao utilizar o romance para capturar a associação dos personagens aos lugares e às paisagens. Os primeiros organizam-se diante desta associação, na medida em que adentramos às pesquisas mais recentes que dialogam com nossa temática no entendimento do contexto, face a face do Espaço e da Cultura.

Os romances são retomados em nossa pesquisa por ser um material oferecido ao mundo para despertar novos olhares e interrogações, além de dar algumas informações, as quais já perdemos de vistas e não aparecem nitidamente aos nossos olhos na atualidade. Sendo que, são registros ficcionais escritos de acordo com a época vivida em busca de detalhes.

Tal reflexão trata das mudanças ocorridas capturadas por olhares atentos e veiculados nos lugares e nas paisagens. Por exemplo, na obra *“Em busca do tempo perdido”*, são inúmeros detalhes a serem resgatados, aqui passa pelas transformações na modernidade do século XIX, onde o lugar e a paisagem se conectam ao mundo mediado pela cultura e pelo pensamento humano.

Os romances são inúmeros e apresentam uma grande diversidade de assuntos referentes ao cotidiano, às pessoas, modo de vida, aflições, alegrias e tristezas. São movimentos da vida acentuando sua intrínseca relação com o mundo, e falar deles é uma oportunidade para serem revisitados.

De acordo com Franco Moretti (2009), o romance pode ser tratado como acervo de culturas, pensamentos e práticas de reflexões, em sua apresentação geral: “Em primeiro lugar, o romance é para nós um grande acontecimento cultural, que redefiniu o sentido da realidade, o fluxo do tempo e da existência individual, a linguagem e as emoções e os comportamentos.” (MORETTI, 2009, p.12). Parte-se do pressuposto que o romance é cultural e seu formato agrega a multiplicidade dos feitos da humanidade, desde Homero (Grécia) até a modernidade no séc. XIX.

Nos escritos encontramos uma variedade de criaturas surpreendentes, as quais elevam muito nossas perspectivas frente ao mundo, diante do contato com os diversos setores sociais, os mais abastados e os mais vulneráveis, e busca aquilo que eles têm a dizer. Conhecemos os lugares onde vivem, a paisagens na qual estão inseridos configurados nos próprios limites do universo, uma história milenar constituindo uma ‘*geografia planetária*’.

Aprende a falar aos burgueses da cidade, às mulheres e (filhas): difunde seu ceticismo nos contornos sobrenaturais, e o gosto por uma linguagem cotidiano e “mediana” (que será a dos estados e nações); faz com que os leitores se apaixonem pelo espaço invisível da interioridade bem como visibilíssimo da grande cidade. (MORETTI, 2009, p.12)

Diante das pesquisas realizadas por Franco Moretti (2009), o romance passa por seus questionamentos e julgamentos, ao ser encarado como uma criação mentirosa devido seu aspecto ficcional e inventivo, ao não garantir o rigor científico exigido no século XIX. Mas sua importância se dá com a chegada de novas tecnologias, como a imprensa de livros configurou-se a expansão da indústria cultural. A presença de mulheres escritoras frente a conquista do mercado internacional. Assim, presenciamos novos meios de comunicação de massa e a grande difusão de experiências lidas e sentidas pelas pessoas, a oportunidade de conhecer lugares e paisagens diferentes imprimidas nos romances.

Ao trazer o romance e a geografia para nossa pesquisa foi o de compreender que o diálogo entre os dois seria uma forma insubstituível na formação humana, principalmente em sociedades cunhadas pela modernidade e democracia.

O conjunto de áreas de conhecimento poderia ampliar e difundir práticas interdisciplinares em um mundo complexo e diversificado, ao ser possibilitado para ser inserido nas escolas como disciplinas básicas.

A literatura, ao contrário, diferente da ciência e da técnica, é, foi, e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentes de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhe determinam o horizonte. (LLOSA, 2009, p.21).

A experiência humana torna-se aquilo que sentimos ao sentirmos pertencentes à mesma espécie ao compartilharmos nossos sentimentos e emoções, isto é, permanece em todos nós, ao destacar as experiências diferentes que nos unem e que nos separam. Isso nos defende contra a violência, a discriminação, a xenofobia, segregação de lugares e sectarismo, ao reconhecer no outro como pertencentes ao mundo.

Assim, nós compartilhamos o essencial dos homens e mulheres na maneira como são organizados os modos e as maneiras de vida aplicados a sua sobrevivência, ao dar forma e materialidade constituída para o uso e prática configura-se na formação das latitudes (organização social) e longitudes (relações sociais) centralizadas nos lugares e nas paisagens por vezes representadas e sujeitadas por injustiças e explorações.

De forma direta e indireta podemos reaver as experiências vividas através das obras literárias, a vida não pode ser vista de forma fragmentada ou reduzida a fórmulas, mas sim um conjunto de ações permeadas pelo lugar e paisagem na qual vivemos.

Esse sentimento atrelado à coletividade humana através do tempo e do espaço agrega a cultura e contribui para a inovação e abertura de outras possibilidades na realidade geográfica. Por isso, o romance não nasce nele mesmo, é a partida para pós leitura ao ter em mãos uma grande fonte de feitos e fatos, os quais serão compartilhados e refletidos e poderão fazer parte da vida social de forma a partilhar experiências por meio dos sentimentos e emoções.

Nesse sentido:

Uma sociedade democrática e livre tem necessidade de cidadãos responsáveis e críticos, conscientes da necessidade de submeter continuamente a exame o mundo em que vivemos para procurar aproximá-lo – empresa sempre quimérica – daquele em que queremos viver; mas graça a sua obstinação em querer realizar aquele sonho inalcançável - conjugar a realidade com desejos – graças a isso é que a civilização nasceu e progrediu, e que o ser humano foi levado a derrotar muitos – não todos naturalmente – demônios que o submetem. (LLOSA, 2009, p.27)

Com isso, a cultura do romance é propriamente dita como fonte de comunicação e de difusão. Aqui buscamos os conhecimentos esquecidos e compartilhados, dos feitos da humanidade. Nessa perspectiva inserimos a presença dos lugares e das paisagens para que sejam observados por nós para que possamos compreender e examinar os abismos dos fenômenos humanos.

Na interface daquilo que nos apavora e nos destrói, observar os meandros agenciados na decisão de nossas rotinas operadas em uma vida oprimida. Isso requer a constante luta pela sobrevivência. Sendo assim, não podemos mudar o estado das coisas, mas podemos criar outras possibilidades dentro do universo em transformação.

4.1- O diálogo entre o romance e a cultura e sua repercussão nos lugares

O romance é visto por Franco Moretti (2003), de uma forma peculiar ao destacar que a há um “*atlas do romance*”. contribui muito com a geografia e a literatura, o atlas de maneira a representar o campo literário, o mapa traz uma relação significativa como a difusão e distribuição das obras literárias, a relação do personagem com o lugar permite uma análise ao assegurar aquilo que nos escapa.

Ao trazer outras contribuições para nossa análise, isso pode indicar um estudo do espaço na literatura, ou da literatura no espaço, assim o intenso trabalho de Moretti foi a de mapear alguns romances europeus entre 1800 e 1900. Aqui o autor traz lugares reais das obras, aqueles descritos nos romances, de maneira a contextualizar o momento histórico e os lugares por onde passam os enredos e personagens nos textos.

Ele cria um sistema de mapas importantes para as análises dos lugares e das paisagens contidas nos textos, não apenas como ornamentos, mas sim, como ferramentas analíticas.

Assim, os mapas nos permitem ver:

a natureza espacial das formas literárias, cada uma delas com sua geometria peculiar, suas fronteiras, seus tabus espaciais e rotas favoritas. Em seguida, os mapas trazem à luz a lógica interna da narrativa o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza. (MORETTI, 2003, p. 15).

Ao mapear o romance temos a possibilidade de uma visibilidade melhor por aderir a construção visual e somá-las às partes de que ele se forma, no caso de nossa pesquisa, observação a relações dos personagens por meio de seus sentimentos e tentar localizar os lugares para estarmos mais seguros em nossas análises, de a agregar novas informações aos estudos ou aquilo que pode estar no conjunto de ações dos personagens do romance.

Nesse sentido, o romance deverá operar de maneira para abrir as relações, e fazer emergir coisas ocultas, as quais terão significados para nossa pesquisa: as divisões internas, as operações que interligam os personagens ao mundo. Com isso, compreender a configuração do estado das coisas em movimento agenciado pelo lugar e pela paisagem e suas reproduções espaciais interpretadas por relações sociais na interface espaço e cultura.

No decorrer do tempo histórico as comunidades humanas, a partir da chamada revolução agrícola encontraram seu ponto fixo para se estabelecer antes do nomadismo e a chegada do sedentarismo. O lugar para manter sua sobrevivência esteve ligado à sua intrínseca relação com a terra e extrair do solo as condições necessárias à sua sobrevivência, e também à realização da sociedade humana. “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se à ideia de centro das realizações.” (WILLIANS, 2011, p.11).

Essas atividades deixaram marcas de diferentes maneiras para a humanidade, e registradas em textos por meio da literatura como as formas de vida campestre, suas realizações, os jogos de conflitos e disputas.

De acordo com Raymond Willians, “a literatura durante gerações continuou basicamente rural; e mesmo no século XX, numa terra urbana e industrializada, é extraordinário como ainda persistem formas de antigas ideias e experiências”. (WILLIANS, 2011, p.13). Assim, buscamos neste percurso orientar nossa pesquisa, e chegarmos ao texto de Marcel Proust “*Em busca do tempo perdido*”, recorre-se especificamente ao livro I, no capítulo I, “*No caminho de Swann*” ao tratar de lugares e paisagens inseridas neste romance pelo autor.

Ao retornar a vida campestre e seu registro na literatura em termos de significados temos um grande material em formas de acervo direcionadas às nossas interrogações no tocante aos sentimentos e ações inseridas nas atividades no espaço e no tempo. As marcas deixadas nas escritas literárias são reconhecidas e apresentam as sobre estradas, moradias,

nas trilhas de cavalos, os bosques, morros esculpidos pelo vento, podem nos dar pistas uma enorme quantidade de pistas no que se refere a produção do espaço.

Muitas destas informações estão imprimidas em forma de escrita literária, onde cada parte dos lugares guardam milênios de histórias a serem despertadas por nós, por meio da dinâmica de justaposição de atividades de complexidades horizontais e verticais, neste cruzamento encontramos os lugares e paisagens que compõem a realidade geográfica.

O pensamento geográfico ao adentrar nos termos e práticas culturais podem revelar sentidos e significados por conter em sua essência manuseio de simbologias, cuja aparição estão presentes nos lugares e nas paisagens. Assim, tais símbolos podem nos revelar a possibilidade de compreender como a cultura está imbricada na produção do espaço, cuja percepção constitui-se numa fonte viva, que pode ser observada desde os gregos da antiguidade até os dias atuais, cujas práticas ganham uma dimensão espacial. A cultura, quando associada ao pensamento geográfico, revela sua diversidade tanto espacial quanto temporalmente, pois traz as resistências advindas da memória, os afazeres do cotidiano presente e projetam indagações.

Sendo assim:

Veremos que o estudo da relação entre cultura e o espaço trouxe e continua trazendo muitos problemas epistemológicos, porém, ele revela outros aspectos do futuro das sociedades contemporâneas. Algumas dessas questões serão aqui abordadas sob o ângulo das controvérsias que atravessaram e atravessam a disciplina geográfica. Antes, contudo, devemos observar de que maneira sua contribuição se distinguiu das outras ciências humanas a propósito da relação da cultura com o meio ambiente. (BERDOULAY, 2012, p. 102)

O Espaço e a Cultura ganham outros aspectos no trabalho de Berdoulay (2012), que tange às relações com o meio ambiente e o pensamento geográfico, adentrando em seus questionamentos frente a produção do espaço do mundo ocidental na perspectiva da relação humana com a natureza. Assim, conduzem uma operação técnica e fragmentada desta relação.

Sendo que, ao revisitar a ordem natural e a ordem cultural percebemos que há um descompasso no processo produtivo do espaço. A primeira refere-se à materialidade, e a segunda o uso desta materialidade. Por isso, cada sociedade utiliza seus recursos naturais de acordo com sua forma de organização.

A ordem cultural segue seus padrões implementados pelas regras de convivência e agenciados pelos hábitos e costumes em constantes transformações. Configura-se a presença do lugar e da paisagem propriamente dita. Isso é observado em diferentes organizações sociais percebidos nas marcas deixadas pela humanidade.

Assim, o tempo natural e o tempo social por terem suas diversidades a contradição ecoa na definição da construção social pelas quais estão organizadas por diferentes processos, a primeira com tempo mais lento dirigidos pelas leis da natureza e a segunda operada pelas necessidades humanas que demandam uma solução mais rápida. Tudo isso, influencia as ordens estabelecidas. Essas etapas apesar de serem contraditórias caminham juntas, a qual origina uma mobilidade legítima de transformação humana no percurso da configuração da realidade geográfica, pois ao aplicar, acentua uma ordem que deveria ser cultural.

A abordagem cultural no espaço implica compreender como são organizadas as relações políticas, sociais nas situações encontradas em sua estrutura (forma e matéria), aqui entendida como um fator na produção e reprodução do espaço geográfico. O seu impacto nos revela outras informações e ações, onde as pessoas estão inseridas, isto requer saber sobre a ação humana na natureza para que haja uma reflexão na visão global em detrimento das transformações mobilizadas na configuração do espaço.

Sauer trouxe algumas preocupações referentes ao determinismo e o ambientalismo, porque estes termos trariam uma redução às coisas inerentes à ação humana, sua concepção dirige-se sobre o papel do homem, seus valores e atitudes e crenças no agenciamento das transformações ocorridas no mundo.

Com isso, aderimos não apenas à cultura, mas a relação intrínseca com o espaço, por isso a leitura de Corrêa e Rosendahl (2007) tece uma relação ao garantir o não apagamento do espaço reavalia sua legítima relação a plasticidade da representação frente ao espaço e a cultura.

De certo modo, essa crise, essa “crise de representação” encorajou a geografia cultural a se interessar pelas múltiplas “vozes” que poderiam se manifestar dentro da sociedade e que as representações dominantes têm tendência a esconder como discurso das mulheres, homossexuais, minorias étnicas etc. (SOJA, 1989 apud BERDOULAY, 2012, p. 110.)

A relação entre espaço e cultura envolve contradições, possibilitando a expansão das reflexões referentes à produção do espaço. Desta forma, a leitura do romance em destaque “*Em busca do tempo perdido*”, constitui um acervo, se dá na perspectiva geográfica, sobretudo ao considerar o espaço vivido que se reconfiguram a partir de novos elementos, que são o tempo todo, colocados no cotidiano.

A apropriação do Estado e a utilização dos recursos disponíveis para moldar os lugares e as paisagens concatenados na emergência necessária do percurso da humanidade, e responde às questões que a modernidade nos oferece, porque é nos meandros da interculturalidade desponta novas questões.

4.2- As memórias habitadas nos lugares e nas paisagens

As memórias habitam os lugares e as paisagens, às vezes implicitamente ou explicitamente, na qual a inteligência humana atua de forma a recuperar as lembranças de modo voluntário e involuntário, até mesmo o esquecimento deixado na vida das pessoas. Assim, a relação entre memória e paisagens situada nos lugares emergem como experiências naquilo em vemos nas paisagens ganha significados a serem redescobertos e experiências, ao atuarem por semelhanças reconhecidas pelo observador. Sendo assim, os lugares e as paisagens tornam-se elementos fundantes na busca do que é humano, ao resgatar a própria essência humana. Ao se deparar com a imagem do lugar e da paisagem existem sinais e símbolos que rememoram os diferentes humores tristes e alegres, e também sentimentos vividos ao ganhar rememorações na escrita de um texto romântico.

Nesse sentido, “por vezes, o lugar que contrasta com todos os outros aparece *para além* deles, não para continuá-los, certamente, mas ao contrário, para marcar com mais nitidez ainda a qualidade que o torna um universo à parte.” (POULET, 1992, 25).

Isso nos remete à passagem pelo qual os lugares das lembranças buscam traços familiares e individuais como imagens internas, aquelas também requisitadas pela arte, agora tratadas no pensamento geográfico em nosso trabalho para a realização da fenomenologia da percepção ao constituir uma maneira de relatar um ambiente que poderá restituir uma ‘*geografia dos sentimentos*’, os quais buscam nestes espaços maneiras para apaziguar as emoções e experiências veiculadas pelas personagens.

Digamos que esse meio ou caminho é mais a representação topológica do próprio ato pelo qual o espírito transporta o que vê, fazendo com os objetos passem do real para o imaginário: “Elstir¹⁰ não podia olhar uma flor sem transplantá-la primeiro para o jardim interior onde somos sempre forçados a permanecer” (PII, 943/SG 271)¹¹Jardins interiores para onde transplantamos não somente flores, mas também, paisagens, rostos de pessoas... (POULET, 1992, p. 27).

A partir dessa análise o autor Proust elabora a presença dos seres humanos em sua obra sempre nas relações com os lugares constituídos por como suporte e molduras. Isso requer mostrar que a presença dos seres no mundo exige a devida relação personagens e paisagens.

Mas, o que salta aos olhos é a fabricação de objetos a partir do que vemos nos lugares e sua ligação imediata com o consciente que se juntam para criar a narrativa em determinados ambientes locais configurados na própria escritura.

Portanto, os lugares cercam os personagens de tal maneira que os fazem descobrir situações veladas, mas esclarecidas pelas experiências vividas no enredo. Desta maneira, os personagens tomam consciência do seu lugar e do seu espaço, ao despertar no leitor de romances a configuração do espaço vivido tanto dos personagens quanto dos lugares. Isso quer dizer, “sem os lugares, os seres seriam apenas abstrações. São os lugares que oferecem o suporte necessário, graças ao qual podemos atribuir-lhes um lugar em nosso espaço mental, sonhar com eles e deles nos lembrarmos.” (POULET, 1992, p. 31).

Como podemos observar em Proust, a realidade agrega sonhos, lugares e pessoas unem-se. Com isso, resgatar o gesto dos sentimentos e emoções em que buscamos colocar em evidência, na qual percorremos os lugares no romance e encontramos as ações dos personagens, e a cada lugar a aparição ganha novos contornos, por exemplo, as pessoas que amamos são renovadas em locais desconhecidos devido a nova configuração na medida em que a nossa imaginação nos permite chegar.

A cada lugar em que encontramos a pessoa amada de acordo com Proust surgem novas significações e sentidos. Além de realçar a presença da amada, o lugar e o personagem

10 O pintor Elstir é um dos personagens muito importante da obra “Em busca do tempo perdido”, ele inspirado em pintores impressionistas como Monet, Renoir e Manet. Marcel Proust cria este personagem para mostrar de que maneira vemos e construímos nossa relação entre lembranças e lugares/paisagens independentes da inteligência.

11 PII= à la recherche du temps perdu, vol. II (Paris Gallimard, Bibliothèque de la Pleiade, 1954. SG= Sodome e Gomorre PII, Indicação de George Poulet no livro “O espaço proustiano”, 1992.

ganham outras conotações devido a mudança do lugar e do personagem, aqui o lugar age como se tivesse vida como os personagens. “O lugar dá acesso a mulher, mas também a imagem da mulher dá acesso ao lugar. Dessa curiosa interdependência, ao mesmo tempo topológica e antropológica, o melhor exemplo é seguramente os *nomes*” (POULET, 1992, p. 34).

Ressalta-se a importância que Proust dá aos nomes dos países, das famílias, os nomes dos lugares, os quais ocupam grande parte da obra proustiana, e algo mais a reprogramação do olhar para a pessoa e para os lugares.

Os prestígios e mistérios dos lugares tornam-se prestígios e mistérios humanos. Portadores de um nome que os humaniza e individualiza, eles se oferecem e se ocultam, escondem segredos, inspiram desejos, desvelam belezas. Por isso, os lugares merecem ser objetos de nossa curiosidade admirativa e mesmo de nosso amor. (POULET, 1992, p.37)

Neste caso, os lugares se comportam como pessoas, pontua a obra, os nomes podem localizar e dar status para as pessoas como também os nomes dos lugares.

O lugar onde estamos, tal como o lugar com que sonhamos. Com efeito, se existe algo significativo na topologia proustiana, é exatamente essa insistência com a qual o romance retoma ao caráter de originalidade ou de individualidade dos lugares – tanto os lugares sonhados pelo pensamento onírico e mítico, quanto aqueles percebidos na experiência sensível e revistos mais tarde na lembrança. (POULET, 1992, p.38)

Neste sentido, os lugares devem ser vistos não só na sua localidade pura no espaço como os personagens não podem serem vistos com simplesmente espécimes intercambiáveis da humanidade, porque as pessoas têm sua originalidade aplicada também aos lugares que nos tocam como as pessoas também o fazem, além de serem como ilhas no espaço formado pelos afazeres dos personagens, na qual constitui um agregado de lugares e de paisagens configurando o espaço geográfico.

Ao aderirem a seu pequeno universo, o que importa não são as generalidades que se perdem em sua extensão, mas sim, a constituição da paisagem observada pelo gesto da modelagem mental que a imaginação configura.

A presença da constituição da paisagem e dos lugares agenciados pelos personagens ocupa grande parte do romance, pois encontra-se na memória e seu tempo não está perdido.

Por isso a sua busca o espaço também não está, por isso é que o olhar pode nos revelar o desencadeamento que força o pensamento, ao deixar os lugares falarem também por si só, cuja metamorfose aplica-se a estes elementos constitutivos do olhar e proporciona novas configurações concatenadas pela geografia dos sentimentos que abrem as portas de nossa imaginação, configura-se em outras narrativas atreladas ao conhecimento geográfico.

4.3 A reprodução do espaço itinerários e perspectivas pelo gesto do romance

O espaço geográfico requer a aproximação e o olhar mais observante sobre as sutilezas para que possamos perceber seus movimentos e ações agenciados pela configuração da natureza frente a produção humana permeada em suas relações sociais. É crucial que mantenhamos sempre a natureza e a sociedade em constante diálogo.

Desta forma, o direcionamento permeado pelos afazeres que há na humanidade na reprodução socioespacial e cultural. Sendo assim, chama-se espaço social aquele que é apropriado e transformado e produzido pela sociedade, direcionado pelo conhecimento e pelas instituições que as legitimam pelo gesto cultural.

Na verdade, localizamos o espaço geográfico na forma como a morada do homem e suas ações são refletidas no lugar e no paisagens, os quais formam a configuração daquilo que entendemos como a tradição dos estudos e conhecimentos geográficos.

Havendo essa compreensão, base de uma convivência produtiva, pode-se chegar, e é desejável que se chegue, ao desenho de problemas de pesquisa e à construção de objetos de conhecimento específicos que promovam, sem subordinações e sem artificialismo, colaboração e diálogo. Que promovam, pode-se dizer, a unidade na diversidade, (SOUZA, 2020, p.26).

Vale lembrar que o objetivo desta pesquisa busca-se estudar a natureza constitutiva da sociedade permeada pela cultura simbólica que rege as situações dos afazeres e dos usos praticados pela humanidade capturado dentro de uma escritura romanesca ao qual acreditamos ter um papel fundamental para apresentar-se ao que estamos dispostos a realizar como uma forma de conhecimento geográfico.

Ao constatar que os personagens vivem em um espaço fictício, mas muito aderente àquilo que pretendemos analisar, os vieses do sentimento e emoções são abertos a uma

intrínseca relação da humanidade com o mundo que o cerca, e seu entrelaçamento do conjunto material e imaterial plasticizado na sociedade.

Essa relação buscará subsídios em um exercício na leitura de um romance, ao trazer o lugar e a paisagem dentro do enredo para que possamos compreender como a expressão social dá sinais e elementos materializados pela ação humana condições para interpretações e análises transformacional, as quais o necessitam para organizar e reproduzir o espaço geográfico. Assim, assinalamos lugar e paisagem em relação:

Com a relação da ideia de “lugar”. O “lugar” ... não é “qualquer lugar” um sinônimo de abstrato de localização; ele é um espaço dotado de significado e carga simbólica, ao qual se associam imagens, muitas vezes conflitantes entre si: lugar de “boa fama” ou de “má fama”, hospitaleiro ou perigoso, e assim segue. O lugar é, em princípio, um espaço vivido: vivido, claro, pelos que lá moram ou trabalham cotidianamente. Mas imagens de lugar também são criadas de fora para dentro, ou então com base em uma vivência mais frouxa, mais esporádica, não cotidiana. O que é uma imagem do lugar? Uma “ideia” (ou ideias) e um “sentimento” (ou sentimentos), que se expressão por representações, por uma toponímia, por um conjunto de indicações (tabus, recomendações, interdições: “não vá lá, é perigoso”; ah, como eu adoraria morar naquele lugar!...). (SOUZA, 2020, p.36)

Nesse sentido, o lugar ganha conteúdo e abre-se ao continente por agregar uma diversidade de coisas e situações que a completam por meio material, os quais têm a capacidade de nos orientar e legitimar as condições em uso revitalizante da organização espacial advinda das transformações ocorridas no mundo.

A presença humana está inserida nele, além de orientar sua presença em diferentes escalas. Isso acusa a inter-relação humana com o mundo, ao sobrepor a relevância emergente em colocá-la em evidência, a fim de dar visibilidade aos pequenos detalhes, os quais fogem aos menos atentos frente a realidade geográfica.

Portanto, o lugar e a paisagem ganham um status moderador na relação entre natureza e sociedade permeado por uma dinâmica agenciadora motivada pela consciência encontrada no interior do pensamento, aquele que buscará agregar e contribuir para os estudos da reprodução do espaço. Na perspectiva das experiências em receber os dados veiculados no âmbito do lugar restituindo a reivindicação daquilo que o lugar e a paisagem têm a nos oferecer.

5- A PRODUÇÃO DO ESPAÇO REPRESENTADO: NOMES E LUGARES

As escrituras refletem suas observações sobre a própria escritura e a Mondanité (o mundano), isso quer dizer que a aparição das experiências plasticizadas nos personagens observadas pelo autor em salões, reuniões familiares e passeios pelos lugares na França.

Busca-se aprofundar a consciência humana atrelada a sua presença no mundo como uma forma de reelaborar o diálogo entre a Geografia e Literatura proposta em projeto de abertura às diferentes questões para o campo do pensamento geográfico. Sendo assim, o romance proustiano associa imaginação e realidade no livro “*Em busca do tempo perdido*”, pois trata-se do ser em busca de seu passado no arquivo memorialístico no interior consciente emergido pela memória voluntária e involuntária.

O que está perdido vincula-se ao momento da tomada de consciência, acontece um despertar para realidade, ao ganhar sentido na plasticidade dos sentimentos e das emoções, ao encontrar estes pensamentos ligados aos lugares onde aparecem os personagens.

Assim, utiliza-se o lugar no imaginário para localizar o momento vivido pelo personagem, ao coincidir os lugares como aportes para modelar em sua consciência a reativação da lembrança inserida em uma mistura de imagem, que chega a ter vertigem e as coisas se formam de maneira a constituir novos significados.

Sendo assim, “Não somente o tempo que vacila, são os lugares e espaço. Um local tenta substituir o outro, assumir seu lugar” (POULET, 1992, p. 10). Os lugares se misturam e se entrelaçam em variados movimentos como em sonhos, até chegar à tomada de consciência do lugar, a leitura da obra força a ida do leitor a lugares remotos e lugares presentes como se saíssemos de um sono.

No início do texto do livro I “*No caminho de Swann*”, o herói está adormecido e acorda e assim começa o romance, no qual o herói tenta descobrir onde estava. Assim a narrativa proustiana não está somente a procura do tempo perdido, mas também a procura do espaço perdido, abre-se o interesse pela pesquisa.

Portanto, os lugares se comportam como lembranças do passado, uma forma particular de observar e refletir sobre os lugares. Chama-se atenção como os personagens se ligam aos lugares e paisagens na escritura do texto, e ainda uma atenção aos lugares que residem nas lembranças. Uma averiguação para nossa pesquisa, “em Proust toda uma série

de lugares inconfundíveis, que parecem existir no interior de suas fronteiras de um modo absolutamente independente.” (POULET, 1992, p. 23).

O capítulo I, “*No Caminho de Swann*” ganha notoriedade em destacar a singularidade diante da reflexão estética e crítica no desenvolvimento da escrita na descrição das catedrais, nas obras de arte, nos lugares visitados. Aqui o autor busca a singularidade dos lugares e das paisagens ao constituir a intersecção entre as particularidades humanas relacionadas com as do lugar.

Cria-se um movimento de descrição ao estabelecer um tratamento diferencial emergente frente a uma unidade para observação dos fenômenos, os quais podemos analisar, ressalta-se a dimensão social agenciada pelas relações sociais, o qual abre-se para as manifestações e experiências da humanidade e sua relação com o mundo.

Ao trazer as individualidades dos personagens percebemos também as individualidades dos lugares de forma assertiva novas abordagens e novos olhares em torno de outras indagações imprimidas em cada detalhe singular.

O nosso estudo está concentrado no conjunto de personagens que se revelam na diversidade de suas aparições ao adentrar o segundo conjunto, ou seja, constituído pelos lugares e pelas paisagens, onde os primeiros se revelam na diversidade de suas aparições na perspectiva em que o lugar e a paisagem fazem com que as aparições fictícias ganham novos sentidos ao adentrar nos lugares e nas paisagens. É por isso que não podemos dissociar os elementos fundamentais dentro do cenário romântico, quando o personagem se encontra perdido sua presença é restituída pelo lugar e paisagem.

Por exemplo, o personagem Swann sobre sua aparição:

Cada aparição contém uma parte de verdade e uma parte de incompletude, em função do olhar que observa, o que remete os personagens à sua aparência, sugerindo uma inferioridade descontínua ... (o Swann de Combray parece ser, aos olhos dos familiares do herói, um burguês sem envergadura, embora ele seja um membro do Jockey-Club e frequente o príncipe de Gales), as personagens de *Em busca do tempo perdido* correspondem ao olhar mediador que as contempla e modela. (ERMAN, 2015, p. 14)

Como podemos observar a importância da mediação entre o personagem, o lugar e a paisagem no contexto da produção e reprodução do espaço, a percepção das singularidades

e particularidades destes que as dará por meio de suas interseções a uma complementaridade para entender a realidade preenchida por novos conhecimentos.

No caso acima, conhecer os personagens e suas complementações se remete a conhecer o lugar, porque este guarda marcas sedimentadas. Pelo tempo e sacralizada pela sociedade ao exigir a busca do tempo, e agora sim a busca do espaço perdido esquecida nos detalhes, por olhares as vezes desatentos, os quais requerem a retomada do olhar frente às questões do conhecimento geográfico.

5.1- Produção e Representação dos Nomes

A escolha desta obra se dá por nos oferecer o desfrute e análise ao apresentar um conjunto de imagens, cujo interesse se volta à compreensão da sensibilidade para uma geografia humanista, a necessidade de viver e de experimentar todas as emoções, os sentimentos e as paixões sem conhecê-las. Mas, restaurar todos os sentimentos também advindos dos lugares e das paisagens, ao dar a chance para que nosso entorno possa apresentar o que ele tem a nos dizer.

Nem caracteres, nem substâncias, as personagens existem pelo e para o leitor, ou seja, em parte para o narrador que as apresenta segundo uma técnica particular que joga com o espaço vivido e o passado requisitado, mas elas existem também em si, pois são submetidas à imanência das paixões, sejam elas sociais e amorosas. (ERMAN, 2015, p. 15)

Desta forma trazemos alguns exemplos de personagens, seus nomes e singularidades:

Swann, [Charles]. Nascido por volta de 1872, morto em 1899. Embora seja filho de um corretor da bolsa de valores judeu, que frequenta a burguesia de negócios, ele entra bem rápido na sociedade do Faubourg Saint-Germain e se torna membro do Jockey-Club. É bem conhecido do príncipe de Gales e do presidente da república; no final das contas, sua busca não será a dos membros da alta sociedade e de seus fúteis interesses, mas a do ser confrontado à arte e o amor. Ele duvidará sempre da sinceridade dos sentimentos de Odette, que ele encontra em 1877 e com quem se casa dez anos mais tarde, após o nascimento da filha deles, Gilberte. O amor infeliz que ele consagra à sua amante inconstante, e que será vivido sob o modo de ciúmes, prenuncia os amores do herói. Na cena da suspeita, Odette é somente uma imagem: é a razão pela qual ela a imagina sob os traços de Zéfora, pintada por Boticelle. Ela existe, desse modo, por meio do prisma da arte e se torna desejável por ser imaginada. Essa atitude estética, quase

idólatra, encerra Swann no mundo dos determinismos da fuga dos dias e das paixões.

Swann é a princípio, um modelo (ele conhece Bergotte, aprecia a música de Veinteuil, prepara um estudo sobre Veermer), mas um modelo a ser superado, porque renunciou à vocação artística. (ERMAN, 2015, p. 73)

Odette de Crécy, tornada senhora por casamento com precedente. Nascida em 1853. Como todos os personagens femininos importantes da *Busca*. Odette conserva um lado misterioso; todavia ... sua personalidade e seus propósitos serão pouco a pouco quase inteiramente revelados.

No início do romance, ela é esposa de Swann – eles se casaram em 1889 – e moram em *Tansonville*, mas é considerada suspeita pelos pais do herói, que se recusam a recebê-la ao saber do seu passado cortesã. Ela não renunciou inclusive à galanteria, pois é a “dama rosa”, amante do tio Adolphe. Na sequência ficamos sabendo que fora casada com o conde Crécy e que posará de travesti, quando era uma jovem atriz em busca de notoriedade, para o retrato de Miss Sacripant, pintado por Elstir, em 1872 [o que remete ao tema da ambiguidade sexual no romance].

Ao final dos anos de 1870, Odette faz parte do “pequeno clã” Verdurin. Ela se torna amante de Swann em 1879. Embora ela lhe dê algumas provas de amor, percebemos o quanto ela é inconstante; Swann duvidará sempre de sua sinceridade e conhecerá as dores do ciúme. A beleza da jovem mulher se tornará um abismo em direção ao qual se precipitará a paixão do amante. (ERMAN, 2015, p.74)

Ao trazer os quadros dos personagens podemos resgatar a relação que há entre os nomes dos personagens e os lugares, ao destacar as singularidades deixadas inseridas em detalhes, o que emerge novas significações e orientações para buscar a completitude. O percurso feito pelo leitor do romance o leva a compreender a ação totalizante do personagem. Isso quer dizer que não compreendemos as coisas de uma só vez, é preciso chegar pouco a pouco a situações reveladoras, isso aplica-se ao lugar e a paisagem de forma a garantir as relações imbricadas na configuração da produção e reprodução do espaço.

Nesse sentido, ao entrar no universo romanesco desnudado de ideologias ou moral presentificar uma forma de proporcionar o diálogo entre a Geografia e a Literatura, os quais vêm trazer outros indícios para complementar os conceitos e categorias geográficas através dos nomes dos lugares e dos personagens, os quais carregam suas singularidades a fim de contribuir para que aquilo que vemos cheguem a uma maior compreensão.

Em razão da sensibilidade do autor, que se apraz em antecipar a visão das coisas, a representação do espaço no romance proustiano é, ao mesmo tempo, concreta e imaginária. Prova disso é a terceira parte de, *No caminho de Swann*, na qual se trata muito de viagens e fazer, de trens a tomar, cidades a visitar e, no final das contas, longos devaneios a partir da simples evocação de seus nomes. Antes de serem encarnado, muitos lugares são primeiramente topônimos para o herói que os imagina, explora suas variantes sonoras e as variações temáticas. (ERMAN, 2015, p. 89)

Segundo Erman (2015) as primeiras iniciativas para se descrever o espaço proustiano requerem uma introspecção o qual dará um delineamento a sua escritura, onde se estabeleceram no percurso configurado na íntima relação dos personagens com os lugares.

A existência pretérita constituída pela memória e pela imaginação dará suporte para descrever os lugares e as paisagens, assim os lugares ressurgem de forma entrelaçada devido sua relação subjetiva frente ao que lhe aparece a paisagem, aqui poderá ocorrer uma contemplação.

É assim que o romance se elabora, a partir dos territórios de Combray, Paris, Balbec e Veneza. O primeiro, com suas paisagens de planícies e rios, assim como os vilarejos contendo o signo do passado, representa a França tradicional e provincial de Saint-André- Deschamps, lugar simbólico da cultura francesa no romance. Quanto à capital, ela é dividida em subterritórios que correspondem a grupos de pertencimento (o bairro “Faubourg”, os bairros da nova burguesia para os lados da avenida Bois, os boulevares...). A estação balneária remete às classes de lazeres que nascem na *Belle Époque*. (ERMAN, 2015, p. 91)

O ponto de vista geográfico é selecionado pelo autor por meio da memória plasticizada na realidade. Em sua forma singular e particular. Podem situar o que vemos nos lugares e nas paisagens, as quais unem-se aos personagens que os ganham em dimensões e contemplações e emergem em novos significados, assim como os lugares se definem por configurações através das relações entre os lugares e os personagens.

Ao restituir a memória em um movimento de criação proustiana, “o lugar deve estar ligado ou ao passado que lhe dá sentido ou uma função temática que vem legitimar sua existência na narrativa” (ERMAN, 2015, p. 92). Acreditamos que os lugares guardam sinais e simbolismos culturais em sua forma, e a temática deve nos orientar na descrição, porque as boas narrativas estão colocando em evidência os detalhes, os quais buscamos em nossa pesquisa.

Neste caso, os lugares ganham um status ao cobrir uma individualidade aberta ao diálogo com os próprios personagens, a fim de encontrar nestas relações um complemento de significação ao contribuir com a transformação na maneira de se entender a produção

espacial, de modo aflorar os sentimentos escondidos e os sinais simbólicos guardados nos lugares e paisagens direcionados a compreensão dos espaços preenchidos por estes elementos configurados ao olhar o lugar paisagem.

5.2- Produção e Reprodução dos lugares

Nos próximos quadros temos alguns lugares escritos na obra proustiana:

Balbec Estação balneária normanda situada na Mancha – Cabourg na realidade, mas o lugar pode igualmente evocar Trouville –, muito frequentado na Belle Époque em razão da moda dos banhos de mar. Se Combray é o lugar da infância, Balbec é sobretudo o da adolescência. Depois de ter sonhado muito com ela, o herói fará ali duas estadas: primeiramente em 1897, com sua avó e Françoise, para se submeter, segundo seus próprios termos, a um “tratamento de banho” ... em seguida, em 1900, acompanhado de sua mãe, com a secreta esperança de encontrar a camareira da senhora Putbus... No decorrer de sua estada, ele conhecerá Elstir, Saint-Loup, cujos olhos eram da “cor de mar” ... Assim, a paisagem marinha de Balbec é consubstancial a certos personagens aos quais ela dá um quadro romanesco. (ERMAN, 2015, p. 106)

Combray Pequena cidade de onde a família do herói é originária, situada entre Beauce e Perche, como testemunham as planícies e paisagens de água encarnadas pelos caminhos: Méséglise e Guermites. Combray é dominada pelo campanário da igreja, descrito em diversas horas do dia, e tem como centro a casa da tia Léonie, onde a vida obedece a rituais cíclicos como na França interiorana do final do século XIX, a tal ponto que aqueles que não os conhecem são chamados de “bárbaros”. O herói e seus pais passam as férias de Páscoa e os verões em Combray, que, no romance, figura como o lugar arquetipo do jardim de infância. Em 1914, os exércitos alemães ocupam Combray depois de ter combatido em seus arredores. (ERMAN, 2015, p. 115)

Cabe destacar que no entorno destes quadros ressaltamos a união entre os personagens e os lugares de acordo com suas particularidades, pois configuram aquilo que olhamos e refletimos sobre a produção e reprodução do espaço geográfico.

Portanto, procuramos delinear o conjunto da obra para trabalhar sobre uma coletividade que se empenha em garantir uma leitura geográfica, a partir das reflexões imprimidas em textos literários.

A seguir trata de uma reflexão cuidadosa ao buscar a relação simbólica dentro do contexto do conhecimento geográfico, um empirismo calcado na sistematização de formas aderidas ao lugar e à paisagem, as quais precisam ser compreendidos para uma melhor análise. E também sugerir novos elementos complementares, ao que se refere ao subjetivo por ser a condição de orientar o olhar e a percepção frente à realidade.

Procurou-se dar visibilidade aos nós despercebidos, mas fundamentais para uma compreensão e se chegar a uma inter-relação mais cuidadosa e uma melhor compreensão da materialidade contida no interior do debate simbólico frente à própria produção e reprodução do espaço.

Torna-se neste texto que o campo privilegiado da fusão é a imagem – fruto do corpo enquanto o espaço fora-dentro verdadeiro -, a qual, vista como relação de fora é objeto e, como relação de dentro, é signo. Objeto e signo nela se encontram numa unidade de apreensão racional e simbólica ao mesmo tempo. (MOREIRA, 2012, p.95)

Essa visão permite colocar a imagem obtida pelas referências lugar e paisagem em evidência, a fim de possibilitar uma leitura geográfica. Aderimos à utilização da escritura proustiana por agregar uma variedade de signos como experiências humanas: ao registrar as marcas da humanidade em seu interior, ao ativar a subjetividade com seu rigor e estratégia essencialmente humana permeada pela cultura.

Assim, constitui-se uma materialidade concreta na direção de nos orientar a narrativa do discurso científico, elaborado pelo diálogo entre a imaginação e a realidade. Por um lado, os elementos fundantes do romance constituído pela criação de personagens, o enredo, as paisagens e os lugares, os quais habitam os seres fictícios oriundos da imaginação do escritor, e a lembrança guardada de lugares visitados por ele. Isso configura uma apresentação da espacialidade, na qual devemos explorar. Sendo assim, assinala a tomada do debate entre espaço e cultura diante das transformações ocorridas nas relações sociais.

No entanto, a discussão situada nos leva a recuperar e entender a lógica construtiva das sensações imanentes do pensamento humano ao trazer os sentimentos como mobilizadores deste olhar para o lugar e para a paisagem, por isso: “A sensação que leva à percepção. Percebemos o mundo externo por meio das sensações múltiplas e caóticas que chegam até nós por intermédio dos sentidos e que, por junção se configuram” (MOREIRA, 2012, p. 96)

A imagem é uma tradução da linguagem ao ser refletida no espaço geográfico. Ela a torna a compreensão mais adensada e possibilita novas interpretações ao emergir outros

elementos os quais reivindicam suas contribuições às vezes complexas e nubladas. Mas são necessárias para juntar-se ao conhecimento de maneira a satisfazer a completude concreta do que está à nossa frente. Assim, busca-se explorar a continuidade da força em que busca nos elementos sociais e naturais sua mobilização para compreender melhor o espaço vivido.

O espaço vivido traz em si um arquivo de elementos culturais e sociais inseridos nas práticas desde os primórdios da humanidade, e a emergência de seu resgate atribui um contorno cada vez mais necessário, porque a:

Reprodução das experiências acumuladas e transformadas em um campo amplo do estado de subjetividade, que conduz o ato da percepção de fora, ao mesmo tempo que é ativada, numa reciprocidade biunívoca de espaço e imagem que leva a que se formem seja uma imagem externa e uma imagem interna, seja um espaço externo e um espaço interno, que só no seu movimento e transposição linguística se bifurcam como um dentro e um fora distinto. (MOREIRA, 2012, p. 96)

Considerando a abordagem, a nossa discussão sobre a experiência e reciprocidade as quais abrangem um contexto espacial compreendido em um espaço vivido nas dinâmicas de relações microssociais e macrossociais ao agirem sobre o aspecto cultural de uma realidade manifestada. O retorno constante da consciência agenciada pelas diversas ações e experiências singulares e coletivas viabilizadas pela configuração das imagens e potencializadas pela reciprocidade e adentra no interior das coisas emergindo diferentes significados e usos.

Isso se dá na realidade na presença frutos advindos destas inter-relações internas e externas presente nas ações humanas, “trata-se de uma vivência integralizada, ao tempo diferenciado do todo pelo corpo, seja no sentido do percebido e seja do concebido” (MOREIRA, 2012, p. 96). Assim, presenciemos a influência constante desta reciprocidade, no devir da revelação e da consciência entre o pensar e o agir presente na relação do homem com o mundo.

Portanto, os signos podem ser compreendidos como elementos constitutivos do simbólico plasticizados na cultura, eles são elementos mobilizadores para serem observados e analisados em suas variações ao refletirem sobre as imagens que formamos em nossa consciência; eles agenciam nossas orientações para compreender nossa realidade, refletidos em experiências elaboradas juntamente concatenadas nos lugares e paisagens, os quais configuram os espaços vividos.

O signo veiculado em forma de escritura na obra literária é o que faz o movimento da experiência ao direcionar a compreensão do efeito fenomenológico, de forma a

compartilhar diretamente com nossas experiências. É um elemento interno do símbolo que se opõe ao de fora objetual. E então ente de uma colagem espacial, privilégio do objeto.

“O corpo fala, entretanto, de falas de estados distintos da consciência, em sua relação de captura do mundo por intermédio da percepção” (MOREIRA, 2012, p.97). Assim como o signo se alimenta da linguagem ao aderir ao simbólico plasticizado pela cultura de forma mobilizadora no gesto da experiência, refletido no olhar frente aos lugares e paisagens.

O campo sógnico, entretanto, acaba por ser com o tempo levado a aproximar-se do plano ordenativo do espaço. Dito espaço simbólico, em sua ligação geratriz com o espaço vivido. O espaço é aqui um campo sógnico derivado do sentido de significação que por meio do símbolo vivido se expressa. Sua matéria é o objeto ausente e inexistente. O que leva o signo a tomar por trânsito o amplo caminho simbólico da imaginação e do imaginário. E assim a aproximação da imagem. (MOREIRA, 2012, p. 97)

Desta forma, a imagem ao ser configurada pelo observador traz em si uma maneira de justapor os signos para compreendê-los em sua formação simbólica e satisfazer uma leitura mais compreensiva dos efeitos das experiências concatenadas à imaginação. No sentido criativo e expansivo que dará outras formas frente a realidade. Abre-se a reprodução do espaço devido às novas maneiras de ajustes propiciados pelo jogo dos signos frente à significação emergida por e pela consciência humana; reivindica as transformações ocorridas na realidade geográfica dirigida pela imaginação.

Ao passo que a imaginação poderá ser compreendida como um conjunto de imagens oferecido à consciência, ela realiza um trabalho fundamental e reprodutivo, no qual o sentido de percepção age ao conectar as novas colagens por meio dos novos ajustes. Ao sobrepor os signos, os quais mantêm certa afinidade realizada por um conjunto simbólico em jogo e suas interlocuções frente à reprodução do espaço percebido e concebido.

Desta forma, os signos constituem uma relação de condições cruzadas ao emergir um lugar a ser analisado dado pelas espacialidades ordenadas, assim como os lugares passam a interagir na realidade geográfica. “Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue” (SANTOS, 2012, p. 160).

De acordo com Moreira (2012), às fronteiras externas e internas, cuja origem de possibilidades abrem-se a novas compreensões sobre a atividade ocorrida no lugar e sua configuração na paisagem, justamente um verdadeiro diálogo com nossos olhares e percepções.

O espaço não dicotomizado é, assim, tanto a externalização da subjetividade longamente confinada nos vãos da internalidade das criações culturais do homem, quanto a internalização da objetividade longamente escravizada na externalidade da rede factual dos objetos materiais saídos ou não da ação do homem. (MOREIRA, 2012, p.98)

O funcionamento do espaço requer a orientação do rigor e do estabelecimento de uma óptica privilegiada pelo ir e vir das relações entre aquele que olha, e o que é visto. Isso pode revitalizar as implicações de deixar para fora os elementos resultantes, ao dificultar nossa compreensão nos quais existem apagados por lacunas, mas são invisibilizadas à espera da tomada de decisão. É no instante do olhar a revelação emergente, agregado a outras situações alterantes na realidade a serem formadas e configuradas na presença da paisagem, devido seu teor humano inserido em sua própria constituição.

Aqui a racionalidade sempre busca a realidade para fugir da imaginação ainda em construção, assim como dar sentido à imaginação, orientando-se pelo seu oposto, e procurar entendê-la de forma crítica para revisitar suas distorções e as remodela ao assentar em uma determinada realidade a ser compreendida e analisada, “justamente nosso momento mais rico de simbologias, olha o espaço e por meio dele inquire o mundo.” (MOREIRA, 2012, p. 98).

Isso requer evitar a dicotomia entre entender o espaço de fora, e o espaço interno, os quais constituem uma junção aparelhadas em um conjunto de elementos que movem o lugar e a paisagem.

Nesse sentido,

Na percepção da possibilidade de realizar o desejo de um mundo livre de amarras. Na despojada atitude, que nós adultos já recebemos ter, de romper com os empecilhos que bloqueiam, numa sociedade de dominantes e dominados, o rumo a um humanismo enfim realizado. (MOREIRA, 2012, p.98)

Desta maneira a ciência cumpre um papel fundamental para a sociedade, assim como desejamos aderir a um entendimento em que as forças mobilizadoras do pensamento atuam na compreensão da realidade por meio dos estudos do lugar e da paisagem dentre suas correlações e interações para que as orientações se mostrem clarificadoras e estudadas dentro de um conjunto de práticas sociais e culturais no romance de Marcel Proust em análise.

Nessa perspectiva, o simbólico e o racional se cruzam e emergem outros elementos originários no pensamento humano e veiculado na cultura, nos quais o gesto da percepção

está intimamente relacionado com a união entre a sociedade e a natureza. Assim como as paisagens são legítimos registros destas façanhas desde os primórdios da humanidade, cujas marcas estão registradas no espaço vivido do homem.

Os conflitos e aflições habitam os sentimentos, os quais sugerem um movimento plasmado pelas tensões políticas e culturais, que modelam o que presenciamos nos lugares e paisagens diante das transformações ocorridas na sociedade.

Assim, parte-se do pressuposto agenciado pelo lugar e pela paisagem podemos obter um status científico na base da configuração da reprodução espacial, mesmo atrelado às produções literárias fictícias como fontes genuínas do pensamento humano. Desta forma, tratar o simbólico como um agenciador das configurações do entorno vivido e seu jogo de signos é uma maneira de trazê-los analisados com empenho para o debate contemporâneo devido sua importância e emergência suscitada pelo Espaço e Cultura.

5.3- Uma narrativa espacializada nos Lugares e nas Paisagens

Neste subcapítulo será desenvolvido um olhar mais significativo da Geografia frente a obra Literária, será esboçado uma cartografia da escritura dos lugares e das paisagens no romance em pauta. A narrativa envolve os personagens e os lugares agenciados nesta obra, considerando os aspectos ficcionais aplicados à realidade observada.

O que se torna interessante para nosso trabalho são os lugares reais, pois tais informações foram retiradas do dicionário específico da obra. Por intermédio da escrita literária, configura-se a unidade espacial pelo movimento das relações sociais e culturais inventariadas pelas passagens capturadas no romance.

Para mensurar as transformações ocorridas no âmbito interno do romance agenciado pelo percurso de seus personagens ao deixarem suas marcas, resgataremos como o escritor trata os lugares e as paisagem na obra literária. Ao configurar as relações socioculturais vinculadas ao espaço vivido, cuja base penetra o interior da condição espacializada em que vivemos, serão pontuados os caminhos trilhados por eles, diante de sua relação íntima com os lugares.

Nessa perspectiva, os lugares e as paisagens tornam-se elementos constitutivos dos personagens, os quais vão adquirir novos aportes delineados pela ascensão e declínio de

acordo com o lugar estabelecido. O lugar representa o status do personagem com o qual lida com as questões nas disputas de poder. O lugar e a paisagem no romance situam a posição dos personagens quanto suas relações sociais e apontam os aspectos culturais estabelecidos no século XIX, cuja adaptação é personificada e associada aos fatores decisivos dentro do enredo romanesco.

Quanto ao aspecto de permanências, voltado mais à apreensão da percepção dos personagens, ressalta-se o modo de operar os seus sentimentos e suas emoções emergidos pelas diferentes experiências ao cobrir as relações que movem toda a narrativa. Sendo assim, constitui-se uma narrativa especializada devido à atenção do escritor ao se referir aos lugares e à complexidade em relacionar a imaginação e a realidade operadas pelo diálogo entre a Geografia e a Literatura.

Vale a pena retomar a passagem emblemática do romance, a do bolinho francês conhecido por ‘madalena’ no original ‘madeleine’, em que configura a estrutura narrativa do texto. Essa imagem é constituída por elementos revividos da memória, lugares em que o narrador esteve na sua infância, o quarto em que dormiu, os passeios.

Desta maneira, a passagem nos ajuda a seguir com a leitura e compreender o enredo, ao mesmo tempo uma forma de apropriação de significados e de sentidos utilizados como aprendizagens entrelaçadas no decorrer do romance devido sua materialidade. Ao ser retomada podemos identificar como o escritor retrata a experiência única, na qual torna-se um efeito para a elaboração dos lugares e paisagens, ao trazer à tona toda a lembrança abrigada em memórias e despertada em uma tarde na casa de sua tia.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena (bolinho francês) molhado em chá que minha tia me dava (embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito tarde tal averiguação, por que o motivo aquela lembrança me tornava feliz), eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos dela (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. (PROUST, 2006, p.74)

O escritor descreve o lugar após experimentar o bolinho francês. A aparição ressurgue misturada pela imaginação e pela realidade. Diante das representações de tempo-espço alinhadas ao passado e ao presente, desdobra-se numa realidade que compõe o cenário

constituído revelado pelo gosto experimentado, ao evocar os lugares, as ruas, aplicado por meio da memória a cartografia do lugar contemporâneo.

Por outro lado, os espaços de representação ganham em sua totalidade por uma lógica normativa e revelam uma estrutura constituída por elementos presentes nas horizontalidades locais, favorecendo a permanência do uso construtivo da memória experimentada pelo escritor.

Em toda narrativa existe um referencial permeado por sentido e significações, os quais determinam as relações sociais refletidas e projetadas no espaço. Sendo assim, a passagem abaixo nos apresenta as imagens dos lugares, às vezes de maneira pitoresca ou de forma a fomentar nossa reflexão, mas o que nos interessa é a construção do lugar no formato narrativo. Assim:

[...] ruas de Combray existem em um local tão recôndito de minha memória, pintado em cores tão diferentes das que agora revestem para mim o mundo, que na verdade me parecem todas, bem como a igreja que as dominavam na praça, ainda mais reais que as projeções da lanterna mágica; e em certos momentos me parece que poder atravessar ainda a rua de Santo Hilário, poder alugar um quarto na rua do Pássaro – a velha hospedaria do Pássaro Ferido, de cujos suspiros saía um cheiro de cozinha que, intermitente e cálido, ainda sobe por momentos em minha lembrança - seria entrar em contato com o Além de um mundo maravilhosamente sobrenatural do que se me fosse dado conhecer a Golo e conversar com Geneviève de Brabant.¹² (PROUST, 2006, p. 76)

A produção de espacialidades passa pela memória do escritor diretamente ligada à criação e ao mesmo tempo lugares conhecidos, os quais surgem para compor os traços descritivos do cenário colocados como um espaço vivido, torna-se uma experiência referenciada pela composição poética sobre o lugar. O reconhecimento desse espaço é uma maneira de apropriar-se dele e aderir aos sentidos novas significações. Esse espaço apropriado pela literatura revela espaço vivido e experimentado por sentidos movidos pelo pensamento diante de um contexto social agenciado pela inter-relação dos lugares refletidos na paisagem.

O lugar aqui apresentado refere-se à temática do luto.

A prima de minha avó – minha tia avó – em cuja casa parávamos, era mãe dessa tia Léonie que desde a morte do marido, meu tio Octave, não quisera abandonar,

12 Mistura proustiana de referências reais e fictícias. As ruas de Santo Hilário, do Espírito Santo, do Pássaro Ferido encontram-se na cidadezinha de Illiers; a rua de Santa Hildegarda é de sua invenção. [N.E] (PROUST, 2006, p. 76)

primeiro Combray, depois em Combray, sua casa, depois seu quarto, depois seu leito e que não mais “descia”, sempre deitada, em um estado incerto de pesar, de debilidade física, de doença, de idéia fixa e de devoção¹³. Seu apartamento particular dava para a rua de São Tiago, que findava muito além, no Prado Grande (por oposição ao Prado pequeno, verdejante no meio da cidade, entre três ruas), e que uniforme e pardacenta com os três altos degraus de pedra diante de quase todas as portas, parecia um desfiladeiro talhado por um imagista medieval diretamente na pedra em que teria esculpido um presépio ou um calvário. (PROUST, 2006, p. 76).

O luto aparece de modo simbólico aplicado aos lugares e representa muitas vezes as debilidades físicas, doenças e até mesmo lugares de devoção. Sendo assim, as personagens carregam as características dos lugares, de modo a compreender como os lugares e as paisagens afetam as personalidades, ao afirmar sua devida inter-relação.

Na passagem abaixo, o lugar e a paisagem aparecem não em sua totalidade, mas sim à espera de que possamos descobrir, o que há de escondido naquilo que vemos, porque o lugar não se revela totalmente, exige uma observação e a complementação da leitura.

Eram desses quartos de províncias que – da mesma forma em certas regiões há partes inteiras do ar e do mar iluminadas ou perfumadas por miríades de protozoários que nós não vemos – nos encantam com mil odores que neles exalam as virtudes, a prudência, os hábitos, toda uma vida secreta, invisível, superabundante e moral que a atmosfera ali mantém em suspensão; odores naturais, sim, e cor de natureza como os campos próximos, mas já caseiros, humanos e confinados, a fina geléia industriosa e límpida de todos os frutos do ano que deixaram o pomar pelo armário; odores provenientes das estações, mas mobiliários e domésticos, a corrigir o picante da escaracha com a doçura do pão quente, ociosos e pontuais como um relógio de aldeia, vagabundos e ordeiros, descuidosos e previdentes, roupeiros, madrugadores, devotos, felizes de uma paz que só nos traz mais ansiedade e de um prosaísmo que é um grande reservatório de poesia para aquele que atravessa sem ali ter vivido. (PROUST, 2006, p. 77)

Portanto, o romance coloca o lugar para que possamos refletir sobre a emissão de signos aderentes à formação do simbólico ao constituir a paisagem na perspectiva do enredo configurado pela presença dos odores, das cores confirmam os seus aspectos, os quais ativam nossos sentimentos sobre os lugares.

As marcas do tempo deixadas na arquitetura das antigas igrejas, são resquícios de outros acontecimentos que povoam a mentalidade humana. A contemplação apropria-se do

13 A reclusão da tia antecipa metaforicamente a daquela que vai dedicar à busca do tempo perdido. Em um texto de juventude, Proust já destacava o fascínio despertado pela figura de Noé e sua condição privilegiada de observar o mundo a partir de sua arca. (N.E.) (PROUST, 2006, p. 76)

estado de conservação, de modo a enterrar seus tempos sob as ruínas para esconder seus segredos e aflições.

E a abside da igreja de Combray, acaso se poderá falar a seu respeito? Tão grosseira era tão destituída de beleza artística e até de inspiração religiosa! Por fora, como um solo em que assentava fosse em declive, seu rude muro se erguia de um embasamento de silhares toscos, eriçados de pedras, e que nada tinha de particularmente eclesiástico; as janelas dos vitrais pareciam estar a demasia altura, e o conjunto mais se assemelhava a um muro de cárcere que de igreja. E por certo, mais tarde, ao lembrar-me de todas as gloriosas absides de Combray. Apenas, um dia, na virada da rua provinciana, descobri, defronte ao cruzamento de três ruelas, uma parede malfeita e muito elevada, de janelas abertas no alto, com o mesmo aspecto assimétrico da abside de Combray. Então não me admirei, como em Chartres ou em Reims, da pujança com que ali fora expresso o sentimento religioso, mas involuntariamente exclamei: “A igreja”. (PROUST, 2006, p. 91)

O lugar apresenta suas rasuras no tempo-espço e mostra seu envelhecimento e esquecimento, ao afetar tudo em sua volta de modo a cumprir um ciclo governado pelo tempo, além de alterar a organização da produção do espaço.

O cotidiano está presente nos lugares como podemos observar abaixo. A simplicidade e o carinho são afetados pelas situações adversas representadas pelas atividades lembradas pelo escritor, ao destacar os trabalhos nos campos, a pesca ao marcar os episódios da vida, as quais povoam nossos imaginários deixados na memória e de forma elevada apresentada para nós para que possamos restituir as boas lembranças.

[...] nós ainda nos deixamos ficar sentados diante dos pratos das Mil e Uma Noite, adormentados pelo calor e principalmente pela refeição. Pois, ao fundo permanente de ovos, de costeletas, de batatas, de compostas, de biscoitos, que nem sequer anunciava mais, Françoise acrescentava – de acordo com os trabalhos dos campos e pomares, o fruto da pesca, as surpresas do comércio, as amabilidades dos vizinhos e seu próprio gênio inventivo, e de tal forma que nosso cardápio, como essas quatro-folhas que esculpiam no século XVII à entrada das catedrais, refletia de certo modo o ritmo das estações e os episódios da vida – um rodvalho, porque a peixeira lhe garantirá que estava fresco, um peru, porque descobrira um esplêndido no mercado de Roussainville-le-Pin, alcachofras com tutano, porque ainda não as preparava dessa maneira, uma perna de carneiro assada, porque o ar livre dá apetite e teria tempo de “baixar” dentro de sete horas, espinafres para variar, damascos, porque constituíam ainda uma raridade, groselhas, porque dali a quinze dias não haveria mais, framboesas, por que o sr. Swann as trouxera expressamente, cerejas, por serem as primeiras que dava a cerejeiras do quintal depois de dois anos de esterilidade, o requeijão de que eu tanto gostava outrora, um doce de amêndoas, porque o encomendara na véspera, um brioche, porque era nossa vez de “oferecê-lo”. Depois de tudo, feito expressamente para nós, mas em particular a nosso pai, era nos oferecido um creme de chocolate, inspiração e atenção pessoal de Françoise, fugaz e leve como uma obra de circunstâncias onde ela pusera todo o seu talento. (PROUST, 2006, p. 102).

O contato com o mundo enriquece a visão do escritor, despertado pelo gosto dos alimentos como disparadores da memória e as relações com os lugares onde esteve, as pessoas pelas quais de alguma maneira uma aproximação, torna-se um grande tecido, no sentido de tecer, as regras da organização social.

Mas, mesmo que o tempo se alterasse e tivesse vindo uma tormenta ou um simples chuvisco, minha avó ia rogar-me que saísse. E como eu não queria interromper a leitura, ia ao menos continuá-la no jardim, debaixo do castanheiro, em espécie de guarida de esparto e lona, ao fundo da qual me assentava, julgando-me oculto aos olhos das pessoas que acaso viesse de visitas a meus pais. (PROUST, 2006, p. 117)

O retorno para as coisas simples da vida é imprimido nesta passagem, ao satisfazer suas mais variadas experiências, onde tudo acontece, ao resgatar as coisas oferecidas pelo lugar.

Tínhamos o vento ao nosso lado, para as bandas de Méséglise, sobre aquela planície convexa onde durante léguas não se encontra nenhum acidente de terreno. Eu sabia que a filha de Swann costumava seguidamente passar alguns dias em Laon, e embora Laon se achasse a várias léguas, como a distância era compensada pela ausência de qualquer obstáculo, quando, por aquelas tardes cálidas, eu via um mesmo sopro, vindo do extremo horizonte, curvas os trigos mais afastados, propagar-se como uma vaga por sobre toda a imensa extensão, e vir deitar-se tépido e murmurante a meus pés, entre os safenos e os trevos, aquela planície que nos era comum a ambos parecia aproximar-nos, unir-nos, e eu pensava que aquele vento havia passado junto dela, que era alguma mensagem dela que ele sussurrava sem que eu a pudesse compreender, e eu beijava-o na passagem. À esquerda ficava uma aldeia que se chamava Champieu (*Campus Pagani*, segundo O cura). Para a direita, avistavam-se, além dos trigais, as duas torres cinzentas e rústicas de Santo André dos Campos, também elas afiladas, escamosas, como duas espigas. (PROUST, 2006, p. 189)

O interessante é como o autor descreve o percurso, no sentido de nos auxiliarmos na compreensão de sua cartografia. Os detalhes revelam o cuidado e a responsabilidade no trato cartográfico, a fim de orientar o leitor. Aqui presenciamos o conhecimento geográfico do escritor, ao descrever o mapa de um percurso e, apesar de fictício, seus traços nos colocam frente ao lugar descrito.

O escritor associa sempre o lugar ao personagem, a presença do personagem é composta pelos aspectos do lugar, no caso desta passagem:

Era para os lados de Méséglise, Montjouvain, propriedade situada junto a um grande pântano e encostada a um talude cheio de vegetação, que morava com o Sr, Vinteuil. De maneira que cruzamos seguidamente na estrada com sua filha, que conduzia um cabriolé a toda velocidade. A partir de um certo ano, já não a encontrávamos sozinha, mas com uma amiga de mais idade, que tinha má fama na região e que um dia se

instalou definitivamente em Montjouvain. Diziam¹⁴: “Esse pobre Vinteuil deve estar mesmo muito cego de carinho para que não se dê conta do que falam e permitir que a filha leve para casa uma mulher daquelas, ele que se escandaliza com uma palavra imprópria. (PROUST, 2006, p. 191).

Os lugares descritos assemelham-se à personalidade das pessoas, o que ocorre nesta passagem: o lugar se funde ao personagem, e temos uma paisagem que os unifica. E a relação com sua filha revestida e coberta de mistérios e segredos que fogem à vista do pai.

Ao atualizar a questão sobre as notícias veiculadas nos lugares por meio de fofocas, brincadeiras e difamações, o escritor chama a atenção para os temas polêmicos na época como o amor homoerotismo a serem tratados e os localiza em determinados lugares usados como esconderijos secretos.

Essa situação entra em evidência devido ser um lugar específico no romance dimensionado atualmente pelas redes sociais para efetivar a comunicação de massa. O romance encontra na aparição da temática homoerótica e os comentários sobre personagens e mostram como os lugares testemunham as ações e as julgam.

Os lugares são constituídos por algo que nos atrai, e ativa nossos sentimentos em ir buscá-los, cuja necessidade também está presente nos lugares, e não em nós e vice-versa. Uma conexão fronteira existente entre o homem e o mundo interligada por ações sentimentais que se movem por meio de linhas imaginárias emotivas.

Emprestava então maior mérito a tudo o que naquele momento se achava em meu espírito, ao reflexo róseo do telhado, às ervas na parede, a aldeia de Roussainville que havia tanto tempo eu desejava visitar, às árvores de seu bosque, às torres de sua igreja, mercê de nova emoção que só nos apresentava mais desejáveis porque julgava que eram eles que a provocavam, e a qual parecia querer apenas impulsionar-me mais rapidamente para eles quando inflava minha vela com uma brisa poderosa, desconhecida e propícia. (PROUST, 2006, p. 201).

Portanto, o pensamento geográfico relaciona duas vertentes importantes, a imaginação e a realidade, enquanto uma é subjetiva e a outra objetiva. Assim, o “espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia... uma vez em que nos movemos e nos locomovemos... é de fato nosso lugar”. (OLIVEIRA, 2014,

14 A notícia do amor homoerótico entra no livro com o tom de fofoca e brincadeira difamatória. Esse tema ganhará tal densidade que influenciará a vida amorosa do herói, que com a própria grandeza de Vinteuil, é um dos temas principais da obra. [N.E.] (PROUST, 2006, p. 191)

p.11). Sendo assim, o lugar em sua essência afeta diretamente dois planos: o mental e o real, ao manter em movimento o espaço vivido em sua imaginação.

[...] prazeres no meio dos quais colocará minha imaginação. Mas, vagar assim pelos bosques de Roussainville sem uma camponesa a quem beijar, era não conhecer o tesouro oculto daqueles bosques, sua beleza mais profunda. Aquela rapariga que eu imaginava sempre rodeada por folhagens era também como uma planta local, apenas de espécie mais elevada que outras e cuja estrutura me permitisse sentir, muito mais de perto que as demais, o sabor profundo da terra. (PROUST, 2006, p. 202).

O lugar aqui apresentado relaciona-se com o desejo do personagem em busca do outro, a fim de descobrir também seus desejos secretos como os bosques que também guardam seus mistérios. Assim, presenciemos novamente a associação dos lugares com os personagens.

A associação dos lugares e dos personagens vai ganhar novas dimensões devido à forma como a sociedade pensa, fórmula e produz o espaço e implementa seus julgamentos. Sendo assim, ao se destacar a produção do espaço, algo nos chama a atenção: há uma peculiaridade nos lugares e nas paisagens que os movem e desperta nossa percepção. Aqui chamamos de lugares a serem experimentados, mas encontramos justamente na relação íntima do espaço direcionado a cada personagem.

Mas não pode resistir ao atrativo do prazer que experimentaria em ser tratada com carinho por uma pessoa tão implacável para com um morto indefeso; saltou para os joelhos da amiga e ofereceu-lhe castamente a fronte a beijar como poderia se fosse sua filha, sentindo com delícias que ambas alcançavam assim o limite da crueldade, roubando ao sr. Vinteuil, até no túmulo, sua paternidade. A amiga tomou a cabeça entre as mãos e lhe depôs um beijo sobre a fonte, com uma docilidade que lhe era facilitada pela grande afeição que dedicava à srta. Vinteuil e seu desejo de oferecer alguma distração à vida agora tão triste da pobre órfã.

— Sabes o que eu tenho vontade de fazer com essa velha carcaça? — disse ela, perguntando ao retrato.

E murmurando ao ouvido da srta. Vinteuil alguma coisa que eu não pude ouvir.

— Oh! Tu não te atreves!

— Que eu não me atrevo a cuspir em cima? Em cima disso? — disse a amiga, com proposital brutalidade.

Não ouvi mais nada, porque a srta. Vinteuil, com um ar cansado, esquerdo, ocupado, virtuoso e triste, mas agora eu sabia, por todos os sofrimentos que a sr. Vinteuil suportava em vida por causa de sua filha, o que, após a morte, recebera em paga da parte dela. (PROUST, 2006, p. 208).

A relação entre pais e filhos encontra-se em uma situação atemporal, cuja sobreposição de duas temáticas, a do luto e a do prazer ocorrem ao mesmo tempo. O escritor

utiliza a técnica do palimpsesto: sobre colocar um fato sobre outro abrigado em determinado local.

Nesse sentido, “A terra é o assentamento do mundo, mas um assentamento sempre noturno e não manifesto. Ela é um tipo de recurso do mundo, mas que o mundo e a história não começam.” (DARDEL, 2015, p.125). O lugar é construído para abrigar as emoções retraídas ao se desdobrar em outros encantos, assiste-se uma liberdade dos sentimentos propiciados pelo lugar, configura-se a paisagem desenhada pelo escritor.

Em que os espaços continuam e possibilitam a emergência dos prazeres, dos desejos e dos sentimentos, são adequados para manter os segredos dos personagens para que os sentimentos aflorados ganhem formas de acordo com as circunstâncias, cujo lugar guarda e protege as ações individuais concatenadas pelas experiências que se afloram nas revelações.

Ao observar o lugar, o escritor, a relação intrínseca veiculado no romance, os quais descrevem por meio de metáforas e ao mesmo tempo apresenta as características naturais dos elementos da natureza. Por exemplo: os garrafões chamam nossa atenção à descrição dos processos constituídos pela água em seu estado sólido, líquido e gasoso, “Por todo a parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância visível e invisível” (DARDEL, 2015, p.7). A importância da Literatura para que possamos compreender a produção do espaço está na narrativa processual do fenômeno em sua elaboração agenciada pelo personagem.

Divertia-me em olhar os garrafões¹⁵ que os garotos metiam no Vivonne para apanhar peixinhos, e que cheios de água do rio, em que estão encerrados, ao mesmo tempo “continente” de flancos transparentes como uma água endurecida, e “conteúdo” mergulhado em um maior continente de cristal líquido e correntio evocam a imagem da frescura de maneira mais deliciosa e irritante do que poderiam fazer em mesa posta, só a mostrando em fuga naquela perpétua aliteração entre a água sem consciência onde as mãos não podiam captá-la e o vidro sem fluidez onde o gosto não podia prová-la. (PROUST, 2006, p. 214).

Desta maneira, a realização da experiência é operada pelos aspectos simbólicos, os quais configuram a produção do espaço, exemplifica por meio de uma descrição dos elementos veiculados pelas condições materiais que lhe dão as diferentes formas, e constitui uma materialidade observável plasmada pela geograficidade. Ao evocar as imagens,

15 Garrafões: “*continente*” como a apresentação da água endurecida, e “*conteúdo*” cristal líquido sem consciência, ao representar a evocação do estado da água (sólido/líquido)

consideramos aquilo que Eric Dardel (2015), chama de espaço mítico sobreposto ao que se observa, e amplia as condições de análise e interpretação ao desvelar seus segredos.

O lugar carrega em si uma espécie de identidade formada por símbolos interpretativos capazes de nos levar a sentidos e significados pertinentes àquilo que buscamos, os quais oferecem sua designação ao cotidiano que responde a presença do homem, sua inserção no mundo e sua configuração emitida pela paisagem.

Às vezes à margem do rio e entre as árvores, encontrávamos uma dessas casas chamadas de recreio, isolada, perdida, que nada via do mundo a não ser a corrente onde banhava os pés. Uma mulher jovem, cujo rosto pensativo e véus elegantes não eram da região, e que sem dúvida ali viera “enterrar-se”, segundo a expressão popular, para saborear o amargo prazer de sentir que seu nome, e sobretudo o nome daquele que não conseguira guardar o coração, era desconhecido de todos, enquadrava-se na janela que não a deixava ver mais nada além do barco atracado junto à porta. Erguia distraidamente os olhos a ouvir por detrás das árvores da margem a voz dos passantes, que, antes mesmo de lhes ver o rosto, podia estar certa de que jamais haviam conhecido nem conheceriam o infiel, que nada em seu passado lhe guardava a marca e nada em seu futuro teria ocasião de recebê-la. Sentia-se que, em sua renúncia, deixara voluntariamente os lugares onde ao menos poderia avistar o amado, por estes que nunca o tinham visto. E, eu a via, voltando de um passeio em caminhos por onde ela bem sabia que nunca haveria de passar o ausente, descalçar de suas mãos resignadas umas longas luvas de graça inútil.¹⁶. (PROUST, 2006, p. 217).

O escritor apresenta uma novidade no lugar, ‘*o inesperado*’. Ele o trata como uma obra de arte, uma paisagem, sobre alguns pontos de elevação suscitada pela observação de obra, cuja necessidade de decifrar os pontos isolados àqueles pensados de forma relacionadas chegarão a uma totalidade, chama-se de ‘*conteúdo ao continente*’, constituído por sinais que formam os signos e estes os símbolos e pôr fim ao todo.

Por outro lado, o lugar julga os elementos externos que chegam a ele. Por exemplo, a aparição de uma mulher por apresentar-se com vestimentas e elegância não vista naquele lugar, a acusação é imediata, porque se tratava de uma mulher de outra região, e também por motivos particulares procurava um lugar daqueles.

16- Proust parece aludir a Juliette Joinville d’Artois, que se retirara em Mirougrain, perto da cidade de Illiers, e publicou em seguida suas memórias com o título “À travers le coeur”, no ano de 1887. [N.E] (PROUST, 2006, p. 218).

De certa maneira, o lugar contém em sua configuração uma organização social que une e separa coisas, e é constante obras literárias apresentarem a busca de um conforto em lugares mais calmos e isolados. Por exemplo, a aglomeração dos grandes centros faz com que as pessoas busquem as mais longínquas partes do mundo para refletir sobre si mesmas.

Os lugares adquirem personalidade emitida pelos personagens tornando-os intimamente relacionados. Ressalta-se o retorno da discussão sobre a vida dos lugares. Sendo assim, personagens e lugares restituem suas próprias vidas, de maneira a se comportar independentemente uns dos outros, mas relacionados entre si. Acredita-se que seja uma técnica da narrativa capaz de fazer este giro.

[...] os primeiros cidadãos de Combray, por conseguinte, e no entanto os únicos que ali não residiam. Condes de Combray, que tinham a Combray no meio de seu nome e de sua pessoa e que sem dúvida traziam efetivamente em si aquela estranha e piedosa tristeza peculiar a Combray; proprietários da cidade, mas não de uma casa particular, sem dúvida deviam viver fora, na rua, entre o céu e a terra, como aquele Gilberto de Guermantes que eu via apenas por seu avesso de laca negra nos vitrais da abside de Santo Hilário, se erguia a cabeça de passagem, quando me mandavam buscar sal no armazém de Camus. (PROUST, 2006, p. 219).

Os cidadãos de Combray remetiam sua aparição ao lugar como se fossem parte deles, por meio da narrativa espacial isto se torna possível, “*’Espírito do lugar’ (genius loci)*. É uma ideia que deriva da crença segundo o qual os certos lugares foram ocupados por deuses ou espíritos cujas qualidades sobrenaturais eram evidentes no cenário” (RELPH, 2014, p.23). Os lugares em Combray evocavam pelas suas construções a presença do passado, e daqueles que residiam ali.

Nesse sentido, a *’fisionomia do lugar’*, “o termo sugere a forma de um lugar, colinas, vales, letreiros e todos os outros elementos de sua aparência. Este é o aspecto mais evidente de um lugar para quem os vê de fora” (RELPH, 2014, p. 23). O escritor apresenta abaixo sua visão geográfica, ao utilizar os elementos descritivos para que possamos fazer um passeio pelo lugar, configura-se aqui a paisagem.

E então, muito fora das preocupações literárias e em nada ligados a ela, eis que de súbito um telhado, um reflexo de sol em uma pedra, o cheiro de um caminho, faziam me parar pelo prazer único que me davam, e também porque pareciam ocultar, além do que eu via, alguma coisa que eles convidam a colher e que era impossíveis descobrir, apesar dos esforços que fazia. Como sentia que aquilo que achava neles, eu ficava ali imóvel, a olhar, a respirar, procurando ir com o pensamento além da imagem ou do odor. (PROUST, 2006, p. 226).

Portanto, o lugar guarda coisas que o tempo não é capaz de apagar. Justamente é uma tomada de decisão do conhecimento geográfico, enquanto o tempo evade da realidade o espaço deixa em evidência em suas construções. Isso implica compreender o lugar além de sua descrição para recorrer às experiências percebidas ao capturar os diferentes lugares.

O olhar cartográfico do escritor apresenta a questão de ótica, muitas vezes leva o observante a sentir uma sensação inesperada a depender do ponto vista em que observamos algo. A referência dos elementos observáveis no lugar pode mudar de perspectiva de acordo com a posição daquele que o observa.

Na curva de um caminho, senti, de súbito, aquele prazer peculiar que não se assemelhava a nenhum outro ao avistar as duas torres de Martinville, batidas do sol poente e que o movimento de nosso carro e os ziguezagues do caminho faziam mudar de posição, e depois a torre de Vieuxvicq que, separada das primeiras por uma colina e um vale, e situada ao longe em um planalto mais elevado, parecia, no entanto, bem próxima delas...Tão afastadas se encontram as torres e tão pouco me pareciam aproximar-nos delas que fiquei atônito quando paramos, instantes depois, diante da igreja de Martinville. Ignorava o motivo do prazer que tivera ao avistá-la no horizonte, e a obrigação de procurar desvendá-lo me parecia muito penosa; tinha vontade de guardar de reserva na cabeça aquelas linhas que se moviam ao sol e não pensar nelas por enquanto. E é possível que, se o fizesse, as duas torres teriam ido reunir-se para sempre tantas árvores, telhados e perfumes, sons, que eu diferenciara dos outros por causa daquele obscuro prazer que me haviam proporcionado e que nunca aprofundara. Desci para conversar com meus enquanto esperava o doutor. Depois prosseguimos, retornei a meu lugar na boleia, voltei a cabeça para ver de novo as torres, que um ponto mais tarde avistei pela última vez na volta de um caminho. (PROUST, 2006, p. 228).

Outro aspecto observado é a construção da produção do espaço narrada pelo escritor. Os lugares ganham movimentos como tivessem vida própria, o personagem sente que a paisagem o acompanha destacam-se as diferentes visões acumuladas sobre os diferentes lugares, ao manifestarem experiências na ótica das percepções.

O lado da Mèséglise, com seus lilases, seus espinheiros, suas centáureas, suas papoulas, suas macieiras, o lado de Guermantes, com seus rios girinos, suas ninféias e seus botões-de-ouro, constituíram por todo o sempre para mim o aspecto das terras onde eu gostaria de viver e onde exijo antes de tudo que se possa pescar, andar de bote, olhar as ruínas de fortificações góticas e encontrar no meio dos trigais, tal como estava Santo André dos Campos, uma igreja monumental, rústica e dourada como uma meda; e as centáuras, os pilriteiros, as macieiras que me acontece ainda encontrar no campo quando viajo, por estarem situados na mesma profundidade, ao nível de meu passado, se comunicam imediatamente com meu coração. (PROUST, 2006, p. 233).

“A terra é como solo fundamental, a origem a partir da qual todo o conhecimento e toda existência podem se elevar e tomar sentido.” (DARDEL, 2015, p. 121). Mas, é por meio da percepção que o homem busca um caminho em que gostaria de viver, na perspectiva de orientar e viver para suas realizações e restituir a possibilidade de momentos felizes.

O trecho abaixo constata a organização do lugar caracterizado por suas singularidades buscado também na pessoa. O pequeno núcleo trata-se de um lugar fictício constituído por símbolos que unem e separam as ações, assim o trabalho se faz para mostrar que cada lugar tem configurações próprias e diferentes em seu interior e é especificamente isso que nos apresenta um aprofundamento em nossas reflexões.

Para fazer parte do “pequeno núcleo”, do “pequeno grupo”, do “pequeno clã” dos Verdurin, bastava uma condição, mas esta indispensável: aderir tacitamente ao credo entre cujos artigos figurava o de que o pianista protegido naquele ano pela sra. Verdurin, e de quem ela dizia: “Não devia ser permitido tocar Wagner tão bem!”, “enterrava” ao mesmo tempo a Planté e a Rubinstein e que o dr. Cottard tinha mais diagnóstico que Potain. Qualquer “novo recruta” que os Verdurin não pudessem convencer de que as recepções das pessoas que não os frequentavam eram aborrecidas como a chuva, via-se imediatamente excluído (PROUST, 2006, p. 238).

Portanto, as condições e regras para o lugar são *sine qua non* e mostram que a simples descrição evita o aprofundamento das análises, porque elas contêm regras e formas escolhidas para acolher e decidir quem participa ou não. Constatamos que o lugar e a paisagem têm um caráter humanizado, e se humaniza ao trazer em sua essência a diversidade a ser observada por nossas reflexões.

O texto literário mostra o jogo configurativo do lugar plasmado pelos atos e experiências vividas pelo lugar: a entrada de *Swann* (principal do romance). Ao chegar ele é recebido por ser já conhecido da família. A reputação da Casa dos *Verdurin* consiste em agregar os melhores profissionais de Paris como o melhor intérprete de Wagner, o pianista Sr. *Vinteuil* e o dr. *Cottard*. o médico com os melhores diagnósticos.

Os frequentadores devem comungar algo em comum: aceitar as regras e compartilhar suas afeições com o grupo, a experiência vivida perfaz a produção do espacial, no sentido de uma relação íntima entre as pessoas e o lugar, os quais geram significados como classe social, tipo de residência onde morava, lugares em que se frequentava, família reconhecida,

recomendações. Esses elementos ganham formas que permitem serem analisados. Portanto, o personagem terá suas experiências agenciadas pelas regras de convivência.

O lugar representado mostra uma carga simbólica carregada de significados, apresenta o labirinto de lugares pouco frequentados, cujo acesso exige uma particularidade do frequentador.

Deixando a esquerda, no térreo de nível superior ao da calçada, o quarto de dormir, cujos fundos davam para uma ruazinha paralela, uma escada reta subia para o salão e para o pequeno salão, entre paredes pintadas de cor sombria e de onde pendiam panos orientais, fios de rosários turcos e uma grande lanterna japonesa suspensa a um cordel de seda, mas que, para não privar os visitantes dos últimos confortos da civilização, era iluminada a gás. Eram duas peças precedidas de um estreito vestíbulo, cuja parede, quadriculava com uma grade de jardim, mas pintada a ouro, se apresentava marginada em todo seu compartimento por uma caixa retangular onde floria, como uma estufa, uma fila desses grandes crisântemos ainda raros naquela época, mas ainda muito longe dos que os horticultores conseguiam obter mais tarde. Irritava a Swann a moda dos crisântemos que lavrava desde o ano passado, mas desta vez sentira o prazer ao ver a penumbra da peça zebreada de rosa, laranja e branco pelos raios olorosos daqueles astros efêmeros que se acendemos dias cinzentos. (PROUST, 2006, p. 275).

Os lugares apresentados possuem características semelhantes aos seus frequentadores à primeira vista, principalmente aquele buscado por eles agenciado por luxos, comodidade tudo para satisfazer seus visitantes. O lugar aqui é discreto e orientado para um destino proeminente a satisfazer seus desejos, uma vista contornada por aparatos sombrios e exóticos para despertar as mais profundas necessidades humanas.

Isso requer mostrar, os diferentes lugares que favorecem às diversas experiências, além de apontar a construção do lugar frente a estadia do homem na Terra.

O lugar configurado na paisagem traz o destaque da temática do ciúme revelado pelo simbolismo agenciado pelo lugar. Os personagens encontram-se de maneira inusitada na reunião do grupo (Clã), os quais envolvem os personagens Swann e Odette. O enredo passa a compor o lugar e passagem descrita abaixo

Um mês depois que lera a carta de Odete a Forcheville, Swann foi a uma ceia que os Verdurin ofereciam no Bois. Quando se preparavam para partir, notou conciliábulo entre a sra. Verdurin e vários convidados e julgou compreender que recomendavam ao pianista que não se esquecesse de uma reunião no dia seguinte em Chatou. Ora, ele, Swann, não fora convidado.

Os Verdurin só haviam falado a meia voz e em termos vagos, mas o pintor, de certo distraído, exclamou:

— Não será preciso nenhuma luz e que ele toque a *Sonata ao luar*¹⁷ no escuro, para melhor esclarecer as coisas. (PROUST, 2006, p. 247).

O fato de Swann não ser convidado aparece com nitidez como o lugar foi preparado para evocar nele o ‘*ciúmes*’. Buscamos na construção desta paisagem os elementos primordiais para se compreender o evento que resgatasse a segurança do grupo estruturado pelo lugar, cuja paisagem é controlada pelo pensamento para responder aos atos ocorridos anteriormente entre Swann e Odette. Sendo assim, o lugar deve proteger para garantir a sobrevivência daquelas pessoas. Por isso, evite qualquer obstáculo que venha causar danos ao Clã do ‘*Verdurin*’.

O que nos chamou a atenção é como os personagens carregam os aspectos dos lugares por onde passaram, é o caso de Odette, a qual trazia em seus hábitos e costumes a presença de lugares qualquer evidência poderia esclarecer sua origem e seus afazeres em tempos anteriores. Qual era a curiosidade em descobrir os lugares frequentados por ela em descobrir seu passado?

É a busca do passado agenciado pelo lugar torna-se possível, “no plano mais geral, que a geografia lê o mundo por meio das paisagens” (MOREIRA, 2012, p. 181). E a leitura das paisagens nos oferece as transformações ocorridas no espaço geográfico pelo gesto do cotidiano das pessoas ao implementar os espaços vividos.

Julgou até compreender, certa vez, que essa leviandade de costumes que não suspeitara em Odete era bastante conhecida, e que em Bade e em Nice, quando ali costumava passar vários meses, ela adquirira uma espécie de notoriedade galante. Procurou aproximar-se de certos farristas, para interrogá-los; mas estes sabiam que ele conhecia Odete; e depois; tinha medo de os fazer pensar de novo nela, de os pôr no seu encaço. Mas ele, a quem até então nada pareciam tão fastidioso como tudo quanto se referisse à vida cosmopolita de Bade e de Nice, ao saber que Odete levava uma vida livre nessas cidades de prazer, sem que devesse jamais descobrir se era unicamente para atender as necessidades de dinheiro que, graças a ele, ela não mais sofria, ou devido aos caprichos que podiam renovar-se, inclinava-se agora com uma angústia impotente, cega e vertiginosa para o abismo sem fundo onde se haviam sumido aqueles anos do princípio do Septenato¹⁸. (PROUST, 2006, p. 279).

17 Sonata n°2, opus 27, de Beethoven. [N.E.] (PROUST, 2006, p. 247).

18 O Septenato refere-se à lei, votada em novembro de 1875, prolongando por mais sete anos o mandato de Presidência de Mac Mahon, que acaba renunciando em 1879. [N.E.] (PROUST, 2006, p. 279).

O lugar guarda no formato de memória seu próprio tempo em si ao deixar resquícios daquilo que fora antes devido às mutações constantes. O lugar e as paisagens requerem serem revisitadas para que sejam descobertas aquilo que elas têm para oferecer. Como acontece com os personagens, neste caso o personagem tenta descobrir o passado de sua amada, e aquilo que ela tenta esconder.

Jamais supusera que fosse coisa tão recente, oculta a seus olhos que não tinha sabido descobri-la, não num passado que desconhecia, mas em noites de que muito bem se lembrava, noites em que convivera com Odette, que julgava tão bem conhecidas e que agora apresentavam retrospectivamente algo de enganoso e cruel; no meio delas se abria de súbito aquele hiato abismo, aquele momento na Ilha de Bois. Odette, sem ser inteligente, tinha o encanto do natural. Contara, representara a cena com tanta simplicidade que Swann, arquejante, via tudo: o bocejo de Odette, o pequeno rochedo. Ouvia-a responder — e alegremente! “Pois sim!” Compreendeu que ela nada mais diria naquela noite, que não havia nenhuma revelação a esperar naquele momento; ele disse:

— Minha pobre querida, perdoa-me, sinto que te magôo; agora está acabado, não vou pensar mais nisso.

Mas Odette viu que os olhos de Swann quedavam fixos nas coisas que ele não sabia e naquele passado de seu amor, monótono e doce de sua memória porque era vago, e que agora rasgava como uma ferida aquele minuto na Ilha de Bois, ao luar depois do jantar na casa da princesa Des Laumes. (PROUST, 2006, p. 438).

Nesse sentido, a Literatura auxilia a Geografia a compreender melhor as paisagens e os lugares. Assim, utilizamos a comparação com a finalidade de contribuir com o pensamento do lugar. Ao trazer a problemática encontrada e reelaborar o pensamento para que possamos recuperar as lacunas ocultas na produção do espaço. De certa maneira, o lugar e a paisagem reivindicam sua presença. Mas exige que busquemos compreendê-la. Isso é deixar aquilo que eles querem nos dizer e torná-la sobressalente a nossa vista agregando novas informações ao que pretendemos apresentar.

Os lugares ao possuírem nomes carregam em si suas particularidades, o tributo requerido pelos lugares apresenta claramente sua diversidade e as tornam únicas. A cada observação atenta diante dos lugares requer um deslumbramento ao enaltecer e colaborar com as análises emergidas do pensamento geográfico.

Mas os nomes apresentam a julgar individuais e únicas como pessoas — uma imagem confusa que extrai deles, da sua sonoridade deslumbrante ou sombria, a cor com quem vem uniformemente pintada, como nesses cartazes, inteiramente azuis ou inteiramente vermelhos, em que, devido aos limites do processo empregado ou a um capricho do cenógrafo, são azuis ou vermelhos, não somente o céu e o mar, mas os barcos, a igreja, os transeuntes. (PROUST, 2006, p. 463).

Os lugares são compreendidos por meio de seus nomes ao agregar uma diversidade de paisagens, os quais constituem um conjunto de segredos e de marcas, que mostram sua individualidade. Isso pode ser recebido com o destaque em detrimento de outros lugares. Assim, os lugares e as paisagens são vistos por esta ótica e contribuem para uma análise geográfica por trazer questões aos geógrafos, aos filósofos, a teoria literária, aqueles que se preocupam com a construção da humanidade seus feitos e suas manifestações proporcionadas pelas transformações do devir. Isso requer que haja uma aprendizagem ao compreender as experiências manifestadas nos espaços vividos.

Desta forma, apresentamos a afinidade em que os lugares têm em possuir características similares com as pessoas, porque os primeiros guardam seus segredos a serem desvelados por aqueles que os olham e observam. Tendo sempre algo a mais a dizer, enquanto os últimos trazem em si experiências muitas vezes ocultas, mas prestes a emergir quando unem-se às suas particularidades, de forma a criar um elo entre eles. Um encontro suscitado pelo desejo e pelo sentimento, cuja presença une-se a um status de fidelidade, ao atrair o desejo de conhecer o outro e o de hospedar-se nele. Sendo assim, poderemos aprofundar nas análises e questões a serem respondidas pelo conhecimento geográfico.

Como o nome de Parma, uma das cidades aonde eu deseja ir desde que lera *La Chatreuse*, me parecia compacto, liso, malva e suave, quando me falavam de uma casa qualquer de Parma onde eu seria hospedado, davam-me o prazer de pensar que habitaria uma casa lisa, compacta, malva e suave, que nada tinha de comum com as moradias de nenhuma cidade da Itália, pois a imaginava somente com o auxílio dessa pesada sílaba do nome Parma, onde não circula nenhum ar, e de tudo o que eu lhe fizera absorver de doçura sthendaliana e do reflexo das violetas. E quando pensava em Florença, era como uma cidade miraculosamente perfumada e semelhante a uma corola, porque se chamava a cidade dos lírios, e sua catedral, Santa Maria das Flores. (PROUST, 2006, p. 464).

O encontro entre os personagens e os lugares se manifesta por meio de experiências dentro de um sistema fenomenológico, cuja narrativa apreende todas as manifestações veiculadas em um determinado espaço e neles inseridas nas relações socioculturais tecidas por símbolos. Justamente tratadas pelos recursos literários.

Para fazer-se compreender através das temáticas a composição dos lugares e a criação dos personagens um material passível de futuras análises. Ao emergir novas abordagens e questionamentos sobre a produção do espaço diante das transformações que apagam coisas

e ressaltam outras dentro da perspectiva de buscar do que é mais humano nas relações sociais.

As paisagens aparecem como imagens a serem decifradas pelo observador ao tentar trazer os sentidos e significados produzidos por simbologias agenciadas para elaboradas um conjunto de lugares ao tomar uma individualidade tornando-os únicos para poderem ser interpretados, até mesmo comparados a outros lugares. Isso possibilita muitas vezes ressignificar o lugar devido ao jogo da organização social de acordo com os interesses da sociedade, cujo movimento se dá pelas relações sociais e culturais.

Essas imagens eram falsas ainda por outro motivo; é que eram forçosamente muito simplificadas; sem dúvida, aquilo a que minha imaginação aspirava e que meus sentidos só percebiam-no presente de modo incompleto e sem prazer nenhum, eu o havia encerrado no refúgio dos nomes; e como eu ali acumulara sonho, esses nomes imantavam agora os meus desejos; mas os nomes não são muito vastos; quando muito, podia introduzir neles duas ou três das “curiosidades” principais da cidade, onde elas se justapunham sem nada de permeio; no nome Balbec, como no vidro de aumento das canetas que a gente compra de lembrança nas praias, eu percebia vagas alvorotadas em torno de uma igreja de estilo persa. Pode ser até que a simplificação dessas imagens fosse uma das causas do domínio que tomaram sobre mim. (PROUST, 2006, p. 465).

Portanto, ao recuperar as reflexões dos jogos de imagens transitadas no lugar e na paisagem remetemo-nos a um movimento na imaginação. Assim tornam-se um instrumento reflexivo aplicado também aos lugares e às paisagens. No sentido de procurar algo deixado esquecido requerido pela imaginação com pré-condição para o acontecer de fato o encontro inesperado ou a espera de acontecimentos, uma espera que irá complementar algo vivido plasticizado por um movimento entrelaçado entre o real e o imaginário constitui àquilo que será revelado.

Outras vezes íamos aos bulevares, e eu me postava à entrada da rua Duphot; tinham me dito que muitas vezes ali se poderia ver Swann passar a caminho do dentista; e minha imaginação de tal modo diferenciava o pai de Gilbert do resto da humanidade, tal maravilha introduzia a sua presença no meio do mundo real que, antes mesmo de chegar à Madeleine, emocionava-me ao pensamento de me aproximar de uma rua onde poderia dar-se de súbito a sobrenatural aparição. (PROUST, 2006, p. 495).

As diferentes variações apresentadas no espaço geográfico, por meio dos lugares e das paisagens confirmam como a geografia pode abordar a literatura através das escalas de aprofundamento restituídos pelas observações e pelas reflexões movidas pelas experiências

internas e externas, as quais são aderentes à contemplação perante a constituição do espaço aliada nas transformações ocorridas no mundo.

A escala da percepção apresenta-nos a uma nova contingência, a qual emerge para o observador do lugar e da paisagem a aparição de objetos pelo encontro da imaginação e da realidade pelo gesto do pelo desejo revisado pela continuidade da explicação requeridas pela natureza. Ao dar continuidade aos elementos naturais eleva-se a compreensão que o homem e a natureza agem além de seu estado físico e estático, e sobressai a exigência de novas interpretações, a fim de fomentar a realização esperada pelo homem no mundo.

Sentia-se, que o Bois não era apenas um bosque, que ele correspondia a uma destinação estranha à vida de suas árvores, e a exaltação que eu experimentava não era causada apenas pela admiração do outono, mas por um desejo Manancial de uma alegria que a alma primeiro sente sem reconhecer-lhe a causa, sem compreender que nada de exterior a motiva. Assim olhava eu árvores, com uma insatisfeita ternura que as ultrapassava e se expandia, sem que eu soubesse, para essa maravilha das mulheres que passeavam e que elas todos os dias abrigavam por algumas horas. Dirigia-me para a alameda das Acácias. Atravessava maciços a que a luz matinal, impondo-lhes nova disposição, podava as árvores, reunia os diferentes ramos e compunha buquês. Ela atraía habilmente a si duas árvores; com as potentes tesouras do rio e da sombra, tirava a cada qual metade do tronco e dos galhos e, tramando as duas metades restantes, fazia um único pilar de sombra, delimitando o sol circundante, ou um único fantasma de claridade a que uma negra rede de sombra cingia o ilusório e trêmulo contorno. (PROUST, 2006, p. 503).

Desta forma, a natureza agrega a relação íntima entre seus elementos configurados pelas paisagens e percebidas pelos sentimentos e pelas emoções, os quais garantem uma narrativa por meio dos elementos obtidos pela centralização da produção do espaço presente. Pretende-se explicar as ações e práticas humanas plasmadas vividas na realidade, ao cobrir o mundo com sua diversidade. Ao homem é relegado o poder de constituir a forma da sociedade e o manejo dos recursos naturais agenciado pela cultura ao qual pertence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer os lugares e as paisagens destacadas na obra proustiana, abre-se uma oportunidade considerável no diálogo entre a Geografia e a Literatura devido sua expansão e aprofundamento das relações emitidas e capturadas nas relações sociais, espaciais e culturais agenciadas pelos cenários naturais e sociais.

Neste caso, organiza-se um material de análise, no sentido de redesenhar a produção do espaço por meio do objeto literário, além de suas maneiras de descrição o diálogo traz um elenco de novas temáticas pouco debatidas pelo conhecimento geográfico. Ao valorizar as experiências obtidas nas leituras cotidianas dentro da perspectiva da fenomenologia da percepção.

As relações sociais movem o interior e exterior praticadas nos lugares e são veiculadas nas ações apresentadas por meio de narrativas e sua leitura corresponde a sua necessidade de que nos remetem o uso dos recursos de escala, as quais promovem um elenco de variações interpretativas passíveis de análises na perspectiva de um giro pelo entorno vivido, que tem muito a nos revelar.

As passagens capturadas no romance tiveram um compromisso de nos levar a uma reflexão e um salto para compreender aquilo que podemos retirar ao dar uma atenção especial aos conhecimentos dos lugares e das paisagens por meio de uma escrita subjetiva que dialoga com o que o de fora tem a nos dizer. O resgate dos sentimentos e das emoções tiveram uma busca mais próxima dos atos da humanidade, e é configurar o sentido do espaço vivido que nos interpela a cada instante.

A dimensão simbólica do espaço vivido se desdobra na formação e na relação que a humanidade conhece por sua materialidade veiculadas no mundo, à medida em que esses elementos constitutivos do espaço: Território e Lugar permitem ser passageiros e não contínuos espacialmente, e depende de sua horizontalidade e de sua verticalidade, cujo encontro nos dá os lugares redesenhados por suas paisagens, ao ganhar relevo sobre nossos pensamentos, relega-se ao uso do espaço pontual aderido a suas referências espaciais para determinados grupos.

Há, portanto, uma justaposição de lugares e de paisagens que não são totalizantes, permitindo diferentes significações ao colocar a imaginação e realidade ao operar sobre seus sentidos suscitados pela presença do ideal e do real, oriundo da construção do modo de produção que cada grupo usos de um mesmo espaço pela valorização diferencial de acordo

com os grupos sociais, favorecendo a criação do sentimento de pertencimento e da cristalização evidente nos elementos sociais e naturais agenciados pelo gesto cultural do espaço social, em um mundo em constante fragmentação e tentativa de racionalização do mundo vivido.

A produção dos lugares e das paisagens advém em grande medida pelo uso do pensamento da humanidade a serem observados nas transformações no uso de recursos tanto intelectual quanto material, cujas possibilidades em compreender as relações sociais podem estar na identificação e na ação de determinado grupo. Isso serve de mediação nos vínculos que os sujeitos criam com o lugar como um meio de expressão e de manutenção dos significados que atribuímos ao mundo que vivemos.

A categoria analítica versada pelo lugar e pelas paisagens reconstitui-se a maneira de valorizar as experiências pelo olhar fenomenológico das ações da humanidade para abordar as dinâmicas espaciais por intermédio do poder, pode revelar os embates e disputas por permanência em dados lugares através dos grupos sociais, ao formatar as suas relações.

REFERÊNCIAS

- BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e cultura. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Olhares Geográficos: Modos de Ver e Viver o Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BROSSEAU, Marc. **Des romans-géographiques: essai**. Paris: L’Hamartan, 1996. 246p.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da Paisagem**. Trad. Marcos Marcolino, São Paulo. Martins Fontes. 2007.
- CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999^a.
- COLLOT, Michel. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Trad. Ida Alves ... [et al.]. Rio de Janeiro: Ed. Oficina Raquel, 2013.
- CHRISTINE BARON, <<**Littérature et géographie: lieux, espaces, paysages et écriture**”, *Fabula-Lht*, nº 8, Le partage des disciplines”>>, mai 2011, URL: <http://www.fabula.org/lht/8/baron.html>, page consultée le 11 décembre 2013.
- CORRÊA, R. L. ROSENDAHL. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2007.
- COSTA, Otávio J. Lemos. **A experiência do lugar na perspectiva proustiana: Diálogos entre Geografia e Literatura**. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*. V.9, nº1, p. 122-123 (2020) Número Especial – Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO).
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- DICTIONNAIRE DES GRANDS ÉCRIVAINS DE LANGUE FRANÇAISE**. Sous la Direction de Philippe Hamon et Denis Rogers-Vasselín: Paris. Le Robert. 2012.

DICTIONNAIRE MARCEL PROUST. Publié sous la direction d'Annick Bouillaguet et Brian G. Rogers. Paris, Champions Classiques, série<<Références et Dictionnaires>>. Honoré Champion, 2014.

ERMAN, Michel. **Em busca do tempo perdido: dicionário de nomes e lugares:** trad. Carla Cavalcante e Silva – 1ª edição, - São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e Método.** Trad. de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance.** Editora Cosac Naify: São Paulo, 2009.

MARANDOLA Jr. Eduardo, HOLZER. Werther, Oliveira, Livia de (Org). **Qual o espaço do Lugar? geografia, epistemologia. fenomenologia.** Editora Perspectiva: São Paulo, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro, Livraria Feitas Bastos S.A. 1971.

MONTEIRO, Carlos A. de Figueiredo. **O mapa e a trama:** Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis. Ed. UFSC, 2002.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900.** Trad.Sandra Guardini Vasconcelos, São Paulo: Boitempo, 2003.

MORETTI, Franco. **A cultura do romance.** Franco Moretti (Org.). Trad. Denise Bottmann, São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MOREIRA, Rui. **Geografia e Praxis:** a presença do espaço na teoria e prática geográfica. – São Paulo: Contexto, 2012.

PIRES, T. A. Sete teses sobre a geograficidade. **REVISTA DA ANPEGE**, v. 16, p. 176-214, 2020.

POULET, Georges. **O espaço proustiano.** Trad. de Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: IMAGO. (Biblioteca Pierre Menard), 1992.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**, Vol.1: No caminho de Swann. Prefácio, cronologia e resumo de Guilherme Ignácio da Silva. Volume 1, São Paulo. Ed. Globo, 2006.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**, Vol.2: À sombra das raparigas em flor. Prefácio, cronologia e resumo de Guilherme Ignácio da Silva. Volume 1, São Paulo. Ed. Globo, 2006.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA Jr. Eduardo, HOLZER. Werther, Oliveira, Livia de (Org.) **Qual o espaço do Lugar? geografia, epistemologia. fenomenologia.** Editora Perspectiva: São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Livia. O sentido de lugar. In: MARANDOLA Jr. Eduardo, HOLZER. Werther, Oliveira, Livia de (Org.) **Qual o espaço do Lugar? geografia, epistemologia. fenomenologia.** Editora Perspectiva: São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. 9. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** 1 ed., 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SEAMON, David. Usando o lugar para compreender o mundo da vida: o exemplo do romancista britânico Penelope lively em Spiderweb. **Espaço e Cultura.** UERJ, RJ. Jan/Jun de 2021, nº49, p.24-43.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vivos: geografia e fenomenologia.** São Paulo, editora Contexto, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2020.

SUZUKI, Júlio Cesar. Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos. **Revista Científica de Pesquisa e Formação/ nº5 setembro, 2017.**

WILLIANS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo. Companhia das letras, 2011.